

Serguei KOLOMNIN



# BATALHA HISTÓRICA DE QUIFANGONDO



“ A Batalha de Quifangondo significa para nós não apenas a primeira operação conjunta dos angolanos e cubanos contra o inimigo comum que culminou com a derrota rápida do adversário, desmoralizou os seus combatentes e permitiu transferir as forças, inclusive os internacionalistas cubanos para as zonas mais críticas da Frente Sul. Esta Batalha mostrou que o povo confiante na sua libertação, sempre obtém a vitória. Nela manifestou-se o internacionalismo na sua forma mais pura”

*Ex-combatente da Batalha do Quifangondo General das FAA na reserva António dos Santos França “Ndalú”*

“ ...Os rockets de 122 mm começaram a cair no vale de Quifangondo, não como um simples ribombar de trovão, mas em salva, vinte de cada vez. Os corações dos soldados estremeceram oprimidos de terror, quando se atiraram para o chão ou mantiveram-se de pé desamparadamente, hipnotizados, assistindo ao cair da salva seguinte no meio deles. E outra. E uma outra ainda... a força de choque se desmantelava e fugia em pânico, espalhando-se pelo vale em todas as direcções, abandonando armas, veículos, e também camaradas feridos...”

*Chefe do Grupo de Operações da CIA em Angola J. Stockwell, conselheiro norte-americano de H. Roberto.*

Serguei KOLOMNIN

---

# **BATALHA HISTÓRICA** DE QUIFANGONDO

---

Moscovo 2018

**УДК 341.541**  
**ББК 42.308.7**  
**С 48**

**С 48**            **Serguei KOLOMNIN “Batalha Histórica de Quifangondo”**  
Editorial “Ethnica” (o empreendedor individual A. Trochkov) 2018,  
128 páginas+galeria de fotos

ISBN 978-5-6041123-1-1

O livro de Vice-Presidente da União Russa dos Veteranos de Angola, Coronel na Reserva Serguei Kolomnin “Batalha Histórica de Quifangondo” trata de eventos dramáticos de Outubro e Novembro de 1975 quando estava a ser decidido o futuro da Angola independente. O jornal oficial das FAPLA “Njango ya Swalali” chamou esta batalha a “Mãe de Todas as Batalhas”. Graças à derrota dos invasores estrangeiros e oposição armada das forças coligadas FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA em Quifangondo, o MPLA soube conservar o controlo da capital do país Luanda na véspera da data marcada para a Proclamação da Independência de Angola.

Conforme mostra o estudo a que procedeu o autor, foram as armas soviéticas que desempenharam um papel decisivo na derrota da oposição armada e dos invasores estrangeiros em Quifangondo, acima de tudo, foram os lançadores múltiplos BM-21 “Grad” fornecidos pela URSS, na véspera da batalha e o emprego hábil desta arma, moderna e potente, naquela época.

Quem teria ganho se a URSS não prestasse a ajuda bélica ao MPLA? Sem dúvidas que seria a racista África do Sul. O que teria acontecido na região se a racista África do Sul ocupasse, além de Namíbia a República de Angola? E quanto tempo, depois disso, continuaria o seu domínio na região? Quanto tempo demoraria o criminoso apartheid?

ISBN 978-5-6041123-1-1

**УДК 341.541**  
**ББК 42.308.7**

© Serguei Kolomnin, 2018  
© Design Editorial “Ethnica”, 2018

---

# BATALHA HISTÓRICA DE QUIFANGONDO

---





## Prefácio à edição em português

Estimado Leitor.

Apresentamos um livro de Serguei Kolomnin “Batalha Histórica de Quifangondo” que trata de eventos dramáticos de Outubro e Novembro de 1975 quando estava a ser decidido o futuro da Angola independente. É uma obra histórica, não ideológica.

Graças à vitória histórica na Batalha de Quifangondo, derrota dos oposicionistas armados da FNLA de Holden Roberto e dos invasores zairenses e sul-africanos, o MPLA soube manter o controlo da capital do país. À noite de 11 de Novembro de 1975, em plena conformidade com os Acordos celebrados com a Administração Portuguesa, o Presidente do MPLA Agostinho Neto proclamou a Independência de Angola. Esta vitória teve uma importância excepcional na História contemporânea de Angola, tendo contribuído para a consolidação do poder do MPLA e, posteriormente, a ajuda de Cuba e os fornecimentos do material militar soviético permitiram resistir à agressão externa da RSA, preservar a soberania e a independência. Hoje, apesar de uma guerra civil de muitos anos, das transformações políticas que resultaram na legalização, no início do século XXI, da FNLA e da UNITA, há mais de 30 anos Angola é dirigida pelo MPLA liderado pelo seu Presidente Engenheiro José Eduardo dos Santos.

Nesta obra o autor, muito detalhadamente e com numerosas referências a documentos históricos originais, explana a situação geral em Angola na véspera da batalha e da proclamação da Independência, a distribuição das forças militares no Norte do país, descreve em pormenor a primeira etapa da operação de prestação de ajuda ao MPLA por parte de Cuba – Operação “Carlota”.

O autor apresenta provas convincentes de que a “Carlota” foi uma resposta do MPLA e Cuba à invasão directa da RSA e do Zaire. O “soldado da fortuna” brasileiro, ex-combatente da Batalha do Quifangondo ao lado da FNLA, Pedro Marangoni, nas suas memórias disse que em caso da derrota do MPLA “se o indisciplinado exército zairense entrasse em Luanda, tudo seria arrasado e saqueado e uma avalanche de tropas de Mobutu Sesse Seko se despejaria pela fronteira norte, numa ocupação criminosa”. É nosso adversário que diz isso! Mas tal desenrolar dos acontecimentos foi impedido pelos patriotas angolanos do MPLA e combatentes internacionalistas cubanos que contavam com o fornecimento de armas e equipamento da URSS. Foi uma Vitória do Internacionalismo!

Quero dar um especial destaque a que o autor na sua análise do decorrer e dos resultados da Batalha de Quifangondo de 23 de Outubro a 10 de Novembro de 1975 se apoia nas recordações e testemunhos de várias pessoas e fontes (FAPLA, FNLA, sul-africanos, estudos de históricos russos, angolanos, portugueses e norteamericanos etc.) que representam diferentes partes do conflito armado, o que torna este estudo particularmente valioso.

A meu ver, S. Kolomnin é muito convincente nas suas provas de que eram as armas soviéticas que desempenharam um papel de especial importância na derrota da oposição armada e invasores estrangeiros na batalha de Quifangondo, nomeadamente, canhões antiaéreos de quatro canos ZPU-4, veículos blindados BRDM-2, canhões ZIS-3, canhões sem recuo B-10, lançadores portáteis “Grad-1-P”, além de outras armas. Mas o papel decisivo na derrota das colunas de invasores que, no dia 10 de Novembro de 1975, avaçavam em direcção a Quifangondo tiveram as salvas potentes de quatro lançadores múltiplos (MLRS) BM-21 “Grad”, fornecidos pela URSS mesmo na véspera da Batalha. Cabe dar destaque especial a este facto visto que hoje certos historiadores e alguns veteranos da Batalha opinam que as tropas da FNLA e do Zaire, integrando vários milhares de soldados (entre os quais havia experientes comandos portugueses) com apoio do material blindado e artilharia de longo alcance sul-africana foram postas em debandada exclusivamente pelo tiro de lançadores angolanos, ou seja, de seis lançadores portáteis “Grad-1-P”.

Não há dúvida que a Bateria de seis “Grad-1P” da 9ª Brigada de Infantaria das FAPLA e outras peças de artilharia que participaram na Batalha contribuíram substancialmente para a derrota do inimigo e a vitória nos combates de Quifangondo. Porém, se compararmos e analisarmos as capacidades da Bateria de BM-21 “Grad” (quatro lançadores múltiplos de 40 canos cada) e da Bateria angolana de “Grad-1-P” (seis lançadores de um cano), a superioridade dos BM-21 é evidente.

A Bateria integrava quatro veículos de combate BM-21 “Grad”. A duração da salva de um veículo é de 120 segundos. Imaginem só o efeito da explosão praticamente simultânea de 160 foguetes! Muitos sobreviventes naquela Batalha que combateram ao lado da FNLA, inclusive o próprio Holden Roberto e o seu conselheiro americano J. Stockwell, dedicam várias páginas das suas memórias àquele ataque.

Convém dizer que mesmo na imprensa soviética, onde a informação sobre os acontecimentos daquele período em Angola era bastante escassa,

apareceram publicações sobre o emprego dos lançadores múltiplos na batalha de Quifangondo.

A revista soviética “Vokrug Sveta” N.º5 (2500). Maio de 1982. Rubrica “Dos Países e Povos”. O artigo “Carnaval da Vitória”. O correspondente do jornal “Pravda” Valeriy Volkov escreve: “... O inimigo continua a avançar em formação de ataque sendo apoiado por veículos blindados tripulados por mercenários portugueses. Mal o primeiro pelotão entra na área de cobertura, soa o primeiro tiro e um veículo blindado arde. Em seguida é destruído um outro blindado. A infantaria modera o passo e finalmente pára. Neste momento disparam os lançadores múltiplos. O inimigo não tem nenhuma chance de se abrigar...”.

A conservação e divulgação da informação verídica sobre a ajuda soviética, russa e cubana a Angola nos anos de 1975–1992, sobre o trabalho neste país dos assessores, especialistas e tradutores militares russos, bem como dos combatentes internacionalistas cubanos é uma questão de princípios e de particular importância para a União dos Veteranos de Angola na Rússia. A URSS e Cuba contribuíram seriamente para a conquista da independência por Angola em 1975, preservação da sua soberania e integridade territorial na década de 80 do século XX e sua vitória na célebre Batalha de Cuito Cuanavale em 1987–1988 que resultou na retirada das tropas sul-africanas do território de Angola e, em seguida, da Namíbia por eles ocupada que igualmente tornou-se independente. Logo depois, foi concluída a desmontagem do hediondo regime do apartheid na RSA. Estes eventos importantes no Sul de África seriam absolutamente impossíveis sem a vitória das FAPLA em Angola e sem ajuda prestada pela URSS e Cuba ao MPLA. O início deste longo caminho de libertação da África Austral foi marcado pela vitória na Batalha de Quifangondo, em Novembro de 1975.

Estou convencido que este livro contribuirá para a preservação da gloriosa História das Forças Armadas Angolanas, assim como da verdade histórica concernente à cooperação militar entre a Rússia e Angola.

Estou certo que este livro também vai motivar a discussão sobre a Batalha de Quifangondo entre veteranos das FAPLA, participantes daqueles eventos, os historiadores angolanos e estrangeiros.

**Vadim Sagatchko,**

*Presidente da União Russa dos Veteranos de Angola,  
Coronel na Reserva, Ex-Assessor do Comandante  
da Brigada de Infantaria em Angola*



## Introdução

Na história contemporânea de Angola a Batalha de Quifangondo (ou Kifangondo) – nome dado a um lugar pitoresco situado no morro a poucos quilómetros a norte de Luanda, junto à foz do rio Bengo tem uma importância especial. Foi aqui que, de 23 de Outubro a 10 de Novembro de 1975, teve lugar a Batalha entre as forças conjuntas do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e dos combatentes internacionalistas cubanos, de um lado, e os destacamentos da FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), apoiados pelas tropas regulares zairenses, sul-africanas e um contingente de mercenários estrangeiros, de outro lado<sup>1</sup>, cuja importância para a História moderna de Angola é difícil subestimar.

O jornal oficial das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA) “Njango ya Swalali” chamou esta batalha a “Mãe de Todas as Batalhas”. Considera-se que foi em Quifangondo que começou a marcha triunfal do MPLA em Angola. Graças à derrota dos invasores estrangeiros e oposição armada das forças coligadas FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA em Quifangondo, o MPLA soube conservar o controlo da capital do país Luanda na véspera da data marcada para a Proclamação da Independência de Angola. O líder do MPLA Agostinho Neto, na noite de 11 de Novembro de 1975, em nome do seu Movimento proclamou a Independência de Angola e formou o Governo unipartidário posteriormente reconhecido por quase todos os países do mundo e importantes Organizações Internacionais.

Apesar dos combates na região de Quifangondo, quanto à dimensão e duração, não eram tão impressionantes como, por exemplo, as da batalha do Cuito Cuanavale de 1987–1988, e o número de militares das partes beligerantes que participaram em combates não era superior a alguns milhares de combatentes, para os angolanos Quifangondo foi uma verdadeira Batalha. “Na véspera da proclamação da independência de Angola, a pacata localidade de Quifangondo, terra de gente camponesa, conhecia a maior concentração militar de que há memória em número de tropas e equipamento e tecnologia militar. Naquele momento, Quifangondo era um palco de um conflito internacional”<sup>2</sup>; pensa o participante da batalha, hoje general das FA

1 FAPLA baluarte da paz em Angola. Berger-Levrault International, Paris, 1989, p. 110.

2 [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo)

da República de Angola, Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier. Para os angolanos a palavra “batalha” tem um significado muito especial para o entendimento da importância deste evento para toda a História posterior de Angola, desde 1975 até aos nossos dias.<sup>3</sup> E não é por acaso que, no início do século XXI, é na região de Quifangondo que o Governo de Angola construiu um grandioso memorial que hoje é o principal Monumento Nacional em homenagem aos heróis da luta pela Independência de Angola.

A informação que se tornou do conhecimento público sobre a participação nos combates de Quifangondo ao lado da FNLA das unidades militares do odioso regime do apartheid existente na época na RSA e dos mercenários europeus contribuiu decisivamente para a mobilização da opinião pública mundial a favor do MPLA e ao mesmo tempo afectou seriamente a reputação do líder da FNLA Álvaro Holden Roberto no qual apostavam os EUA e outros países ocidentais. Como consequência, os dirigentes de muitos países africanos que inicialmente censuravam a intervenção de Cuba em Angola, assumiram uma atitude mais ponderada e concordaram mesmo com os argumentos do MPLA relativos ao seu direito à ajuda militar por parte de Cuba. Portanto, a Batalha de Quifangondo, além de ser uma importante vitória militar, é uma enorme vitória política do MPLA e do seu “braço armado” – as FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola).

Porém, apesar de a Batalha de Quifangondo ser considerada em Angola de “indiscutível importância histórica”<sup>4</sup>, não sendo tal opinião totalmente destituída de fundamento, até hoje existem poucas obras científicas publicadas em Angola ou no exterior que descrevam detalhadamente o seu desenrolar, a composição de forças e meios das partes beligerantes, a importância e as consequências desta batalha. A tentativa dos jornalistas da edição militar angolana “Njango ya Swalali” e historiadores das FAPLA de descrever a História da Guerra no Norte de Angola entre 1975–1976 e dos eventos no Quifangondo, empreendida há mais de 30 anos, sem dúvida merece o maior respeito.<sup>5</sup> Porém, as referidas publicações prioritariamente continham o ponto de vista da parte vencedora. Ademais, na época, os jornalistas da

3 Como é sabido, apesar de uma guerra civil de muitos anos, das numerosas transformações políticas que resultaram na legalização, no início do século XXI da FNLA e da UNITA, desde Novembro de 1975, há mais de 30 anos Angola é dirigido pelo MPLA liderado pelo seu Presidente Engenheiro José Eduardo dos Santos.

4 XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986.

5 Nos anos 80 do século XX o jornal das FAPLA “Njango ya Swalali” publicava regularmente as memórias dos participantes dos eventos no Kifangondo do lado do MPLA (FAPLA). [http://jornaldeangola.sapo.ao/19/46/o\\_njango\\_ya\\_swalali](http://jornaldeangola.sapo.ao/19/46/o_njango_ya_swalali)

“Njango ya Swalali” não tiveram acesso a documentos que hoje são disponíveis graças à Internet e à desclassificação de vários materiais outrora sigilosos.

Nas fontes históricas escritas relativas à Batalha de Quifangondo que são acessíveis hoje notam-se divergências quanto ao número de forças e meios envolvidos na confrontação e ao próprio decorrer da batalha. Nas suas memórias os participantes da batalha (tanto do lado do MPLA e dos cubanos como do lado da FNLA e dos seus aliados de então) destacam o seu papel naqueles eventos frequentemente subestimando os feitos dos adversários. Ademais, já passaram mais de 40 anos desde aqueles eventos e a memória humana não é perfeita.

Infelizmente, até hoje, a parte vencedora, as FAPLA, publicaram muito poucos testemunhos escritos sobre os acontecimentos de Outubro e Novembro de 1975 no Quifangondo. Porém, em 2010, teve lugar um evento notável: pela primeira vez na Angola Independente, por iniciativa do Ministério da Defesa Nacional em Luanda, no âmbito da Comemoração do 35º Aniversário da proclamação da Independência de Angola foi realizada uma Conferência científica dedicada à Batalha de Quifangondo. Nesta Conferência discursaram vários participantes da batalha do lado da FNLA e das FAPLA, assim como os historiadores especializados no estudo da Batalha, sendo posteriormente publicada a Colectânea de discursos proferidos “A batalha de Quifangondo. 1975. Factos e documentos”<sup>6</sup>. Apesar da exclusiva importância da Conferência realizada, a Colectânea publicada, infelizmente, a meu ver, não pode ser considerada como obra científica abrangente que engloba todos os aspectos da Batalha. Os participantes da Conferência, a meu ver, não souberam desenvolver uma abordagem profunda e completa dos acontecimentos de Outubro a Novembro de 1975, sendo isso particularmente importante para a avaliação objectiva do passado. Pois, a história, no seu sentido restrito, é a ciência que estuda as fontes, documentos, testemunhos do passado visando estabelecer a sequência dos eventos, revelar o processo histórico, sua objectividade e tirar conclusões sobre as causas e efeitos.

Nas intervenções dos participantes á Conferência há muitas contradições sérias condicionadas, inclusive, pelo facto de que alguns deles até hoje apoiam-se unicamente na sua memória (que, repito, está longe de ser perfeita), não citando outras fontes, nem recorrendo

---

6 Miguel Júnior. A batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos. Mayamba Editora, Luanda, 2011.

a referências às publicações científicas que, embora sejam pouco numerosas, todavia existem. Assim, um dos comandantes do ELNA na Batalha de Quifangondo Tonta Afonso de Castro na sua intervenção declarou que “quatro canhões de 90 mm sul-africanos” que chegaram para apoiar as forças da FNLA alegadamente foram destruídos por um avião ligeiro do MPLA e por isso os sul-africanos foram obrigados a abandonar o campo de batalha<sup>7</sup>. As fontes dignas de confiança comprovam que a aviação ligeira do MPLA (FAPLA) realizava voos de reconhecimento<sup>8</sup>, todavia não podendo levar a bordo bombas pesadas capazes de destruir posições de artilharia. Além disso, a maioria das testemunhas e documentos por parte da RSA confirmam que os canhões sul-africanos na batalha de Quifangondo não eram quatro<sup>9</sup>, mas sim três peças, sendo de calibre maior (de 140 mm em vez de 90 mm mencionados) que abandonaram intactos as suas posições de tiro somente depois do início massivo do bombardeamento das suas posições pela artilharia e BM-21. Aliás, estas não são as últimas afirmações controversas do participante daquela batalha publicadas nesta edição. Mais adiante, vamos voltar às citações da referida Colectânea.

A reconstituição daqueles eventos é ainda dificultada pela indisponibilidade dos formulários históricos das unidades das FAPLA visto que os mesmos não podiam existir nas condições do período inicial da transformação dos destacamentos guerrilheiros em unidades do exército regular. Nas suas reminiscências muitos participantes á Batalha, em vez de precisa composição numérica das tropas ou do tipo concreto do material bélico, frequentemente usam de modo pouco correcto os termos militares, sendo mencionadas nos documentos as desconhecidas “unidades blindadas”, “batalhões de BRDM”, e as unidades de composição numérica igual são chamadas de “baterias”, “pelotões” ou “companhias”. Devido à ausência naquela altura nas FAPLA e no ELNA (Exército de Libertação Nacional de Angola—estrutura militar da FNLA)<sup>10</sup> da estrutura orgânica bem definida, frequentemente é difícil estabelecer o número real de armas e pessoal envolvidos naqueles eventos.

O autor colocou para si, como objectivo, proceder a uma análise imparcial e generalizar as fontes escritas ao seu alcance, as gravações

7 Idem. p. 19.

8 Recordações do participante da Batalha Salviano de Jesus Sequeira “Kianda”. Revista “Defender”, №24, 2014, p. 17.

9 No livro “CIA contra Angola”, União Dos Escritores Angolanos, Luanda, Stockwell J. menciona quatro canhões da RSA. Porém, nas suas memórias os sul-africanos dizem de três peças de artilharia.w

10 De facto, o ELNA foi uma força meramente declarativa, mal estruturada e sem órgãos de comando que na realidade eram substituídos pelos órgãos políticos da FNLA. Portanto, adiante, para a denominação do Exército de H. Roberto será usado o termo “Forças Armadas da FNLA”.

das memórias orais dos veteranos das FAPLA e internacionalistas cubanos com quem teve encontros em Angola e Cuba, dos partidários da FNLA que participaram na batalha, assim como uma série de obras e estudos de históricos russos, angolanos, cubanos, portugueses, brasileiros, sul-africanos e norteamericanos contendo referências à Batalha de Quifangondo de 1975.

Esta obra analisa do ponto de vista histórico, baseando-se nas fontes existentes a situação geral em Angola na véspera da batalha, apresenta a distribuição das forças políticas e militares no Norte de Angola na véspera da proclamação da Independência, descreve o decorrer da batalha de 23 de Outubro a 10 de Novembro de 1975, composição de forças e meios das partes beligerantes (sendo citados, na medida do possível, respectivos dados numéricos), analisa as causas básicas da vitória das FAPLA.

O texto evidentemente reflecte a visão pessoal do autor que, em 1977–1978, sendo especialista militar (tradutor militar) do Ministério da Defesa da URSS, esteve em Angola, e muitas vezes visitou em missões de serviço a região de Quifangondo e Caxito, teve encontros com os habitantes locais, militares das FAPLA e combatentes cubanos aquartelados em Angola que se lembravam ou foram participantes activos daqueles eventos. Estes encontros como muitos outros são citados nesta obra.

Um dos objectivos deste estudo é o restabelecimento da justiça histórica relativa ao papel dos fornecimentos soviéticos de armas e equipamentos a Angola para o MPLA e tropas cubanas na véspera da proclamação da independência do país. Infelizmente, em muitas fontes e memórias, especialmente mais recentes, dos participantes daqueles eventos, em muitos casos não é referida a ajuda prestada ao MPLA pela URSS logo antes do início da batalha.

Entretanto, conforme mostra o estudo a que procedeu o autor, foram as armas soviéticas que desempenharam um papel decisivo na derrota da oposição armada e dos invasores estrangeiros em Quifangondo, acima de tudo, foram os lançadores múltiplos BM-21 “Grad” fornecidos pela URSS, na véspera da batalha e o emprego hábil desta arma, moderna e potente, naquela época. Outro objectivo fundamental deste estudo é esclarecer o número exato dos BM-21 utilizados no golpe decisivo no dia 10 de Novembro em Quifangondo. Muitas fontes dizem, que eram seis ou até mais. Além disso o autor investigou detalhadamente de que maneira e quando estes BM-21 apareceram em Quifangondo.

É necessário dizer que a Batalha de Quifangondo em 1975 foi o primeiro caso de emprego operacional dos lançadores (MLRS) BM-21 “Grad” não só em Angola, mas em toda a África subsariana. Se a 10 de Novembro de 1975 as forças conjuntas angolano-cubanas em Quifangondo não dispusessem de uma arma tão poderosa e eficiente, a História de Angola podia seguir um caminho totalmente diferente. Qual?

Aguns críticos dizem hoje que a ajuda da URSS e Cuba ao MPLA e os eventos de Quifangondo provocaram a longa guerra civil em Angola. Mas isso não é verdade. Recorremos a análise histórica dos eventos feita pelo Ex-Vice Ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS Anatoly Adamishin no seu livro “Sol Branco de Angola”. “Quem teria ganho se a URSS não prestasse a ajuda bélica ao MPLA? Sem dúvidas que seria a racista África do Sul. Ela interveio de maneira aberta nos assuntos internos de Angola. As colunas militares sul-africanas foram travadas nas proximidades de Luanda. O que elas faziam lá? Elas levavam ao poder o seu “amigo” Savimbi. O que teria acontecido na região se a racista África do Sul ocupasse, além de Namíbia a República de Angola? E quanto tempo, depois disso, continuaria o seu domínio na região? Quanto tempo demoraria o criminoso apartheid?”<sup>11</sup>

O ex-combatente da Batalha do Quifangondo ao lado da FNLA, Pedro Marangoni, nas suas memórias é de opinião seguinte “se o indisciplinado exército zaireense entrasse em Luanda, tudo seria arrasado e saqueado e uma avalanche de tropas de Mobutu Sesse Seko se despejaria pela fronteira norte, numa ocupação criminosa”. Pois mesmo caso FNLA e UNITA com ajuda do Zaire e da RSA se apoderassem de Luanda em 1975 a guerra não teria terminado de modo algum. O MPLA sem dúvida continuaria a resistir. De facto se não tivesse sido a “Operação Carlota”, Angola teria perdido muita mais gente e infra estruturas...

O triunfo na Batalha de Quifangondo e muito em especial a vitória na Batalha do Cuito Cuanavale, tornou possível a libertação posterior da Namíbia do domínio sul-africano, tendo substancialmente acelerado a desmontagem do regime do apartheid na RSA e a chegada ao poder do Governo do Congresso Nacional Africano (ANC) que representava a maioria africana daquele país. Graças a isso, Angola figuradamente pode hoje ser chamada de “trampolim” a partir do qual “arrancou” a

---

11 Adamishin A. Sol Branco de Angola. M., 2001. pág. 196–197.

independência da Namíbia e foi concluída a desmontagem do hediondo regime de discriminação racial na RSA. Isso é a verdade histórica. O autor de modo nenhum insiste em ser portador da verdade absoluta na sua exposição dos factos históricos relativos à Batalha de Qui-fangondo, nem alega uma abrangência exaustiva de todas as obras científicas dedicadas aos referidos eventos. Os veteranos das FAPLA que participaram na batalha histórica, os historiadores angolanos e estrangeiros, sem dúvida alguma, poderão complementar esta narrativa com novos factos e testemunhos fidedignos.

## Na véspera da Independência

Após a ascensão ao poder em Portugal, em Abril de 1974, do Movimento das Forças Armadas (MFA), os novos dirigentes do país tomaram a decisão sobre a concessão da independência aos seus “territórios ultramarinos”, inclusive a Angola. Na época, o movimento de libertação nacional em Angola foi representado por três Movimentos: o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) de António Agostinho Neto, que, desde o início da década de 60 do século XX, contava com o apoio entre outros de países da URSS e de Cuba; a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) liderada por Álvaro Holden Roberto, apoiada pelos EUA e Zaire; a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), presidida por Jonas Malheiro Savimbi que igualmente recebia ajuda militar de vários países ocidentais. O novo Governo Português reconheceu estas três Organizações como Partes Oficiais nas negociações que visavam a criação de uma base jurídica para a transferência do poder em Angola ao povo deste país, inclusive a realização das eleições livres para a Assembleia Constituinte. A 4 de Janeiro de 1975, os líderes do MPLA, FNLA e UNITA reuniram-se em Mombaça no Quênia e acordaram na constituição do governo transitório de coalizão, futuros órgãos do poder e Forças Armadas conjuntas de Angola.<sup>12</sup>

Em Janeiro do mesmo ano, em Alvor (Portugal) foi celebrado o Acordo quadripartido entre o MPLA, FNLA, UNITA e o Governo Provisório de Portugal que, em particular previa: a constituição do Governo de Transição em Angola, integrando os representantes dos três Movimentos e os representantes da nova Administração Portuguesa; formação dos órgãos da administração civil e militar dos representantes dos três Movimentos; eleição para a Assembleia Constituinte em Outubro de 1975 que devia eleger o Presidente do país.<sup>13</sup> Em conformidade com o Acordo de Alvor (Portugal) de 15 de Janeiro de 1975, celebrado entre o Governo de Portugal, de um lado e o MPLA, a FNLA e a UNITA, de outro lado, a proclamação da Independência de Angola e a transferência de poder ao Governo formado ficou marcada para 11 de Novembro de 1975.

<sup>12</sup> Angola: Rumo à Independência. O Governo de Transição, documentos e personalidades. Luanda, 1975, p. 25.

<sup>13</sup> Tokarev A. FNLA na luta anticolonial e guerra civil em Angola. Instituto de África da Academia de Ciências da Rússia (RAN), Moscovo, 2006.



Todavia, devido a divergências políticas de longa data existentes entre o MPLA, FNLA e UNITA, muito em breve o Governo de Transição formado por três movimentos cindiu-se!<sup>14</sup> À medida que se aproximava o dia 11 de Novembro, as contradições entre o MPLA, FNLA e UNITA se agravavam e finalmente resultaram em confrontos armados abertos entre os seus partidários, sendo as primeiras hostilidades registadas no segundo trimestre de 1975!<sup>15</sup>

Durante o ano de 1975, a FNLA e a UNITA recebiam extensa ajuda militar estrangeira prestada pelos países do Ocidente!<sup>16</sup> Em Janeiro de 1975, a CIA dos EUA transferiu a Holden Roberto 300 mil dólares destinados “ao combate contra o MPLA”. No início de Junho de 1975, a CIA elaborou o projecto de Programa de ajuda militar aos elementos pró-americanos em Angola no valor de 6 milhões de dólares americanos. Porém, em Julho de 1975, o Comité dos 40 e o Presidente dos EUA G. Ford procederam à revisão do referido Programa, tendo aumentado o financiamento dos 6 para 14 milhões de dólares!<sup>17</sup>

Além da CIA dos Estados Unidos, o Movimento de Holden Roberto recebia ajuda militar do Zaire, França, RSA e de muitos países ocidentais, inclusive, em determinado período, da China. O líder da UNITA, que também contou com apoio de muitos países ocidentais e da CIA, deu um passo sem precedentes na História dos movimentos de libertação nacional de África, tendo solicitado ajuda militar directa ao regime do apartheid da RSA.

A FNLA e a UNITA, de facto, formaram uma coalizão que procurava eliminar o MPLA do palco político por via militar, sendo os Estados Unidos apoiante externo mais importante destes planos. Em Julho de 1975, o Chefe de Operações da Divisão da CIA para África, George Costello, ao dar instruções ao então nomeado Chefe do Grupo de Operações da CIA em Angola J. Stockwell, disse: “14 milhões de dólares estão destinados ao apoio a Savimbi e Holden Roberto. Hoje, fornecemos armas a Kinshasa para compensar aquilo que Mobutu (Presidente do Zaire Mobutu Sesse Seko) das suas reservas dirigiu a Angola”. “A ideia é neutralizar militarmente o MPLA, até à realização das eleições em Outubro”!<sup>18</sup>

14 Tokarev A. Ásia e África Hoje. N.º5, 2002.

15 Piero Gleijeses, Jorge Risquet, Fernando Ramirez. Cuba y Africa. Historia comun de lucha y sangre. Editorial Ciencias Sociales, La Habana, 2007, p. 4.

16 De Janeiro a Novembro de 1975, o montante total da ajuda dos EUA aos Movimentos FNLA e UNITA em Angola cifrou-se em cerca de 332 milhões de dólares. Conforme os dados citados em: Porter B.D. The USSR in Third World Conflicts. N.Y., 1983, p. 171–172.

17 Vivo Raul Valdes. Angola: Fim do Mito dos Mercenários (Tradução de espanhol). M., 1978, p. 45.

18 Stockwell J. CIA contra Angola. União Dos Escritores Angolanos, Luanda, pág. 31.

Em 25 de Julho de 1975, o líder da FNLA, Holden Roberto, aberta e publicamente exortou os seus partidários a iniciar a “guerra total” contra o MPLA e deu às suas unidades a ordem de tomada de Luanda. “Não é para negociar que vamos a Luanda,— disse ele numa entrevista concedida a 24 de Julho ao correspondente da AFP,— mas, sim, para assumirmos o governo do país”<sup>19</sup>

Logo depois da FNLA, a guerra ao MPLA foi declarada pelo líder da UNITA, Jonas Savimbi.<sup>20</sup> No país rebentou a guerra civil aberta. Nos confrontos armados entre o MPLA e a FNLA em Luanda foram mortas várias centenas de pessoas. Em particular, a 27 de Julho de 1975, tombaram em combate 20 combatentes liderados por um dos fundadores das FAPLA Nelito Soares.<sup>21</sup> Porém, para o dia 12 de Agosto de 1975, as unidades do MPLA que contavam com vasto apoio da população da capital conseguiram expulsar de Luanda as forças da FNLA e da UNITA que, segundo a agência noticiosa “Reuters”, na altura combatiam juntas contra o MPLA. O MPLA soube tomar o controlo total da capital.<sup>22</sup> As forças principais da FNLA viram-se obrigadas a retirar-se para o Norte do país e as unidades da UNITA recuaram para o Sul.

Em meados de Setembro de 1975, Angola, de facto, ficou dividida em três zonas de influência ficando cada uma delas controlada por um dos três Movimentos. A FNLA controlava as províncias do Norte de Angola: Zaire, Uíge e uma parte do Kwanza-Norte, a fronteira com o Zaire. Os aeródromos de Carmona, Negaje e Ambriz eram utilizados pela FNLA para receber ajuda militar dos EUA e Zaire. O município de Ambriz praticamente transformou-se na capital militar da FNLA embora o Quartel-General oficial de Holden Roberto se encontrasse na cidade de Carmona (hoje Uíge).

O MPLA defendia Luanda e mantinha sob o seu controlo uma larga frente na parte central do país que chegava até à fronteira com a Zâmbia, bem como o litoral atlântico até à fronteira com a Namíbia (grandes cidades: Malanje, Henrique de Carvalho (hoje Saurimo) e três importantes portos – Lobito, Benguela e Moçâmedes). O Quartel-General do MPLA estava em Luanda. A UNITA controlava as zonas ao sul do caminho-de-ferro de Benguela, toda a região Centro-Sul

19 Tokarev A. FNLA na luta anticolonial e guerra civil em Angola. Instituto de África da Academia de Ciências da Rússia (RAN), Moscovo, 2006.

20 Breve cronologia da luta de libertação nacional do Povo Angolano sob a direcção do MPLA (1956-1975). Departamento de História da Direcção Política Nacional das FAPLA, 1987, p. 19.

21 Entrevista do autor com o Chefe do Departamento de História da Direcção Política Nacional das FAPLA Major Amadeu Francisco Martins, 10 de Novembro de 1986.

22 Stockwell J. CIA contra Angola. União Dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 44.

(território pouco povoado ou mesmo despovoado) até à fronteira com a Zâmbia e Namíbia. O Quartel-General de Jonas Savimbi estava situado na cidade de Nova Lisboa (hoje Huambo)<sup>23</sup>

Uma zona especial era a Província de Cabinda rica em petróleo, separada do território principal de Angola pelo território do Zaire (hoje República Democrática do Congo) onde a oposição armada ao MPLA (apoiada pelo Zaire) foi representada por unidades da FNLA e da organização separatista Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC), não reconhecida pela Comunidade Internacional como movimento de libertação nacional angolano legítimo que não participou na Cimeira em Mombaça, nem na celebração do Acordo de Alvor a 15 de Janeiro de 1975.

À medida que a data da proclamação da Independência de Angola se aproximava, definida no Acordo de Alvor (11 de Novembro de 1975), a ajuda ocidental à FNLA e UNITA ia sendo aumentada. Na CIA, a operação de apoio à FNLA e UNITA foi atribuído o nome de código de IAFEATURE. Em Julho, a CIA organizou o fornecimento directo de armas à FNLA a partir de Kinshasa (Zaire). As armas, prioritariamente desactivadas pelo Exército do EUA, assim como as munições e o equipamento, eram transferidos por aviões C-130 dos armazéns em San António e depois para a Base Aérea de Charleston nos Estados Unidos, sendo em seguida transportados por aviões C-141 da 437ª Ala da FA dos EUA (437 Military Airlift Wing) para Kinshasa. Dali, a carga militar era transportada por camiões ou aviões ligeiros para as regiões do norte de Angola. Cada voo do C-141 custava 80 mil dólares aos contribuintes norte-americanos. Os norte-americanos forneceram através de Mobutu as armas no valor total de 32 milhões de dólares. Segundo certas fontes, além disso, as armas foram fornecidas a Angola através do Zaire a partir das Bases Militares dos EUA na Alemanha.<sup>24</sup>

Cabe notar que, desde o segundo semestre de 1975, a FNLA igualmente começou a receber ajuda da China. A 29 de Maio, ao Zaire chegaram 112 instrutores chineses para o treino dos militares da FNLA.<sup>25</sup> A 10 de Setembro de 1975, a FNLA oficialmente reconheceu a recepção de 450 toneladas de armas e equipamento da China. A ajuda militar da França para a FNLA também chegava através do Zaire. Sabe-se que

---

23 Tokarev A. FNLA na luta anticolonial e guerra civil em Angola. Instituto de África da Academia de Ciências da Rússia (RAN), Moscovo, 2006.

24 "Tragédia de Angola" <http://www.army.lv/?s=103&id=1199>

25 Stockwell J. CIA contra Angola. União Dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 67.

Paris enviou a Mobutu os mísseis “Entac”, granadas para morteiros de 120 mm e munições para os veículos blindados AML Panhard, assim como quatro helicópteros “Alouette” e mísseis não guiados para estes, aliás, sem pilotos, nem pessoal de manutenção. A maior parte deste material (excepto os helicópteros) foi transferido para Angola pelos canais da CIA dos EUA.<sup>26</sup>

A 22 de Agosto de 1975, as tropas regulares da RSA invadiram o território angolano<sup>27</sup> O pretexto oficial da invasão foi a “necessidade de garantir a segurança” da Barragem de Calueque no rio Cunene que traça parte da fronteira entre Angola e a Namíbia. Os sul-africanos ocuparam a Barragem e os territórios adjacentes. No mês de Agosto de 1975, o Ministro da Defesa da RSA, Pieter Botha, aprovou a Directiva N° 8/75 que prescrevia prestar apoio imediato à FNLA e UNITA na luta contra o MPLA. Para a coordenação do treino dos soldados da FNLA e UNITA e fornecimento de armas, a Angola foram enviados conselheiros militares sul-africanos tendo no comando o chefe das forças especiais do Exército da RSA (Recces) Jan Breytenbach. Após o estudo da situação, ele dirigiu aos seus superiores o Relatório com a conclusão de que o treino das unidades da FNLA e UNITA e o fornecimento de armas eram insuficientes, sendo necessário que as Forças Armadas da RSA (SADF) se encarregassem do apoio logístico das unidades dos referidos Movimentos e as reforçassem com oficiais e sargentos de carreira sul-africanos. O Relatório foi apoiado e aprovado pelo comando militar e dirigentes políticos da RSA.

A 14 de Outubro de 1975, as SADF iniciaram a operação “Savana” que visava a invasão de Angola. As forças regulares da RSA (que, procurando induzir a opinião pública internacional em confusão, se fizeram passar por mercenários) acompanhados por soldados da UNITA e FNLA (no Sul do país igualmente estavam sendo formadas as unidades armadas de Holden Roberto) e cerca de dois mil militares liderados por Daniel Chipenda, fraccionista expulso do MPLA, iniciaram a ofensiva a partir da fronteira com a Namíbia em direcção a Luanda, tendo pela frente mais de 1200 km a percorrer.

Entretanto, os pontos principais controlados pela FNLA no norte do país estavam situados a 80–120 km de Luanda. No norte de Angola (inclusive em Cabinda) as tropas da FNLA actuavam junto com as

26 Trabalho sujo da CIA em África (Tradução do inglês). Autores: Ray E., Schaap W., Van Meter K., Wolf L. M., 1983, p.170.

27 FAPLA baluarte da paz em Angola. Berger-Levrault International, Paris, 1989, p. 99.

unidades militares zaienses. Segundo certas fontes, as unidades das forças regulares do Zaire estiveram em Angola desde Março de 1975:<sup>28</sup> O objectivo dos zaienses era apoiar Holden Roberto na sua aspiração de chegada ao poder em Angola após a retirada dos portugueses. Assim sendo, o presidente do Zaire Mobutu Sesse Seko esperava, além de levar ao poder em Angola o seu parente (conforme os dados do autor Holden Roberto e Mobutu estavam casados com as parentes – as suas esposas eram da família residente na mesma aldeia africana), caso as condições fossem favoráveis, igualmente anexar ao Zaire as regiões fronteiriças angolanas ricas em diamantes, assim como Cabinda com sua exploração petrolífera.

Em meados de Maio de 1975, o contingente zaiense que apoiava a FNLA no território de Angola ficou constituído por cerca de 1200 homens:<sup>29</sup> Naquela altura, mais de mil combatentes bem armados e treinados eram uma força séria. Eles combatiam ao lado da FNLA nas províncias do norte de Angola, prestando apoio à FLEC em Cabinda. Antes do início da ofensiva contra Luanda, em Setembro de 1975, a coligação de forças da FNLA integrava o 1º Batalhão do ELNA e até três Batalhões das tropas regulares zaienses (inclusive no território de Cabinda). No início de Setembro de 1975, o ELNA igualmente integrava mais de uma centena de ex-comandos do exército colonial português (C.E.) que apostaram em Holden Roberto:<sup>30</sup> Esta unidade militar era comandada por ex-militares do exército colonial português Coronel Gilberto Santos e Castro (ex-Governador da Província do Kwanza-Norte em Angola, conselheiro militar de Holden Roberto e, de facto, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da FNLA) e o Major Alves Cardoso que anteriormente combatia em Moçambique, sendo comandante do grupo de forças especiais portuguesas Flechas:<sup>31</sup>

Apesar de os referidos C.E. portugueses ao serviço da FNLA frequentemente serem chamados de “mercenários”, o autor pensa que seria incoerente considerar todos eles como mercenários. Com certeza, entre eles havia indivíduos que, em conformidade com as disposições da Convenção Internacional Contra o Recrutamento, Utilização, Financiamento e Treino de Mercenários,<sup>32</sup> podem ser incluídos nesta categoria. Entre eles havia

28 [www.photius.com/.../congo\\_democratic\\_republic\\_of\\_the\\_government\\_relations\\_with\\_the...](http://www.photius.com/.../congo_democratic_republic_of_the_government_relations_with_the...) – 16k

29 Guimarães F.A. The origins of the Angolan civil war, foreign intervention and domestic political conflict. Macmillan, London, 1998.

30 Posteriormente, o grupo chegou a incorporar 154 combatentes.

31 Marangoni P. A. A Opção Pela Espada. Alcante, 2008, p. 88.

32 A Convenção Internacional contra o Recrutamento, Uso, Financiamento e Treino de Mercenários, foi adoptada pela Assembleia-Geral da ONU somente a 4 de Dezembro de 1989.

pessoas “motivadas a tomar parte nas hostilidades essencialmente pelo desejo de ganho privado e, de facto, receberam promessa, por ou em favor de uma parte no conflito, de compensação material muito superior àquela prometida ou paga aos combatentes de patente e função similar nas Forças Armadas da parte contratante”<sup>33</sup>.

Porém, de outro lado, naquele período os seus serviços não eram remunerados, nem pela FNLA, nem pela CIA. Eles, na sua maioria, eram angolanos natos, mesmo por várias gerações (frequentemente, todos os brancos em Angola são erroneamente chamados de portugueses). Eles consideravam a si como africanos “aos quais querem roubar a Pátria”, e esperavam em caso da vitória de Holden Roberto ocupar uma posição condigna no novo Exército e Estado sob a égide da FNLA. Por isso, a muitos deles não é aplicável a alínea (c) da Convenção, conforme a qual mercenário é pessoa que “não é nem nacional de uma parte do conflito e nem residente nos territórios controlados por uma parte do conflito”. Tampouco se aplica a eles a alínea (d) do Artigo 1º da Convenção que reza que mercenário “não é membro das forças armadas de uma parte do conflito”. O grupo do Coronel Gilberto Santos e Castro efectivamente integrava o ELNA.

Há afirmações de que esta estrutura fazia parte do assim chamado ELP (Exército de Libertação de Portugal)<sup>34</sup> criado em 1975 para o combate contra os movimentos de esquerda em Portugal e nos seus “territórios ultramarinos” – Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e outros países. Porém, as relações dos comandos do Coronel Gilberto Santos e Castro com esta organização política, pelos vistos, eram meramente formais. Um dos membros do seu grupo, Pedro Marangoni, recordava: “Dizia-se que o Coronel Santos e Castro era ligado a este “exército” (ELP) que considero apenas teórico, nunca chegou a existir em Angola como força real, coesa, organizada e pronta para o combate. Apenas uma organização política. Nunca ajudou as nossas tropas”<sup>35</sup> Um facto interessante que diz a favor do dito por Pedro Marangoni – nas viaturas do grupo do Coronel Gilberto Santos e Castro que avançavam contra Luanda estava escrito ELNA e não ELP.

De outro lado uma parte dos C.E. portugueses ao serviço da FNLA sem dúvida considerava a si próprios como membros do ELP. A prova

33 Artigo 1, (b) da Convenção Internacional contra o Recrutamento, Uso, Financiamento e Treino de Mercenários.

34 O Exército de Libertação de Portugal (ELP), uma organização da direita política, criado em 1975 pelo ex-Director-Adjunto da DGS/PIDE Barbieri Cardoso.

35 Entrevista do autor com Marangoni P. A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni)

disto é a bandeira erguida na torre do AML-90 da força avançada dos C.E. no combate do dia 10 de Novembro. General Carlos A. S. Mello Xavier que é participante daqueles acontecimentos históricos por parte das FAPLA bem lembra: “Quando aproximou-me de um dos blindados AML-90, abatido por mim e chefiado pelo tenente Pais, português morto dentro desse blindado, achei penduradas na antena duas bandeiras – uma da FNLA e outra com a figura de um triângulo e de cor preta com letras brancas maiúsculas dizendo “Esquadrão Ouso ELP”<sup>36</sup>

O grupo dos C.E. do Coronel Gilberto Santos e Castro era uma unidade operacional que naquela altura participou em combates contra as FAPLA no norte de Angola, ficando, regra geral, nas primeiras linhas atacantes e tendo numerosos mortos, feridos e capturados.<sup>37</sup> Os ex-militares portugueses também tiveram por missão o treino de um grupo de comandos especiais (até 100 pessoas), formado dos africanos – partidários e guerrilheiros da FNLA.<sup>38</sup>

Junto ao Estado-Maior da FNLA trabalhavam um grupo operacional da CIA chefiado por um representante da CIA dos EUA, J. Stockwell<sup>39</sup> e um grupo de oficiais sul-africanos, tendo como chefe o Brigadeiro das SADF, Ben de Velt Roos que eram responsáveis pela coordenação das operações e comunicação com a CIA e o Comando das SADF. O General Ben de Velt Roos era conselheiro militar de Holden Roberto enquanto os seus oficiais prestavam assistência prática às tropas da FNLA. Em particular, o oficial sul-africano Des Radmore tinha por missão pôr em ordem diversos tipos de armas e equipamentos militares fornecidos para a FNLA e o oficial Lagerwall tinha a missão de “organizar a reparação dos morteiros do Exército de Holden Roberto”<sup>40</sup> A aviação da RSA regularmente fornecia às tropas da FNLA em ofensiva contra Luanda munições, combustíveis, víveres (rações secas) e fardamento. A manutenção das comunicações com o Comando das SADF ficava a cargo do oficial da Força Aérea Sul-Africana Ken Snowball situado no território de Angola.

---

36 Ver o anexo 3 do livro

37 Um facto interessante é que nem mesmo o MPLA considerava os ex-militares portugueses realmente mercenários. Como prova disso pode-se dizer que nenhum dos portugueses capturados do grupo do Coronel Santos e Castro, ao contrário dos mercenários ingleses e americanos do “Coronel Callan” que chegaram a Angola um mês mais tarde, foi julgado e mesmo alguns deles posteriormente foram nomeados comandantes das unidades das FAPLA. Ver: Entrevista do autor com Marangoni P. A. [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni)

38 Marangoni P. A. A Opção Pela Espada. Alcante, 2008, p. 47.

39 Stockwell J. CIA contra Angola. União Dos Escritores Angolanos, Luanda, P. 229.

40 Willem Steenkamp. Borderstrike!: South Africa into Angola 1975–1980. Ashanti Publishing, 1989, p.104.

Contando com o apoio militar estrangeiro, Holden Roberto e Jonas Savimbi declararam a sua intenção de tomada de Luanda antes de 11 de Novembro de 1975. Nesta situação A. Neto dirigiu-se a Cuba, URSS e outros países da Comunidade Socialista solicitando a ajuda militar ao MPLA. O seu pedido foi satisfeito.

Os representantes das Forças Armadas Revolucionárias (FAR) de Cuba chegaram a Luanda ainda no segundo semestre de 1975, atendendo ao pedido do Presidente do MPLA de ajudar na organização da formação militar dos ex-guerrilheiros. Para o estudo da situação in loco a Angola foi enviado um grupo de oficiais das FAR de Cuba. Em Julho de 1975, nos aviões da linha aérea comercial chegaram a Luanda via Lisboa até 50 instrutores militares da Ilha da Liberdade. Em Setembro do mesmo ano, a pedido de Agostinho Neto dirigido ao CC Partido Comunista de Cuba em que solicitou ajuda para o seu Movimento na organização da estrutura de transporte aéreo, a Angola via Brazzaville chegaram cerca de 15 pilotos e técnicos da Força Aérea de Cuba e da companhia aérea cubana “Cubana”. A 21 de Agosto de 1975, em Luanda foi formada a pouco numerosa Missão Militar Cubana chefiada pelo Coronel<sup>41</sup> Raul Díaz Argüelles que posteriormente (a 11 de Dezembro de 1975) iria perecer em combate contra as tropas sul-africanas.

Nos dias 1 e 3 de Outubro de 1975, em Cabinda aterraram os aviões Bristol Britannia da companhia aérea “Cubana” a bordo dos quais chegou o primeiro contingente importante de 142 instrutores militares cubanos. Em seguida, no porto da cidade de Porto Amboim, situado na parte continental de Angola e então controlado pelo MPLA, e no porto congolês de Pointe-Noire ancoraram os navios cubanos “Vietnam Heróico”, “El Corals Islands” e “La Plata” tendo a bordo cerca de trezentos instrutores militares;<sup>42</sup> O navio “Vietnam Heróico” chegou ao Porto Amboim a 4 de Outubro, o “El Corals Islands” atracou no mesmo porto no dia 7 de Outubro, e, a 11 de Outubro, no porto congolês de Pointe-Noire o navio cubano “La Plata” lançou âncora<sup>43</sup>

Os navios cubanos transportaram de Cuba a Angola armas ligeiras e algum armamento pesado: morteiros de 120 e 82 mm, canhões de 76 mm ZIS-3, metralhadoras antiaéreas de 14,5 mm ZPU-4, assim como mais de cem viaturas de transporte. Este material desempenhou um papel importante em futuros combates, inclusive na batalha de Quifangondo.

41 O Coronel R. D. Argüelles foi promovido, a título póstumo, a Brigadeiro das FAR.

42 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 43.

43 Márquez. G. Operação “Carlota”. [http://www.scepsis.ru/library/id\\_2026.html](http://www.scepsis.ru/library/id_2026.html)



Além dos instrutores militares, o armamento e equipamento, os navios transportavam de Cuba o combustível. O “Vietnam Heróico” teve a bordo mais de 200 toneladas de combustível em barris de 55 galões. O navio navegava com os porões abertos para evitar a acumulação dos vapores e eventual explosão. O “La Plata” transportou a gasolina para carros no convés. Fidel Castro assistiu à despedida destes navios. Ao tomar conhecimento das condições de transporte das tropas, ele proferiu a seguinte frase, que entraria para a História: “Em qualquer caso, disse ele, terão mais conforto que aqueles que navegaram no iate “Granma”<sup>44</sup>

Não havia certeza que os militares portugueses que até à proclamação da Independência de Angola controlavam o país, permitiriam o desembarque dos instrutores cubanos. A 26 de Julho de 1975, Fidel Castro pediu, em Havana, a um dos dirigentes do Movimento das Forças Armadas (MFA), que, em Abril de 1974, tinha liderado a Revolução dos Cravos em Portugal, Coronel Otelo Saraiva de Carvalho que questionasse a autorização do Governo de Portugal para enviar recursos a Angola. Saraiva de Carvalho prometeu consegui-la, mas a resposta nunca chegou. Os navios partiram. O “Vietnam Heróico” e o “El Corals Islands” chegaram a Angola sem autorização oficial do governo português, mas também sem a oposição de ninguém<sup>45</sup>

Conforme Fidel Castro (Discurso de F. Castro de 2 de Dezembro de 2005 em Havana), na véspera da Proclamação da Independência, em Angola não havia tropas regulares de Cuba, além de 480 instrutores militares cubanos. Segundo as estimativas do autor, este número, de um modo geral, corresponde à realidade. 300 Pessoas transportadas por via marítima, mais 142 instrutores chefiados pelo comandante Reyes que chegaram nos dias 1 e 3 de Outubro a Cabinda, assim como cerca de 50 pessoas (sem ter em conta os pilotos entre os quais havia especialistas civis) que chegaram antes a Luanda via Lisboa nos aviões da TAP (de Havana a Lisboa seguiam nos aviões da Aeroflot soviética ou aproveitando voos de outras companhias aéreas). Se somarmos estes números, teremos um total de 492 pessoas. Isto corresponde à declaração de Fidel Castro: 12 instrutores podiam morrer ou voltar a Cuba devido a ferimentos ou doenças. Aliás, nestes cálculos não são levados em consideração os pilotos civis, nem o pessoal da Missão Militar Cubana chefiada pelo coronel Raul Díaz Argüelles que não integrava mais de 10–15 oficiais. Portanto, pode-se

---

44 Idem.

45 Idem.

considerar que o número total dos cubanos em Angola ao lado do MPLA (instrutores militares de diferentes especialidades, médicos, pilotos) na véspera da proclamação da Independência era um tanto superior a 500 pessoas.

Cabe salientar que, desde o princípio, a tarefa dos militares cubanos em Angola não previa o envolvimento em combates, mas consistia na formação das unidades militares das Forças Armadas do MPLA (FAPLA) em quatro Centros de Preparação Revolucionária (CPR) que deviam ser desdobradas nas cidades de Benguela, Henrique de Carvalho (Saurimo), Cabinda e Ndalatando (antiga Vila Salazar) a 200 km de Luanda.<sup>46</sup> Os cubanos tinham que ajudar a formar e treinar 16 Batalhões de Infantaria das FAPLA, assim como preparar as guarnições para 25 Baterias de Morteiros e Baterias Antiaéreas.<sup>47</sup> A transferência a Angola das tropas regulares cubanas (Operação “Carlota”), iniciada no dia 7 de Novembro de 1975, de facto, foi uma acção de resposta, e mesmo um tanto atrasada, eu diria, ao início de uma agressão militar indisfarçada da RSA e Zaire contra Angola. Este facto foi provado de modo convincente nos estudos do historiador americano Piero Gleijeses.<sup>48</sup>

---

46 Jorge Risquet Valdes. *La Epopeya De Cuba En Africa Negra*. Discurso 7 de Julio 2005, La Habana, Teatro del MINFAR.

47 Jose M. Ortiz. *Angola: un abril como Giron*. Editora Política, La Habana, 1979, p. 52.

48 Piero Gleijeses. *Conflicting Missions: Havana, Washington and Africa, 1959–1976*. University of North Carolina Press, 2002. Version en espanol: *Misiones en Conflicto. La Habana, Washington y Africa 1959–1976*. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 2004.

## Decisão soberana de Havana

Muitos políticos e politólogos ocidentais acusavam a União Soviética “de ter enviado as tropas cubanas a Angola” e de “puxar as cordas” manipulando Cuba. Mas os factos da história mostram o contrário: O envio de instrutores e, mais tarde, das tropas regulares a Angola foi iniciativa exclusiva de Havana. O Ex-Vice Ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS Anatoly Adamishin que durante longo período supervisionava as relações com Angola escreveu: “Os cubanos, insisto nisto, chegaram a Angola por iniciativa própria. Eles tinham as relações de longa data com o MPLA: O primeiro encontro de Che Guevara com Agostinho Neto teve lugar em 1965. Diria que não envolvemos, mas, sim, fomos envolvidos (salientado pelo autor. – S.K). As forças regulares cubanas deslocaram-se a Angola sem o nosso conhecimento e muito menos a nossa autorização”. Entretanto, Adamishin acrescenta: “Porém, sendo fiéis aos princípios internacionalistas, não levantámos quaisquer objecções”<sup>49</sup> O facto da decisão independente de Havana e da posterior ajuda em grande escala da URSS ao MPLA e aos cubanos em Angola foi publicamente reconhecido por Fidel Castro. Na sua intervenção no dia 2 de Dezembro de 2005 em Havana ele declarou: “Embora não tivéssemos consultado os soviéticos relativamente à decisão cubana de enviar as tropas a Angola, posteriormente eles concordaram em fornecer as armas necessárias para a formação do exército angolano e atendiam aos nossos pedidos de abastecimento durante toda a guerra”<sup>50</sup>

A própria evolução da situação evidencia que os dirigentes cubanos consideravam que depois da chegada das suas tropas a Angola estas não ficariam sem o apoio da URSS. Entretanto, do ponto de vista da política global, aquele período para a União Soviética era deveras complicado. De um lado, o Mundo estava em plena Guerra Fria, enquanto de outro, estavam a ser realizadas as conversações entre a URSS e os EUA no domínio de limitação das armas nucleares e convencionais que visavam a preparação da assinatura do Tratado SALT II. A ingerência militar em Angola e o apoio das acções de Cuba podiam ser aproveitados pelos EUA como pretexto para protelar ou suspender as negociações.<sup>51</sup>

49 Adamishin A. Sol Branco de Angola. M., 2001. pág. 12–13.

50 Discurso de F. Castro por ocasião do 30º Aniversário do início da missão militar cubana em Angola e 49º Aniversário de desembarque dos expedicionários do iate “Granma” – Dia das FAR de Cuba, 2 de Dezembro de 2005.

51 Piero Gleijeses, Jorge Risquet, Fernando Ramirez. Cuba y Africa. Historia comun de lucha y sangre. La Habana: Editorial Ciencias Sociales, 2007, p. 5.

Os dirigentes políticos soviéticos receavam que o transporte das tropas cubanas a Angola pudesse envolver a URSS em conflito militar em larga escala no Sul de África.<sup>52</sup> Por isso, tanto no período precedente à proclamação da Independência de Angola (desde a assinatura do Acordo de Alvor a 15 de Janeiro de 1975 até à proclamação da Independência de Angola a 11 de Novembro de 1975) como posteriormente os dirigentes da URSS e Cuba realizaram numerosas consultas políticas muito difíceis que nem sempre resultaram na aprovação das acções dos dirigentes cubanos. O acima dito foi confirmado pela seguinte declaração de Fidel Castro: “De modo geral, os soviéticos não concordavam com qualquer transferência das nossas tropas a Angola... Havia muitas críticas em relação à actividade que estávamos a desenvolver em Angola”<sup>53</sup>

Não vale a pena tentar enxergar nisto alguma reorientação da posição da URSS em relação ao MPLA consequentemente apoiado pelos dirigentes soviéticos. A ajuda política e militar ao MPLA por parte da URSS era prestada ao Movimento de Agostinho Neto sob a forma de formação do pessoal e fornecimento de armas desde os primeiros anos da luta armada. Em 1971, a delegação do MPLA, liderada por Agostinho Neto, foi convidada para participar nos trabalhos do XXIVº Congresso do PCUS. Ao discursar naquele Congresso, Agostinho Neto declarou: “Ao longo de dez anos da luta revolucionária o nosso Movimento, nosso povo, nossos combatentes, que são força de vanguarda da luta anticolonial de Angola, sempre têm contado com a amizade e o apoio do povo soviético. Consideramos que o Partido Comunista da União Soviética é uma das forças mais importantes em que apoiamo-nos no desenvolvimento da nossa luta de libertação nacional”.

A posição da direcção política soviética seria mais compreensível, se levássemos em consideração que a URSS apoiou o Acordo de Alvor (Janeiro de 1974), assinado entre os três movimentos de libertação nacional angolanos MPLA, FNLA e UNITA e o Governo Português que previa a constituição do governo transitório de coalizão em Angola, realização das eleições universais em Outubro de 1975 e proclamação da independência do país (em nome dos três Movimentos) no dia 11 de Novembro de 1975.

Ademais, naquela altura “as relações entre Moscovo e o MPLA estiveram no nível mais baixo em toda a sua história”<sup>54</sup>. O período de

52 Idem, p. 9.

53 Urribares R. Enviados de Fidel. Aviadores cubanos em Angola 1975–1976. *Aviação e Tempo*, N.º2, 2007, p. 30.

54 Edição citada: “Angola – 30 Anos de Independência e 3 Anos de Paz”. M: OOO “PRAD”, 2005, p.13.

1973 a 1974, provavelmente, foi o mais complicado nas relações entre Moscovo e o presidente do MPLA A. Neto. No dia 10 de Janeiro de 1974, o Secretariado do CC do PCUS, ao discutir a questão de apoio ao MPLA em Angola, concordou com a crítica feita no Relatório apresentada pelo Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas da URSS, General do Exército V.G. Kulikov.<sup>55</sup> No referido Relatório, em particular, foi dito: “Nos últimos tempos, o movimento de libertação nacional em Angola tem vindo a enfraquecer. O principal partido combatente, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), a que a União Soviética presta ajuda e apoio, atravessa uma séria crise...”

J. Stockwell no seu livro “CIA contra Angola” escreve que segundo suas informações “a URSS renovou a ajuda militar ao MPLA somente em Março de 1975”. Entretanto, a decisão sobre a prestação de ajuda militar intensa ao MPLA, provavelmente, teria sido tomada muito antes visto que foi em Dezembro de 1974 que cerca de 250 militares das FAPLA foram enviados à URSS para receber formação militar.<sup>56</sup>

O novo progresso nas relações com o MPLA verificou-se apenas em finais de 1974 em virtude de a URSS obteve dados comprovativos de que os parceiros do MPLA no âmbito do Governo de Transição, a UNITA e a FNLA, começaram a receber apoio do Ocidente, EUA, RSA, Zaire e China com objectivo de eliminar o MPLA da arena política e proclamação unilateral de independência do país.

Entretanto, Moscovo tinha esperanças de que fosse possível reiniciar o diálogo entre os três movimentos de libertação nacional angolanos. O Primeiro Secretário da Embaixada Soviética em Brazzaville B. Putilin e simultaneamente o Chefe da Residentura da GRU (Direcção Geral de Inteligência Militar das FA da URSS) no país naquela época escreveu que “Durante um longo período, Moscovo insistentemente exigia que a Embaixada e a Residentura da GRU em Brazzaville organizassem o trabalho, tanto com os líderes do MPLA como com os representantes da UNITA e da FNLA. Porém, foi uma tarefa difícil porquanto Holden Roberto encontrava-se prioritariamente no Zaire, enquanto Jonas Savimbi esteve no interior do território de Angola”<sup>57</sup>.

Na véspera da Independência, a União Soviética prestava ajuda militar ao MPLA, fornecendo armamento e munições, formando militantes do MPLA nas Escolas Militares da URSS, enviando seus

55 Documentos do Arquivo Nacional da Rússia de História Contemporânea (Fundo 89, Inventário 46, Dossier 104, p.1-6).

56 Entrevista com B.G. Putilin. Moscovo, 10 de Fevereiro de 2004.

57 Idem.

especialistas militares a Angola com a missão de formação dos angolanos in loco. Entretanto, antes da proclamação da Independência de Angola, nem as armas, nem os especialistas militares podiam ser enviados directamente ao país. Por isso, a ajuda militar soviética ao MPLA era prestada através do território da vizinha República Popular do Congo (RPC – Congo-Brazzaville).<sup>58</sup>

Só no mês de Outubro de 1975, os aviões da Aviação de Transporte Militar (ATM) da FA soviética, descolando na URSS, fizeram mais de 40 voos aos aeródromos do Congo-Brazzaville, tendo a bordo armas e equipamento para o MPLA.<sup>59</sup> Esta operação foi realizada inclusive por aviões pesados An-22 da Divisão da ATM de Mguinsk. Em seguida, os navios cubanos transportavam estas armas para as regiões de Angola controladas pelo MPLA. Da RPC a Cabinda as armas seguiam no transporte rodoviário. A 1 de Novembro de 1975, à República Popular do Congo chegou o primeiro grupo de 20 militares soviéticos (oficiais e sargentos) especializados no emprego de lançadores portáteis de mísseis AA “Strela-2M”, inclusive tradutores militares, chefiados pelo capitão E. Liachenko que logo organizaram na cidade de Pointe-Noire um Centro de Instrução improvisado de treino dos militares cubanos e angolanos no emprego do Sistema AA Portátil (PZRK) “Strela-2M”. Caso a evolução da situação em Angola fosse favorável para o MPLA, estava previsto o reforço deste grupo e a sua transferência para Luanda para organização dos Centros de Instrução das FAPLA.<sup>60</sup>

---

58 Idem.

59 A Rússia (URSS) nas guerras locais e conflitos armados da segunda metade do Século XX (Redacção de Zolotariov V.A.). M., 2000, pág. 103.

60 Nezavisimoe voennoe obozrenie, N.º41, 23–29 de Novembro de 2007, p. 5.

## “O pequeno-almoço em Caxito e o jantar em Luanda”

Os combates no Outono de 1975 a norte de Luanda entre as FAPLA e as forças da FNLA e do Zaire caracterizavam-se por uma alta mobilidade, pois não havia linha da frente contínua. As unidades das FAPLA e seus adversários de um modo geral avançavam na composição de destacamentos ou colunas. Normalmente, os combates ou combates de encontro das forças rivais eram travados ao longo das estradas, montavam-se emboscadas. A tática amplamente utilizada visava expelir o inimigo das povoações ocupadas com a posterior perseguição. Os combates tenazes eram travados pelo controlo das povoações de Barra do Dande, Quicabo, Porto Quipiri, Caxito, Morro de Almeida etc., assim como em torno de grandes propriedades agrícolas da mesma região, tais como Lifune, Libongos, Tentativa, entre outras.

Muitas destas várias vezes passavam de mão em mão. A 7 de Setembro de 1975, as FAPLA empreenderam uma ofensiva contra a cidade de importância estratégica de Caxito controlada pela FNLA e conseguiram desalojar os destacamentos de Holden Roberto. Nestes combates mostraram-se altamente eficientes seis BRDM-2 de produção soviética. O dia 7 de Setembro ficou na História das FAPLA como o Dia da Vitória na Batalha de Caxito. Nesta batalha foram capturados primeiros comandos portugueses brancos do grupo do Coronel Gilberto Santos e Castro, nomeadamente, Quintino, Fernandes e Pereira,<sup>61</sup> o que permitiu à direcção do MPLA declarar à imprensa internacional que “ao lado da FNLA combatiam os mercenários brancos”. Em seguida, as unidades das FAPLA apoderaram-se da Barra do Dande, Lifune, Libongos, além de algumas outras povoações. As forças da FNLA viram-se obrigadas a recuar para a cidade de Ambriz que era “capital militar” da FNLA.

Neste contexto, Holden Roberto solicitou ajuda militar adicional ao presidente do Zaire Mobutu que lhe foi prestada. A 11 de Setembro, os aviões de transporte militares C-130 da FA zairense transferiram do Zaire a Ambriz mais um contingente de tropas zairenses, i.e., 4º e 7º Batalhões de Comandos de elite,<sup>62</sup> (assim chamados, *commandos kamanyolas*) comandados pelo Coronel do exército zairense Mamina

---

61 Entrevista do autor com Marangoni P. A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni).

62 Stockwell J. CIA contra Angola. União Dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 172

Lama:<sup>63</sup> Portanto, no período de Março a Novembro de 1975, no total, encontravam-se em Angola até 5 batalhões regulares das FA do Zaire:<sup>64</sup> A partir daquele momento, segundo J. Stockwell, conselheiro norte-americano de Holden Roberto, “o prato da balança pendeu a favor da FNLA ao norte de Luanda”<sup>65</sup>

Além disso, no início de Setembro, o avião DC-6 trouxe à capital da FNLA Carmona (hoje Uíge) mais um grupo de ex-militares do exército colonial português, então residentes na Rodésia e RSA que foram “convocados à luta” pelo Major A. Cardoso por iniciativa do líder da FNLA H. Roberto:<sup>66</sup> O português Joaquim Francisco Castro, residente na RSA, foi “convidado” para participar na ofensiva da FNLA contra Luanda como condutor da viatura blindada Panhard. Foi capturado pelas FAPLA e, ao ser interrogado, deu o seguinte depoimento: “Disseram-me que o presidente da FNLA e o Coronel Santos e Castro estavam recrutando para a tropa da FNLA o máximo de soldados brancos, ou mais exactamente, 5 mil para entrar em Luanda. Prometeram-me pagar bem e, depois da conquista da capital, promover a oficial e oferecer bom emprego”<sup>67</sup> Este grupo durante 2–3 dias foi transportado por aviões a Ambriz ficando à disposição de H. Roberto. Então, o número de ex-militares brancos do exército colonial português nas tropas da FNLA chegou a 154 efectivos<sup>68</sup>

Em meados de Setembro de 1975, as colunas da FNLA apoiadas por tropas regulares zaienses iniciaram a ofensiva decisiva contra Luanda. A força de choque principal das tropas da FNLA e do Zaire era constituída por 16 auto metralhadoras ligeiras sobre rodas (4x4) AML-90 e AML-60 Panhard de origem francesa<sup>69</sup> tripuladas por ex-militares portugueses e efectivos zaienses. Os partidários da FNLA que participaram na batalha mais tarde chamavam-nas de obsoletas. Porém, na altura, eram viaturas blindadas bastante eficientes, e até superavam, quanto ao poder de fogo, os veículos blindados BTR-152 e BRDM-2 de origem soviética das FAPLA. Quando atacava de emboscada, a AML-90 podia mesmo concorrer com o carro de combate T-34–85 (por isso, a Panhard com seu canhão de 90 mm muitas vezes

63 [http://en.wikipedia.org/wiki/Battle\\_of\\_Quifangondo](http://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Quifangondo)

64 Thomas P. Odom. THE SECOND SHABAN INVASION. The French and Belgian Intervention in Zaire in 1978. USA, Kansas, 1989, p.17.

65 Stockwell J. CIA contra Angola. União Dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 172.

66 Marangoni P. A. A Opção Pela Espada. Alcante, 2008, p. 58.

67 Mais detalhadamente ver: Kolomin S. Tropas Especiais Russas em África. EKSMO, Yauza, M., 2002, p.173–174.

68 Entrevista do autor com Marangoni P. A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/en\\_guestbook](http://www.veteranangola.ru/main/en_guestbook)

69 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 53.



chamava-se de “caçador de carros de combate”). O ponto fraco da AML era sua blindagem à prova de balas e estilhaços (corpo – 10 mm, torre – 12 mm). A tripulação da AML-90 era de 3 pessoas, peso – 5,5 toneladas, velocidade máxima – até 90 km/h. Armamento: canhão de 90 mm, metralhadora de 7,62 mm. As características básicas da AML-60 são idênticas às da AML-90, mas em vez do canhão de 90 mm a viatura era equipada com um morteiro de 60 mm de carregamento pela culatra que além do tiro curvo eficiente à distância de até 1700 metros, podia atacar em tiro directo à distância até 300 metros. Numa palavra, uma dezena e meia de AML Panhard constituía uma poderosa força blindada que, sendo habilmente comandada, era capaz de desempenhar um papel decisivo na batalha de Luanda.

As tropas em ofensiva da FNLA e do Zaire eram apoiadas pelo fogo de até dez canhões sem recuo anti-carro móveis de 106 mm instalados nos jipes Toyota e Land Rover (das forças zaienses) e da Bateria de morteiros de 120 mm (da FNLA).<sup>70</sup> Dez novos morteiros de 120 mm para esta Bateria foram fornecidos ao Zaire para a FNLA no avião de transporte C-141 fretado pela CIA, sendo posteriormente transportados no avião de H. Roberto Fokker F-27 Friendship a Ambriz na véspera do início da batalha de Quifangondo.<sup>71</sup> No mesmo avião para a FNLA foram transportadas armas ligeiras e alguns canhões sem recuo de 106 mm (em várias fontes históricas estes canhões são frequentemente referidos como morteiros de 106 mm).

Nos primeiros dias de Novembro, o agrupamento da FNLA em ofensiva foi reforçado por um Pelotão de canhões de 130 mm do exército zaireense sob comando do coronel Molimbi. A 4 e 5 de Novembro de 1975, duas peças de artilharia com guarnições foram transportadas de avião do Zaire a Ambriz, sendo em seguida transferidas a Sassalemba.

Além disso, muitos autores mencionam que o agrupamento da FNLA em ofensiva contra Luanda igualmente integrava um Pelotão de obuses de 140 mm G-2 com guarnições sul-africanas. Porém, conforme o autor conseguiu averiguar, os referidos obuses chegaram a Angola como reforço das tropas da FNLA em Quifangondo apenas na segunda metade do dia 9 de Novembro, ou seja, na véspera da batalha decisiva, não tendo participado nos combates anteriores.<sup>72</sup> As tropas do Zaire contavam com uma equipa de engenharia (companhia) que tinha por

70 Conforme os dados citados em: La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 53–54.

71 <http://www.rhodesia.nl/moss3.htm>

72 Entrevista do autor com Marangoni P. A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni)

missão a construção e recuperação de pontes;<sup>73</sup> assim como dispunham de um número limitado de morteiros de 60 mm e 81 mm.

Além disso, H. Roberto dispunha de aviação ligeira. Ele ordenou confiscar em Carmona e Negaje alguns aviões ligeiros, inclusive os “Cessna 190” abandonados por portugueses que fugiram da guerra civil em Angola. A bordo destes aviões foram feitas as inscrições “Força Aérea da FNLA”<sup>74</sup> Estes aviões eram aproveitados como meio de comunicação, reconhecimento de terreno e inimigo, para o bombardeamento e divulgação de materiais de agitação e propaganda. Nos meses de Outubro e Novembro de 1975, estes aviões várias vezes atacaram Luanda por bombas improvisadas que os pilotos lançavam da própria cabina<sup>75</sup> Apesar de as bombas serem de baixa potência e pouco eficientes, em resultado destas incursões aéreas foi danificada a antena emissora da Rádio em Luanda utilizada para a radiodifusão<sup>76</sup> dos programas do MPLA. Porém, a direcção do MPLA rapidamente resolveu este problema, utilizando a menos potente Emissora Católica de Luanda sem interromper a radiodifusão. Após a destruição da Emissora no Estádio Desportivo de Luanda, o MPLA organizou um comício da população que protestava contra “bombardeamentos bárbaros de Luanda por mercenários estrangeiros”. A destruição da emissora e a realização de manifestações da população foram referidas num artigo do correspondente norte-americano publicado na revista Newsweek. Na edição de 17 de Novembro de 1975, o semanário norte-americano publicou uma reportagem de Luanda, informando que naquele dia, durante a realização do comício da população, os aviões da FNLA espalharam milhares de folhetos de apoio a Holden Roberto e à FNLA.<sup>77</sup>

Tendo continuado a ofensiva, a 17 de Setembro, as forças de H. Roberto retomaram Caxito.<sup>78</sup> Segundo recordava Álvaro António, participante dos combates em Quifangondo, combatente das FAPLA, hoje capitão das Forças Armadas Angolanas, os dirigentes da FNLA estavam tão seguros do êxito da ofensiva que até lançaram um slogan aos seus soldados: “O pequeno-almoço em Caxito, o almoço em Cacucaco (uma vila a poucos quilómetros de Luanda. – S.K.), e o jantar

73 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 52.

74 Marangoni P. A. A Opção pela Espada. Alcante, 2008, p. 45.

75 Idem, p. 78.

76 Idem, p. 78.

77 Newsweek, November, 17, 1975.

78 Stockwell J. CIA contra Angola. União Dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 172.

em Luanda”<sup>79</sup>. Holden Roberto estava certo que “a bandeira da FNLA seria hasteada em Luanda ainda antes do dia 11 de Novembro que era a data oficial da proclamação da Independência de Angola”<sup>80</sup>. Na entrevista concedida à Rádio do Zaire, o líder da FNLA declarou que “no dia 6 de Novembro ele estaria em Luanda”<sup>81</sup>.

Porém, apesar das declarações feitas, o avanço das tropas da FNLA em direcção à cidade de Luanda era bastante cauteloso.<sup>82</sup> Isso não se deveu apenas à resistência tenaz das FAPLA. Naquela época, o líder da FNLA recebeu a informação de que no porto de Luanda estavam a desembarcar “os batalhões cubanos equipados de armas pesadas e modernos carros de combate russos”<sup>83</sup>. Portanto, ele receava a intervenção deles no conflito. Mas os seus receios eram vãos: em Setembro de 1975, não houve nenhum fornecimento sério (inclusive de carros de combate T-34-85) da URSS para o MPLA ou às tropas cubanas, e o primeiro grupo importante de instrutores militares cubanos chegou a Angola apenas no início de Outubro daquele ano.

Em meados de Outubro, as tropas da FNLA e do Zaire conquistaram o Porto Quipiri que, segundo o veterano das FAPLA João Luís Neto “Xietu”, considerava-se “posto avançado de defesa das FAPLA”<sup>84</sup>. Visando travar a ofensiva da FNLA, as tropas das FAPLA em retirada explodiram a ponte sobre o rio. Os sapadores zairenses construíram uma nova ponte e as unidades de H. Roberto e do Zaire prosseguiram seu avanço. Elas conquistaram Sassalemba, a 32 km de Luanda, e chegaram ao Morro da Cal, uma elevação dominante naquela área. Ocupando estas posições, a artilharia de longo alcance zairense e da FNLA podia bombardear os subúrbios de Luanda. Em seguida, as unidades zairenses e da FNLA, mantendo a posse das elevações dominantes e da fazenda agrícola ao lado da estrada que seguia em direcção a Luanda, aproximaram-se da Lagoa do Panguila com margens pantanosas e do rio Bengo que eram últimos cursos de água que as separavam da capital angolana.

Na estrada para Luanda havia duas pontes sólidas de betão armado, uma sobre a Lagoa do Panguila de margens pantanosas e outra

79 Memórias de Álvaro António. Televisão Pública de Angola, 12 de Novembro de 2008. <http://allafrica.com/stories/200811120632.html>

80 <http://www.rhodesia.nl/moss3.htm>

81 Jose M. Ortiz. Angola: un abril como Giron. Editora Política, La Habana, 1979, p. 50.

82 Stockwell J. CIA contra Angola. União Dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 172.

83 Marangoni P. A. A Opção pela Espada. Alcante, 2008, p. 59.

84 Jornal de Angola, 13 de Dezembro de 2008. Memórias de João Luís Neto “Xietu”. <http://www.fesa.org.br/Imprensa/AngolaHoje/2004/Nov-Dez/pag3.htm>

sobre o rio Bengo. Se fossem destruídas pelos defensores de Luanda, estas pontes transformavam-se em obstáculos insuperáveis para as forças da FNLA. Na margem oposta (esquerda) do rio Bengo, numa colina ficava a vila de Quifangondo, situada a 23 km da capital. As subunidades das FAPLA da 9ª Brigada de Infantaria que estava na fase inicial da formação, passaram à defesa nas proximidades da Lagoa do Panguila.<sup>85</sup>

---

85 FAPLA baluarte da paz em Angola. Berger-Levrault International, Paris, 1989, p. 110.

## Composição e número das tropas das partes beligerantes na véspera da Batalha

### Composição e número das tropas da FNLA e do Zaire.

Os dados disponíveis sobre a composição numérica do agrupamento das tropas da FNLA e do Zaire naquela época variam em mil entre as diferentes fontes<sup>86</sup> a 3,5 mil pessoas.<sup>87</sup> Cabe notar que nas Memórias dos partidários da FNLA e nas fontes ocidentais o número das tropas da FNLA e do Zaire, regra geral, é subestimado (1,5 mil pessoas ou menos), enquanto nas recordações dos cubanos, dirigentes do MPLA e combatentes das FAPLA é sobrestimado (3–3,5 mil pessoas ou mais). O mesmo acontece com o número de veículos de combate e armas à disposição de H. Roberto.

Infelizmente, são poucas as memórias daqueles que combateram ao lado da FNLA. Por isso, são particularmente valiosas as recordações, bastante fidedignas, segundo o autor, do membro do grupo do Coronel Gilberto Santos e Castro, Pedro Marangoni.<sup>88</sup> Segundo ele, na Batalha de Quifangondo do lado da FNLA e do Zaire participaram os seguintes meios e forças. O grupo de comandos de 154 efectivos do Coronel Santos e Castro contava com quatro veículos blindados Panhard: um AML-90, dois AML-60 e Panhard VTT (Veículo de transporte sem canhão);<sup>89</sup> assim como um jipe dotado de canhão sem recuo de 106 mm.

Segundo Pedro Marangoni, as tropas zaienses que em Outubro avançavam em direcção a Luanda ao todo possuíam cerca de 15 AML Panhard de diferentes tipos, 10 jipes com canhões sem recuo de 106 mm e alguns canhões antiaéreos de 20 mm instalados nos carros.

Pedro Marangoni acha que o total das tropas zaienses era de “um a dois Batalhões de Infantaria”. Ele lembra-se bem que o agrupamento era integrado por uma equipa de sapadores e que a infantaria zaiense era motorizada. Os zaienses avançavam nos camiões Mercedes.

---

86 [http://en.wikipedia.org/wiki/Battle\\_of\\_Quifangondo](http://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_Quifangondo)

87 Urribares R. Enviados de Fidel. Aviadores cubanos em Angola 1975–1976. Aviação e Tempo, N.º 2, 2007, p. 28.

88 Ver a Entrevista do autor com Pedro Marangoni, autor do Livro “A Opção Pela Espada”, citada na parte final desta Edição.

89 Os referidos quatro veículos blindados pertencentes ao contingente zaiense em Angola foram entregues aos comandos do Coronel Santos e Castro pela ordem de H. Roberto.

Segundo recordava Pedro Marangoni, as Forças Armadas da FNLA (ELNA) em Quifangondo contavam com cerca de 800 combatentes e “alguns morteiros de 120 mm”.

É interessante comparar estas informações com os dados citados na Edição cubana “La Guerra de Angola”<sup>90</sup> No capítulo “La Batalla de Quifangondo” os participantes da Batalha Tenentes-Coronéis das FAR de Cuba Enrique Buznego Rodrigues e Lázaro Cardenas Sierra descreviam de modo seguinte a composição do agrupamento da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA na véspera dos combates decisivos:

- Estado-Maior;
- Três Batalhões de Infantaria das FA do Zaire de 570 efectivos em cada;
- Batalhão de Infantaria da FNLA – 400 efectivos;
- Companhia de mercenários portugueses do assim chamado Exército de Libertação de Portugal (ELP);
- Companhia de Pontes;
- Grupo blindado subordinado à Companhia de mercenários portugueses;
- Grupo blindado subordinado ao Estado-Maior;
- Bateria de canhões sem recuo de 106 mm;
- Bateria de canhões sem recuo de 75 mm;
- Bateria de morteiros de 120 mm da FNLA;
- Bateria de morteiros de 106 mm do Zaire;
- Pelotão de canhões sul-africanos de 140 mm;
- Pelotão de canhões zaienses de 130 mm.

Ao todo, conforme os dados dos cubanos, ao lado da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA havia 3000 efectivos, 16 veículos blindados, 24 canhões e morteiros, 12 canhões anti-carro, ou seja, o agrupamento de artilharia era composto de 36 peças<sup>91</sup>

Como se pode ver, nos dados citados pelas partes beligerantes há uma forte dispersão de opiniões relativamente ao número de peças de artilharia, material blindado e à composição numérica do pessoal envolvido. Em particular, as informações das fontes cubanas parecem demasiado peremptórias na indicação de números precisos: 570 pessoas, 400 efectivos, 24 canhões e morteiros etc.

90 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 52–53.

91 Idem, p. 53.

Além disso, faz falta a composição numérica de Pelotões, Baterias, Grupo blindado. Porém, os dados disponíveis permitem chegar a determinadas conclusões.

Não há dúvida (as opiniões das partes rivais coincidem) quanto à composição da artilharia de longo alcance zaireense que combateu ao lado da FNLA.<sup>92</sup> Um Pelotão zaireense de canhões de 130 mm integrava duas peças de artilharia (o cano de uma destas peças rebentou ao primeiro disparo no combate de 7 de Novembro, ficando o canhão inoperacional). O Pelotão de canhões de 140 mm sul-africano era composto de três obuses G-2 de 140 mm (chegaram à zona de combate a 9 de Novembro).

Levando em consideração que os cubanos adoptaram a estrutura orgânica soviética, então, um Pelotão compreendia de 2 a 4 guarnições de canhões, morteiros ou tripulações de veículos de combate, enquanto uma Bateria era composta de 2–3 Pelotões de canhões, morteiros ou veículos de combate. Portanto, se os 32 canhões restantes da FNLA e do Zaire dividirmos em quatro Baterias, então, na versão cubana, teremos 8 morteiros ou canhões sem recuo em cada Bateria que corresponde à estrutura orgânica soviética (talvez, certas Baterias fossem compostas de 4–6 peças de artilharia, havendo de 8 a 10 canhões em outras subunidades, mas o número total é o mesmo).

Entretanto, a nossa tarefa consiste em tentar reconstruir a composição real de forças e meios da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA em Quifangondo, no período de 23 de Outubro a 10 de Novembro de 1975. É mais ou menos claro quanto à Bateria de canhões sem recuo de 106 mm – são até 10 jipes equipados com canhões sem recuo de 106 mm de que dizia P. Marangoni. A sua presença nas tropas da FNLA é confirmada pelo americano J. Stockwell. Marangoni lembrava-se de um outro jipe com canhão sem recuo de 106 mm de que dispunha seu grupo. Podemos admitir que o seu número até fosse maior, digamos, de 12 veículos o que corresponde aos dados dos cubanos. É possível que em certos carros tenham sido instalados canhões sem recuo de 75 mm. Então, é daí que aparece a referência à “Bateria de canhões sem recuo de 75 mm”? Porém, em qualquer caso vê-se que o número de armas anti-carro (canhões sem recuo de 106 e 75 mm) da FNLA e do

---

92 Cabe notar que o General “Tonta” na Conferência de 2010 em Luanda (não se sabe porque) chamava insistentemente estes canhões de obuses soviéticos D-30. Mas o calibre do D-30 é 122 mm, e não 130 mm. Ver, Miguel Júnior. A batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p.16.

Zaire é comprovado pelos dados de ambas as partes, ou seja, de 10 a 12 peças de artilharia.

Os morteiros de 120 mm igualmente constam das memórias de P. Marangoni e dos cubanos E. B. Rodrigues e L. C. Sierra. Aliás, em números diferentes: “alguns” e “bateria”. Entretanto, do lado da FNLA há mais um testemunho de J. F. Castro, “convidado” pelo Major A. Cardoso para participar na campanha da FNLA contra Luanda como condutor do veículo blindado Panhard. Ele recordava que para a conquista de Luanda, além dos veículos blindados Panhard, estava prevista a participação no ataque de “dois Batalhões zaienses, metade do Pelotão de sapadores e até dez morteiros de 120 mm”<sup>93</sup> Partindo disso, pode-se tirar a conclusão que o número de morteiros de 120 mm da FNLA (uma arma bastante poderosa e eficiente) corresponde aos dados cubanos e sul-africanos<sup>94</sup> e à declaração do J. F. Castro feita durante o interrogatório e era de cerca de 10 peças.

Segundo recordava P. Marangoni, as tropas zaienses não tinham uma “Bateria de morteiros de 106 mm” referida por cubanos. Mas lembremos que, na véspera de 10 de Novembro, o avião Fokker F-27 Friendship transportou a Ambriz para a FNLA, além de dez morteiros de 120 mm, alguns canhões sem recuo de 106 mm. O mais provável é que os cubanos os tenham calculado como morteiros. Segundo P. Marangoni, tanto a FNLA como os zaienses tinham esses canhões sem recuo de 106 mm.

Com base nos dados dos cubanos e das testemunhas do lado da FNLA, pode-se supor que o número real do agrupamento de artilharia da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA a 23 de Outubro, no início da Batalha, não tenha sido composto de 36 canhões e morteiros, mas um pouco mais de 20 peças de artilharia em bom estado: até 12 canhões sem recuo anti-carro e até 10 morteiros de 120 mm (aqui não são levados em consideração dois canhões de 130 mm zaienses que apareceram nas posições apenas a 6 ou 7 de Novembro, nem três obuses sul-africanos G-2 de 140 mm que chegaram ao Morro da Cal a 9 de Novembro).

Entretanto, não se deve esquecer o “punho de aço” de H. Roberto composto de veículos blindados Panhard. Quantos eram na realidade? Os cubanos acham que eram 16 veículos. Pedro Marangoni recorda 15 Panhard zaienses. J. Stockwell menciona 12 veículos blindados

---

93 Mais detalhadamente ver: Kolomin S. Tropas Especiais Russas em África. EKSMO, Yauza, M., 2002, p. 173.

94 <http://www.rhodesia.nl/moss3.htm>



na composição das forças da FNLA e do Zaire em Quifangondo,<sup>95</sup> os participantes sul-africanos daqueles eventos insistem em 9 veículos.<sup>96</sup> Porém, segundo evidenciam os eventos posteriores, o número de veículos blindados Panhard não foi factor decisivo da Batalha. De facto, nos combates participaram apenas três veículos blindados do Grupo de Gilberto Santos e Castro. Por isso, neste caso só se pode falar do potencial dos veículos blindados que era bastante sério, embora nem todos os veículos AML fossem dotados de canhões ou morteiros.

Segundo as testemunhas que participaram nos eventos em Quifangondo, as tropas de H. Roberto tinham veículos de três tipos: AML-90 com canhão de 90 mm, AML-60 com morteiro de 60 mm de carregamento pela culatra e AML-VTT, veículos blindados de transporte dotados apenas de metralhadoras de 7,62 mm. Se tivermos em conta que os Panhard zairenses deviam servir de força de choque no apoio da infantaria que se deslocava em camiões e não em AML-VTT, seria lógico supor que a maioria dos AML zairenses fosse equipada com canhões. No grupo do Coronel Gilberto Santos e Castro foram integrados quatro AML, três dos quais eram dotados de canhões, nomeadamente, um AML-90 e dois AML-60. Portanto, a maioria dos AML que participavam na Batalha eram equipados com canhões. Ou seja, são outros de 9 a 16 (segundo fontes diferentes) canhões de 90 mm e morteiros de 60 mm “motorizados” com capacidade para tiro directo.

Ademais, nem tudo é claro com o número do pessoal que combatia ao lado da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA. Na Edição cubana “La Guerra de Angola” são referidos 3 mil combatentes. Ultimamente, são citados com uma particular frequência os números constantes da obra fundamental de Edward George “The Cuban Intervention in Angola, 1965–1991. From Che Guevara to Cuito Cuanavale”<sup>97</sup> Ele avalia o número das tropas da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA em Quifangondo em 3 220 pessoas (a FNLA 2000, o Zaire 1200, “mercenários portugueses” – 120).<sup>98</sup> Porém, estes dados, segundo o próprio autor, foram tirados das publicações de Piero Gleijeses.<sup>99</sup>

95 Stockwell J. CIA contra Angola. União Dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 229.

96 Willem Steenkamp. Borderstrike!: South Africa into Angola 1975–1980, Ashanti Publishing, 1989, p.105.

97 George E. The Cuban Intervention in Angola, 1965–1991. From Che Guevara to Cuito Cuanavale. Routledge, 2005.

98 Idem, p. 89.

99 Piero Gleijeses, *Conflicting Missions: Havana, Washington and Africa, 1959–1976*, University of North Carolina Press, 2002, p. 310.

Ambos, tanto P. Gleijeses como E. George, apoiam-se exclusivamente nas informações cubanas, negligenciando por uma razão qualquer a informação dos que estiveram do lado da FNLA. Por exemplo, o americano J. Stockwell que avaliava os agrupamentos da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA em Quifangondo em 1500 pessoas!<sup>100</sup> Convém dizer que E. George, ao escrever seu livro, teve vários encontros com H. Roberto. Parece estranho que ele não tenha feito referência aos dados do Comandante-em-Chefe do ELNA e do Chefe da FNLA relativos aos seus efectivos envolvidos na Batalha de Quifangondo. Pois, era H. Roberto que devia saber o número mais exacto de combatentes que participaram da ofensiva lançada contra Luanda. Talvez E. George não queria destruir o mito criado por P. Gleijeses que se serviu dos dados citados por cubanos?

Tentemos esclarecer esta questão. Quanto à “companhia de mercenários portugueses” (segundo a versão cubana), tudo está claro. Eram 154 (e não 120) comandos do Coronel Santos e Castro. Não há dúvida no que se refere à “Companhia de Pontes” que realmente existiu. Segundo P. Marangoni, “a equipa de sapadores” efectivamente participou em combates: No Outono de 1975, quando as FAPLA em retirada explodiram a ponte de Porto Quipiri, a engenharia zaireense construiu uma nova ponte.

Mas, quantos Batalhões zaireenses participaram na Batalha de Quifangondo: um, dois ou três? Os cubanos e representas das FAPLA insistem em três Batalhões. O ex-comandante do ELNA em Quifangondo Tonta Afonso de Castro afirma que as forças do Zaire “incluíam três Batalhões de Infantaria”, enquanto “a força da FNLA integrava quatro Batalhões de Infantaria e um Batalhão de reserva”!<sup>101</sup> Mas a maioria das testemunhas do lado da FNLA, inclusive o representante da CIA dos EUA junto das tropas de H. Roberto J. Stockwell, a competência do qual não vale a pena subestimar, mencionam dois Batalhões do Zaire e um Batalhão do ELNA que participaram directamente na Batalha. Lembremos também o testemunho do participante daqueles eventos J. F. Castro sobre “dois Batalhões das tropas zaireenses e a metade do Pelotão de sapadores” que deviam atacar Luanda. Portanto, dois Batalhões zaireenses em Quifangondo será o número mais próximo da verdade que três.

---

100 Stockwell J. CIA contra Angola. União Dos Escritores Angolanos, Luanda, P. 229.

101 Miguel Júnior. A batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p. 17-18.

Quantos militares havia nestes Batalhões? Segundo a versão cubana, cada Batalhão zaireense era composto por 570 pessoas, e o Batalhão do ELNA contava com 400 combatentes. A propósito, mesmo uma simples soma dos números da Edição “La Guerra de Angola” é muito menor que 3 mil pessoas declarados por cubanos. Sabe-se que, no período de Primavera e Verão de 1975, em Angola (inclusive no território de Cabinda) operavam cerca de 1200 militares zaireenses<sup>102</sup> na composição de três Batalhões.<sup>103</sup> Assim sendo, é fácil calcular o número médio da estrutura orgânica que será equivalente a cerca de 400 pessoas em cada Batalhão. Isso indirectamente é confirmado por P. Gleijeses e E. George que mencionam “1200 soldados zaireenses” em Quifangondo que, segundo os cubanos, formavam três Batalhões.

Mesmo que na Batalha de Quifangondo participassem três Batalhões das tropas zaireenses, é muito duvidoso que em poucos meses de combates no norte de Angola (desde Março de 1975) essas unidades sejam reforçadas atingindo 570 pessoas em cada. É mais provável que, em Outubro – Novembro, os efectivos destes Batalhões, após duros combates em Angola, tenham sido substancialmente reduzidos (mortos, feridos, doentes, desertores). Por exemplo, o cubano José Ortiz, ao contar sobre os combates em Cabinda, diz que o Batalhão das tropas do Zaire que fazia frente à coligação de forças das FAPLA e dos cubanos não tinha mais de 200 efectivos!<sup>104</sup> Portanto, uma média de 200–300 militares num Batalhão zaireense que naquela altura operava em Angola, a meu ver, é mais realista.

O Candidato em Ciências Históricas, veterano de Angola russo A. Tokarev na sua obra fundamental publicada na Rússia “A FNLA na Luta Anticolonial e Guerra Civil em Angola” salienta que, desde o mês de Dezembro de 1975 a Janeiro de 1976, o número de soldados zaireenses que participavam em combates junto com as unidades da FNLA em Angola aumentou de mil a 4–6 mil pessoas”<sup>105</sup> Porém, cabe notar que nem todas as tropas zaireenses (Mil pessoas ou perto disso) em Novembro e Dezembro de 1975 estavam concentrados nas proximidades de Luanda. Ao longo de todo o ano de 1975, o contingente zaireense em Angola operava em toda a parte norte do país, inclusive em Cabinda.

102 Guimaraes F.A. The origins of the Angolan civil war-foreign intervention and domestic political conflict. Macmillan, London, 1998.

103 Thomas P. Odom. THE SECOND SHABAN INVASION. The French and Belgian Intervention in Zaire in 1978. USA, Kansas, 1989, p.17.

104 Jose M. Ortiz. Angola: un abril como Giron. Editora Política, La Habana, 1979, p. 39.

105 Tokarev A. A FNLA na luta anticolonial e guerra civil em Angola. Instituto de África da Academia de Ciências da Rússia (RAN), Moscovo, 2006.

Por exemplo, o General das FAR de Cuba Ramon Espinosa Martin que na época combateu em Cabinda, recorda que, a 8 de Novembro, durante o rechaçar da ofensiva das forças da FLEC, eles faziam frente a, pelo menos, três Batalhões de Infantaria do inimigo, um dos quais era zairense!<sup>106</sup>

É possível que devido a escassez dos efectivos zairenses, na véspera da ofensiva contra Luanda, H. Roberto tenha solicitado ao presidente do Zaire Mobutu o envio de mais dois Batalhões de elite de comandos kamanyolas (4º e 7º) que chegaram a Ambriz a 11 de Setembro de 1975 nos aviões de transporte militares C-130 da FA zairense!<sup>107</sup> Seria lógico supor que estas unidades de elite frescas destinadas para ofensiva contra Luanda tivessem efectivo completo, ou seja, pelo menos 400 pessoas em cada unidade.

Portanto, aos dois Batalhões zairenses de 400 pessoas cada e um Batalhão do ELNA de 400 combatentes adicionemos os comandos portugueses (154 pessoas), o pessoal da metade da Companhia de Sapadores zairense, as guarnições de canhões e morteiros, i.e., mais 100–150 homens. Antes da chegada a 11 de Setembro dos 4º e 7º Batalhões zairenses, H. Roberto já tinha na zona de Ambriz certas unidades zairenses. Por isso, adicionemos mais 200–250 combatentes.

Mesmo estes cálculos evidenciam que os efectivos da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA em Quifangondo cifraram-se apenas em 1600–1700 pessoas (J. Stockwell que esteve com as forças da FNLA em Quifangondo insistia em número próximo, i.e., 1,5 mil pessoas). Mesmo que P. Marangoni não esteja errado ao mencionar aproximadamente 800 combatentes do ELNA (sendo demais para um Batalhão), somando mais 400 efectivos do ELNA obtemos o número total das tropas à disposição de H. Roberto na Batalha de Quifangondo em Outubro – Novembro de 1975 pouco superior a 2000 pessoas. Por isso, no que se refere às cifras que caracterizam a composição numérica das tropas da FNLA e do Zaire na Batalha de Quifangondo, o número 1500–2000 efectivos é muito mais próximo da verdade de que 3000–3500 pessoas. Portanto, o número total do agrupamento que fazia frente às FAPLA é 1,5–2 vezes menor que o normalmente referido.

---

106 Memórias de Ramon Espinosa Martin: La Batalla de Cabinda. Ver La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 31–32.

107 Stockwell J. CIA contra Angola. União Dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 172.

Por outro lado, convém notar que mesmo neste caso, na véspera do início dos primeiros combates em Quifangondo (23 de Outubro de 1975) o agrupamento da FNLA e do Zaire superava as forças das FAPLA em número de combatentes, pelo menos, 2–2,5 vezes, e em número de peças de artilharia, inclusive canhões de 90 mm e morteiro de 60 mm dos AML-90 e AML-60 Panhard, quatro, cinco ou mais vezes.

## Composição e número das tropas das FAPLA e cubanos na véspera da Batalha

Segundo os dados disponíveis, no momento dos primeiros confrontos armados em Quifangondo as FAPLA contavam com 500–600 combatentes<sup>108</sup> da 9ª Brigada de Infantaria que estava em processo de formação. Várias fontes informam que, até 23 de Outubro, junto com as unidades das FAPLA combateram cerca de 200 “gendarmes katangueses” – partidários da independência da província do Katanga (Zaire) que naquele período lutavam em Angola ao lado do MPLA contra a FNLA e a UNITA.<sup>109</sup> Mas, segundo recordavam os participantes cubanos da Batalha, após os primeiros confrontos na zona do Morro da Cal, a 23 de Outubro, “devido à ameaça de ruptura das tropas da RSA no sul, eles, foram transferidos para reforçar a zona da cidade de Benguela”!<sup>110</sup> A presença dos “gendarmes katangueses” nesta parte da linha da frente e as suas altas qualidades combativas são confirmadas por combatentes das FAPLA, entre estes, o participante angolano da Batalha José Teixeira Matabele!<sup>111</sup>

Porque no momento mais decisivo quando estava em jogo o destino de Luanda, o agrupamento das FAPLA foi tão subitamente enfraquecido? Porque duas Companhias de combatentes valorosos e experientes, ou seja, quase um quarto dos efectivos do agrupamento das FAPLA naquele momento, de repente são retiradas das suas posições e transferidas para uma zona situada a várias centenas de quilómetros ao Sul? Creio que as causas deste evento não eram directamente relacionadas com a necessidade de reforço das tropas das FAPLA no Sul exactamente por naturais do Zaire e as razões eram bem diferentes. É possível que a direcção do MPLA simplesmente não queria que nos combates conterrâneos fizessem frente a conterrâneos (os “gendarmes katangueses” e os subordinados do Coronel Mamina Lama eram naturais do Zaire). Talvez o Comando das FAPLA duvidasse da lealdade dos “gendarmes katangueses” na futura Batalha e por isso eles foram transferidos para outra parte da linha da frente?

Na véspera de 23 de Outubro, na zona de Quifangondo as FAPLA tiveram à sua disposição os seguintes sistemas de artilharia e armas

---

108 Estimativas do autor baseadas nos dados disponíveis sobre o número de efectivos das FAPLA.

109 <http://www.themilitant.com/2006/7004/700462.html> The Militant, New York, N.º 4, January, 30, 2006.

MARÍA JULIA MAYORAL Cuba's response to 1975 apartheid army assault on Angola.

110 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 51.

111 <http://laultimaguerra.com/2009/11/19/quifangondo-el-camino-de-la-muerte/>

anti-carro: uma Bateria de lançadores de um cano “Grad-1-P” 122 mm (segundo recordações do General “Ngongo” seis lançadores),<sup>112</sup> duas Baterias de canhões sem recuo soviéticos B-1082 mm, duas Baterias de canhões sem recuo chineses C-75, algumas metralhadoras antiaéreas ZGU-1 de 14,5 mm e ZPU-4 de 12,7 mm, assim como vários morteiros de diferentes calibres (inclusive de 120 e 82 mm) e lança-granadas anti-carro soviéticos.<sup>113</sup>

Cabe salientar que no início dos primeiros combates em Quifangondo, em Outubro de 1975, o agrupamento das FAPLA em defesa não tinha nenhum canhão de longo alcance, nenhum lançador múltiplo BM-21 ou carro de combate T-34-85.

No que se refere aos BTR-152 e BRDM-2 soviéticos, os dados sobre a disponibilidade destes veículos de combate no agrupamento das FAPLA na zona de Quifangondo são bastante contraditórios. As FAPLA, sem dúvida, tinham estas viaturas. O participante da Batalha, General angolano Salviano de Jesus Sequeira “Kianda”, recorda que o agrupamento em Quifangondo tinha tanto os BTR-152 como os BRDM-2.<sup>114</sup> Mas, quantos eram e como se empregavam? Os casos concretos de emprego deste material blindado nos combates defensivos decorrentes de 23 de Outubro a 10 de Novembro de 1975 em Quifangondo, por razões que não consigo entender, não são mencionados por nenhum veterano cubano!<sup>115</sup>

Entretanto, o “Kianda” em suas memórias escreve sobre um caso de emprego em combate do BRDM-2. Ele recorda um feito do condutor do BRDM-2 das FAPLA: durante um raid de reconhecimento ele fez chocar o seu veículo contra o AML-90 do inimigo e fez prisioneiros os soldados zairenses da sua tripulação.<sup>116</sup> Mas quando teve lugar este caso? Kianda escreve isso ter acontecido “nas acções preliminares”. Talvez muito antes de 23 de Outubro? Isso bem podia acontecer em Setembro ou início de Outubro, durante os confrontos que visam impedir o avanço das tropas da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA em direcção a Quifangondo. Infelizmente, o autor não soube obter outros testemunhos.

Sabe-se que nos combates em Julho – início de Outubro de 1975 na direcção norte as FAPLA efectivamente tiveram alguns BTR-152

112 Ver: Shubin V.G. “Guerra Fria” Quente”. M., YaSK, 2013.

113 Recordações do participante da Batalha Salviano de Jesus Sequeira “Kianda”. Ver, Miguel Júnior. A batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p. 26-27.

114 Miguel Júnior. A batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p. 26.

115 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 51-52.

116 Miguel Júnior. A batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p.28.

e BRDM-2 soviéticos. Pelo menos dois BTR-152 enviados, segundo B. Putilin, ao MPLA pela direcção da Argélia que mantinha uma atitude amigável para com A. Neto,<sup>117</sup> participaram em Julho nos combates contra as forças da FNLA e UNITA em Luanda e ajudaram a desalojar os partidários da oposição da capital.<sup>118</sup> Como já foi dito acima, a 7 de Setembro, seis BRDM-2 das FAPLA fornecidos pela URSS participaram na tomada da cidade de Caxito.

Os partidários da FNLA recordavam que tinham visto, pelo menos, dois BRDM-2 das FAPLA danificados. Foi no Caxito e na Barra do Dande.<sup>119</sup> Nos folhetos espalhados sobre Luanda em Outubro de 1975, afirmava-se que as forças da FNLA “tinham capturado seis veículos blindados das FAPLA”, bem como havia fotos de um BTR-152 e um BRDM-2 capturados pela FNLA. Nas fotos daqueles folhetos do arquivo do P. Marangoni vê-se bem que os veículos blindados ficaram fortemente danificados em combates.

Há outros testemunhos de emprego pelas FAPLA do BRDM-2 no Norte, em particular, na conquista da Barra do Dande.<sup>120</sup> Os veteranos das FAPLA recordam que um BRDM-2 caiu na emboscada da FNLA na zona da Fazenda Libongos e foi destruído com toda a tripulação pelo impacto directo do projectil de 90 mm do AML-90. Tendo em conta que o BRDM-2 tornou-se símbolo das vitórias das FAPLA no Norte de Angola, depois de terminados os combates, este veículo blindado foi colocado como monumento no Largo do Kinaxixi em Luanda.<sup>121</sup> Hoje fica em Luanda, na antiga Fortaleza portuguesa de São Miguel, actualmente, o Museu Nacional de História Militar.<sup>122</sup>

É sabido que, no início de Outubro, a URSS forneceu ao MPLA pelo mar via Brazzaville 10 BRDM-2 (É possível que este fornecimento não tenha sido o primeiro). Mas, a 23 de Outubro, quando começaram os

117 Entrevista com B.G. Putilin. Moscovo, 10 de Fevereiro de 2004.

118 V. Shubin no seu livro “Guerra Fria” Quente” (P. 153), alegando a entrevista com B. Putilin, menciona “uns BTR-60PB” soviéticos que desempenharam “um papel importante no êxito do MPLA” em Luanda, no Verão de 1975, e que, segundo recordava o General “Ngongo”, foram fornecidos não da Argélia, mas da Jugoslávia. O mais provável é que se trate dos mesmos BTR. Entretanto, parece que eram os obsoletos BTR-152V soviéticos. O Chefe do Departamento de História da Direcção Política Nacional das FAPLA, Major Amadeu Francisco Martins, durante a entrevista com o autor, a 10 de Novembro de 1986 em Luanda, presenteou uma edição rara de Álbum de fotografias em preto e branco do Funeral de Agostinho Neto em Luanda. Na foto vê-se bem que o caixão com os restos mortais do primeiro Presidente de Angola foi transportado no BTR-152V. O Major A.F. Martins explicou que este BTR foi escolhido exactamente porque “tinha-se tornado um símbolo da vitória do MPLA sobre a FNLA e a UNITA em Luanda, em 1975”. Nos primeiros anos da cooperação militar para os angolanos que não tinham quadros formados eram fornecidos os BTR-152V de maneio mais fácil que os modernos BTR-60PB. A URSS forneceu a Angola no total mais de 200 BTR-152V.

119 Stockwell J. CIA contra Angola. União Dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 142.

120 Marangoni P. A. A Opção pela Espada. Alcante, 2008, p. 50.

121 [http://jornaldeangola.sapo.ao/19/46/o\\_njango\\_ya\\_swalali](http://jornaldeangola.sapo.ao/19/46/o_njango_ya_swalali)

122 A URSS forneceu a Angola para as FAPLA no total 348 BRDM-2.



primeiros combates em Quifangondo, provavelmente a maior parte dos BRDM-2 e BTR-152 nesta frente, ou foram perdidos pelas FAPLA, ou transferidos para a frente Sul, ficando em Quifangondo apenas alguns veículos blindados. Segundo os participantes cubanos dos combates, quatro BRDM-2 reforçaram o agrupamento das FAPLA e combatentes cubanos na véspera do dia 10 de Novembro, mas ficaram no segundo escalão das forças em defesa.<sup>123</sup>

Este facto é igualmente confirmado nas recordações do participante angolano daqueles combates C. Mello Xavier. Ele diz que, a 10 de Novembro, o agrupamento das FAPLA em Quifangondo foi reforçado por um “Batalhão de BRDM” que ficou nas posições da margem esquerda do rio Bengo no flanco esquerdo da linha de defesa.<sup>124</sup> Numa outra fonte angolana nota-se que antes do início do combate decisivo as FAPLA “foram reforçadas pela companhia de tropas especiais e um Pelotão de BRDM situados no flanco esquerdo na zona da conduto de água”<sup>125</sup> Tendo em conta que o tempo de chegada e entrada em posições por combatentes das forças especiais do Ministério do Interior (MI) de Cuba na zona de Cacucaco é conhecido, i.e., à noite de 9 a 10 de Novembro<sup>126</sup> pode-se concluir que o Pelotão de 4 BRDM-2 foi integrado no agrupamento das FAPLA exactamente na véspera do combate decisivo de 10 de Novembro, mas não participou neste combate, ficando junto com a Companhia de tropas especiais cubana na reserva criada para a eventualidade de ruptura das tropas da FNLA em direcção a Luanda.

Nas suas memórias, os partidários da FNLA escrevem que as FAPLA, durante vários meses anteriores à Batalha de Quifangondo empregavam nos combates os assim chamados “Órgãos de Estaline”<sup>127</sup> Este termo apareceu na época da Segunda Guerra Mundial. Os soldados alemães apelidaram assim os lançadores múltiplos (RSZO) do tipo BM-13 “Katyusha” (por analogia com instrumento musical composto de vários tubos dispostos numa fila). Actualmente, este nome dá-se na imprensa aos lançadores múltiplos da família “Grad”, “Uragan” etc.

Entretanto, segundo Pedro Marangoni, os combatentes da FNLA chamaram de “Órgãos de Estaline” “todos os mísseis de 122 mm com

---

123 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 52

124 [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo)

125 XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986.

126 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 51–52.

127 Marangoni P. A. A Opção pela Espanha. Alcante, 2008, p. 52, 88.

que foram atacados pelas FAPLA”!<sup>128</sup> Para esclarecer esta questão e evitar a confusão, convém explicar que, de Setembro a Outubro de 1975 (antes do dia 10 de Novembro), nos combates ao Norte de Angola contra a FNLA os combatentes das FAPLA empregavam com êxito os lançadores de 122 mm de um cano “Grad-1-P”. Naquela época, antes do dia 10 de Novembro as FAPLA não tinham lançadores múltiplos de 122 mm de quarenta canos BM-21, só “Grad-1-P”.

Durante os combates em Setembro e Outubro de 1975 no Norte de Angola, os combatentes das FAPLA apelidaram este lançador (muito popular nas tropas) de “Monacaxito”. O lançador de quarenta canos BM-21 “Grad”, ao contrário do “Grad-1-P”, alguns chamavam de “Monacaxito de 40 canos”.

---

128 Marangoni P. A. Entrevista do autor com Marangoni P. A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/en\\_guestbook](http://www.veteranangola.ru/main/en_guestbook)

## O desenrolar da Batalha de Quifangondo (23 de Outubro – 10 de Novembro de 1975)

### **A Batalha de Quifangondo pode ser dividida em três etapas.**

**Primeira etapa:** De 23 de Outubro a 4 de Novembro. Eram os primeiros combates de encontro na zona da estrada entre a Lagoa do Panguila e Morro da Cal, uma espécie de reconhecimento em força, prova de força, concentração e acumulação de reservas, uma intensa organização do terreno pelas FAPLA na zona de Quifangondo.

**Segunda etapa:** de 5 a 8 de Novembro. Caracterizava-se por vários ataques sérios das tropas da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA ao longo da estrada do Morro da Cal à Lagoa do Panguila e mais adiante contra Quifangondo em resultado dos quais as forças de H. Roberto conseguiram avançar em direcção a Quifangondo e conquistaram a ponte sobre a Lagoa do Panguila. Aproveitando-a como testa-de-ponte, começaram a preparar-se para o assalto final. Esta etapa, antes de mais nada, caracteriza-se pelo reforço das partes beligerantes em artilharia.

**Terceira etapa:** de 9 a 10 de Novembro. As tropas da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA empreenderam ofensiva decisiva que resultou na sua derrota total e posterior retirada. Na noite de 10 a 11 de Novembro, em Luanda foi proclamada a Independência de Angola. O Governo do MPLA oficialmente chegou ao poder. Cabe notar que no dia 10 de Novembro, os combates no Norte do país não terminaram e continuavam com diferente grau de intensidade, mas seu carácter mudou. A 15 de Novembro as FAPLA e os cubanos passaram à ofensiva<sup>129</sup> em direcção a Caxito e depois a Ambriz, Quibaxe, Dande e Carmona (Uíge),— este ultimo tomaram apenas a 6 de Janeiro de 1976. Esta ofensiva durou vários meses, durante os quais a ELNA/FNLA foi reforçada com o destacamento de mercenários estrangeiros, na sua maioria ingleses e americanos sob o comando do assim chamado “Coronel Callan”, que começaram a aderir ao H. Roberto um mês após a derrota na Batalha de Quifangondo. Mas esta culminou com a derrota total das tropas da FAZ-ELP-ELNA/FNLA no Norte.

---

129 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 49.

## A primeira etapa da Batalha (de 23 de Outubro a 4 de Novembro)

Os primeiros combates da Batalha, como já foi dito acima, começaram a 23 de Outubro de 1975.<sup>130</sup> Poucos dias antes do dia 23 de Outubro, o MPLA, compreendendo a ameaça crescente por parte da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA no Norte, urgentemente reforçou as unidades da 9ª Brigada de Infantaria das FAPLA com praticamente todas as reservas disponíveis. O mais eficiente destas era o 2º Batalhão das FAPLA, formado de cadetes angolanos e alguns instrutores cubanos do Centro de Preparação Revolucionária (CPR) de Ndalatando. Pela ordem da direcção do MPLA de 21 de Outubro de 1975, o CPR de Ndalatando foi encerrado, sendo todo o seu pessoal reorganizado em 2º Batalhão das FAPLA com todos os elementos de serviço e abastecimento necessários.<sup>131</sup> Segundo os cubanos, o Batalhão foi reforçado por uma Bateria de morteiros de 120 mm com guarnições cubanas (cerca de 20 pessoas), uma Bateria de morteiros de 82 mm e algumas metralhadoras antiaéreas de 12,7 mm. Naquela época, no Batalhão havia até 40 instrutores cubanos.<sup>132</sup> Depois de formado, o Batalhão foi transferido para Quifangondo.<sup>133</sup> Além disso, as unidades das FAPLA em Quifangondo foram reforçadas com três canhões cubanos de 76 mm ZIS-3 e um Pelotão de ZPU-4 de 14,5 mm (de 2 a 4 metralhadoras)<sup>134</sup> com guarnições compostas de angolanos e cubanos.

As primeiras subunidades do Batalhão chegaram a Quifangondo pela manhã do dia 23 de Outubro. Ao receber a missão de desalojar o inimigo da elevação dominante Morro da Cal, o 2º Batalhão e os combatentes da 9ª Brigada de Infantaria das FAPLA tentaram atacar o morro sem, contudo, obter êxito.<sup>135</sup> No combate de encontro os combatentes das FAPLA e instrutores cubanos foram obrigados a recuar, tendo perdido alguns camiões ZIL nos quais o pessoal do Batalhão se deslocava de Ndalatando. Uma recordação do combatente cubano José Ortiz dá a entender qual foi o nível de preparação do pessoal do 2º

130 FAPLA baluarte da paz em Angola. Berger-Levrault International, Paris, 1989, p. 110.

131 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 44.

132 Operation Carlota. <http://www.themilitant.com/2006/7004/700462.html>

133 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 44-45.

134 Estas armas foram transportadas de Cuba, no início de Outubro de 1975, por navios "Vietnam Heroico" e "El Corals Islands".

135 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 46.

Batalhão das FAPLA: “Os soldados angolanos do Batalhão entraram no combate após ter feito um único exercício de tiro”<sup>136</sup>

Após o fracasso no combate de encontro, sendo atacados por forças superiores do inimigo, as unidades das FAPLA e os instrutores cubanos viram-se obrigados a retroceder para a margem oposta do rio Bengo e a ocupar posições na sua margem esquerda, numa elevação na zona da vila de Quifangondo<sup>137</sup> onde cruzavam todas as estradas pavimentadas que levavam ao Norte e ao Nordeste do país: Luanda – Quifangondo – Caxito – Ambriz – Ambrizete; Luanda – Quifangondo – Dande; Luanda – Quifangondo – Catete; Luanda – Quifangondo – Caxito – Piri – Uíje.

Segundo recordava o veterano angolano das FAPLA o general João Luís Neto “Xietu”, as posições escolhidas para a defesa apresentavam vantagem excepcional, ficando nas elevações dominantes da margem esquerda do rio Bengo.<sup>138</sup> À direita o caminho ao inimigo que avançava do lado do Morro da Cal, era cortado pela Lagoa do Panguila de margens pantanosas e pelo rio Bengo. À esquerda estava o estuário pantanoso e sinuoso do rio Bengo que desagua no oceano Atlântico. O único caminho a Luanda que podiam seguir a infantaria e os veículos de combate do inimigo passava do Morro da Cal pela estrada asfaltada e pelas pontes sobre a Lagoa do Panguila e o rio Bengo. Além disso, ao pé da colina de Quifangondo estava um grosso tubo de betão da conduta de água doce que abastecia Luanda e que foi aproveitado pelas FAPLA como abrigo e obstáculo natural em várias partes da sua linha de defesa. Ao longo do tubo foram abertas trincheiras e organizados ninhos de atiradores. As posições organizadas na elevação de Quifangondo ofereciam às tropas das FAPLA a possibilidade de controlo seguro das estradas de Caxito a Luanda e de Luanda a Catete.<sup>139</sup>

À tarde do dia 23 de Outubro, procurando desenvolver o êxito obtido no combate de encontro, as forças da FNLA e do Zaire, após um intenso tiro de artilharia, renovaram o ataque. Mas os combatentes das FAPLA em defesa na zona de Quifangondo rechaçaram a ofensiva.<sup>140</sup> No combate defensivo os combatentes angolanos e cubanos empregaram de modo eficiente os lançadores soviéticos “Grad-1-P”<sup>141</sup>; três canhões de 76 mm ZIS-3, sistemas antiaéreos de quatro canos ZPU-4 de 14,5

136 Edição citada: Jose M. Ortiz. Angola: un abril como Giron. Editora Política, La Habana, 1979, p. 50.

137 XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986.

138 Memórias de João Luís Neto “Xietu”, ex-Chefe do EMG das FAPLA.

139 XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986.

140 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 53.

141 Entrevista com participante da batalha de Kifangondo, Embaixador de Angola na Rússia Roberto Leal Ramos Monteiro “Ngongo”. Moscovo, 29 de Outubro de 2005.

mm e o sistema AA de um cano ZGU-1 colocados para tiro directo contra alvos terrestres.<sup>142</sup> No período até 5 de Novembro, as tropas da FNLA e do Zaire (os comandos portugueses, na sua maioria, não participaram naqueles combates), actuando da zona do Morro da Cal, empreenderam, pelo menos, mais duas tentativas de ataque às posições das FAPLA, mas não conseguiram conquistar a ponte sobre a Lagoa do Panguila, cada vez retrocedendo ao Morro da Cal.

No fim da primeira etapa da Batalha, o agrupamento em defesa das FAPLA contava com 890 efectivos,<sup>143</sup> incluindo 58 militares cubanos.<sup>144</sup> Os combatentes aproveitavam os intervalos entre os ataques para a organização do terreno e reconhecimento. Eles abriram trincheiras para atirador de pé, todo o material de artilharia, i.e., canhões de 76 mm, ZPU-4, lançadores “Grad-1-P”, canhões sem recuo e morteiros foram colocados nas posições que garantiam a máxima eficiência do seu emprego contra o inimigo atacante.<sup>145</sup> Na organização do terreno eram utilizadas algumas máquinas de engenharia fornecidas de Luanda (bulldozers, escavadoras, camiões basculantes).<sup>146</sup>

---

142 Entrevista com veterano cubano da guerra em Angola Garcia Martinez. Havana, 22 de Outubro de 2008.

143 FAPLA baluarte da paz em Angola. Berger-Levrault International, Paris, 1989. P. 110.

144 XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986.

145 Entrevista com veterano cubano de Angola Garcia Martinez. Havana, 22 de Outubro de 2008.

146 Jose M. Ortiz. Angola: un abril como Giron. Editora Política, La Habana, 1979, p. 42.

## Quando foi destruída a ponte sobre o rio Bengo?

Como já foi referido acima, naquelas condições a única via possível para a entrada em Luanda da infantaria e do material de combate da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA era a estrada asfaltada Caxito – Quifangondo – Cacuaco – Luanda. Na estrada entre o Morro da Cal, onde estava o Posto de Comando da FNLA, e Quifangondo havia duas pontes sólidas de betão armado que existem até hoje. Uma sobre a Lagoa do Panguila de margens pantanosas e a outra sobre o rio Bengo. A ciência militar considera, com toda a razão, que os obstáculos aquáticos naturais são linhas vantajosas para a defesa e muito incómodas para os atacantes. A lógica dos eventos diz que as FAPLA deviam aproveitar estes cursos de água para uma defesa eficiente da capital, explodindo as pontes. As pontes destruídas são uma firme garantia de que as tropas inimigas, incluindo veículos blindados e artilharia pesada não conseguem entrar em Luanda.

Em várias recordações disponíveis dos participantes a Batalha (FAPLA e cubanos), bem como em outras fontes<sup>147</sup> refere-se que a parte em defesa para prevenir o avanço do inimigo em direcção a Luanda explodiu a ponte sobre o rio Bengo. Nalgumas outras fontes históricas diz-se que foram destruídas ambas as pontes. Em particular, no livro “A Guerra em Angola” (La Guerra de Angola)<sup>148</sup> baseado nas recordações dos participantes cubanos daqueles eventos, há uma frase: “A julgar pelo ímpeto do ataque, o inimigo não suspeitava que ambas as pontes sobre o rio Bengo foram destruídas”<sup>149</sup>. Embora no texto trate-se somente do rio Bengo, é evidente que a segunda ponte referida é a ponte sobre a Lagoa do Panguila, tanto mais que no esquema anexo são indicadas somente estas duas pontes. Não havia outras.

Aliás, o facto de destruição das duas pontes parece-me muito duvidoso. Além disso, não corresponde a realidade o facto de que as forças da FAZ-ELP-ELNA/FNLA avançavam alegadamente “não suspeitando da destruição das pontes”. O desenrolar da confrontação em Quifangondo mostra que até ao dia do combate decisivo de 10 de Novembro, o Comando da FNLA dispunha da informação precisa

---

147 FAPLA baluarte da paz em Angola. Berger-Levrault International, Paris, 1989, p. 110. Ver também: XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986.

148 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989.

149 Edição citada: La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 53.

fornecida pelo reconhecimento e tinha uma certeza absoluta de que as pontes podiam ser utilizadas para o avanço dos veículos blindados e camiões com soldados. Será que os dirigentes da FNLA estavam errados?

Mas o decorrer da Batalha indica que H. Roberto que bem controlava todas as manobras das suas tropas, bem como os seus conselheiros militares estrangeiros esperavam entrar em Luanda antes do dia 11 de Novembro exactamente pela estrada Caxito – Quifangondo – Luanda. Se as pontes tivessem sido destruídas, a FNLA não teria forças e meios suficientes para organizar a travessia em pontões, especialmente para transportar à margem esquerda do rio Bengo a sua força de choque constituída por veículos blindados AML-90 e AML-60!<sup>50</sup>

Sabe-se que a 4 de Novembro de 1975, na véspera da batalha H. Roberto teve em Ambriz a visita dos generais do alto comando sul-africano Constand Viljoen e Magnus Malan. Após a realização do reconhecimento de terreno em Quifangondo, eles deram ao líder da FNLA a opinião de que as condições do terreno não permitiam às suas tropas obter êxito no “ataque frontal” a Luanda e aconselharam-lhe “poupar as forças para atacar no momento mais favorável”!<sup>51</sup> Mas H. Roberto “não deu ouvido à opinião dos profissionais”. Entretanto, os dados disponíveis permitem considerar que o líder da FNLA estava perfeitamente ciente de que o caminho a Luanda via Quifangondo era vulnerável de vários pontos de vista. Isso compreendiam também os conselheiros militares portugueses do dirigente da FNLA o Coronel Gilberto Santos e Castro e o Major Alves Cardoso. Por isso, o Comando da FNLA, várias semanas antes do início dos combates, enviava grupos de reconhecimento com missão de buscar as vias que permitiam contornar Quifangondo no avanço em direcção a Luanda para as tropas da FNLA poderem entrar na capital angolana do Leste pela estrada via Catete. Porém, a busca de um aceitável caminho alternativo através da mata que saísse à estrada Catete – Luanda e permitisse entrar na capital contornando as pontes não deu resultado!<sup>52</sup>

Alguns historiadores acusam H. Roberto do “desejo maniaco de entrar em Luanda antes do dia 11 de Novembro” que afinal resultou na sua derrota em Quifangondo, e de que ele não prestou atenção

150 Marangoni P. A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 78.

151 George E. *The Cuban Intervention in Angola, 1965–1991*. From Che Guevara to Cuito Cuanavale. Routledge, 2005, p. 89.

152 Marangoni P. A. *A Opção Pela Espada*. Alcante, 2008, p. 76.



aos conselhos dos generais sul-africanos que tinham proposto não se envolver na batalha decisiva, mas concentrar-se em outras missões importantes. Os sul-africanos aconselhavam o líder da FNLA a “exercer pressão sobre Luanda” a partir das posições conquistadas, não empreendendo ataques frontais, e a desenvolver a ofensiva conjunta com os sul-africanos e Jonas Savimbi que visava a conquista das regiões no Sul de Angola, incluindo os portos estratégicos de Benguela e Lobito. Ao mesmo tempo, ele devia continuar a consolidação das suas posições no Norte e Nordeste de Angola, impedindo a eventual transferência das tropas do MPLA para o Sul do país.<sup>153</sup>

Do ponto de vista dos militares profissionais tais conselhos eram bem razoáveis, mas a realidade é que H. Roberto não lhes prestou atenção. Porque? De onde vem este “desejo maníaco de entrar em Luanda antes do dia 11 de Novembro”? A meu ver, a postura do líder da FNLA era evidentemente pragmática. A prática internacional mostra que em situação vivida em Angola em Novembro de 1975, a vantagem é obtida pela organização política ou militar nas mãos da qual fica a capital do país. A capital é o centro político, económico, financeiro e informativo do país. Na capital encontram-se a sede do Governo, o aeroporto internacional (no caso de Luanda, o maior porto marítimo), os mais importantes meios de comunicação social, embaixadas estrangeiras e representações das organizações internacionais. A parte que controla a capital do Estado tem oportunidades incomparavelmente maiores de promoção das suas ideias e pontos de vista, tanto no território do país como na arena internacional.

Holden Roberto, sendo um político ambicioso e carismático, estava perfeitamente ciente de que o MPLA, depois de proclamar a Independência no dia 11 de Novembro de 1975 na capital do país, em estrita conformidade com o Acordo de Alvor, teria preferência no reconhecimento da legitimidade do seu Governo pela Comunidade Internacional. E ele tinha toda a razão. A República Popular Democrática de Angola (RPDA) proclamada como resposta forçada por H. Roberto e J. Savimbi com capital provisória na cidade do Huambo (Nova Lisboa) nunca foi reconhecida por nenhum Estado e por nenhuma Organização Internacional. A República Popular Democrática de Angola, proclamada pela FNLA e UNITA, de facto só existia no papel e, após o reconhecimento do Governo da RPA presidido por Agostinho

---

153 Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975–1980*. Ashanti Publishing, 1989, p.104.

Neto pela OUA em Fevereiro de 1976, a RPDA deixou de existir de jure.<sup>154</sup> Entretanto, no dia 11 de Novembro de 1975, vários Estados (não só os aliados do MPLA, tais como a URSS e Cuba), todos os países africanos de língua oficial portuguesa, o Brasil, Portugal e muitos outros países declararam o reconhecimento oficial da nova República e do seu Governo e estabeleceram relações diplomáticas.

Por isso, H. Roberto que procurava entrar em Luanda antes do dia 11 de Novembro, custe o que custar, simplesmente não teve outra opção senão avançar pelo caminho mais curto do Morro da Cal pelas pontes sobre a Lagoa do Panguila e o rio Bengo. Os dirigentes da FNLA naturalmente receavam que ambas as pontes nesta estrada podiam ser explodidas no momento de ataque e a Engenharia zairense só possuía material para a construção de uma ponte.<sup>155</sup> Mas, segundo os testemunhos dos partidários de H. Roberto, até ao dia 10 de Novembro, ambas as pontes, tanto sobre a Lagoa do Panguila como sobre o rio Bengo estavam intactas. Recorramos de novo às Memórias do participante à Batalha do lado da FNLA P. Marangoni. Ele afirma: “Mas nenhuma das duas pontes (trata-se das pontes sobre a Lagoa de Panguila e o rio Bengo – S.K.) estavam destruídas e não entendo porque os angolanos insistem em um facto que daria até mais valor à luta deles. Claro com a ponte destruída, seria uma defesa mais segura, praticamente admitindo que não conseguiriam deter o inimigo. A ponte destruída seria uma protecção a mais.

Quando o grupo de comandos com o capitão Valdemar tomou a primeira ponte, da lagoa do Panguila, apenas cordões detonantes foram encontrados, sem explosivos. Eu próprio passei por ela, intacta. A segunda ponte sobre o Bengo também estava intacta. No primeiro ataque foi avistada inteira pelos blindados e também pelos aviões de reconhecimento.

Talvez a ponte do Bengo estivesse sabotada, não destruída, ou seja, colocaram as cargas explosivas e não detonaram, tal seria feito apenas se não conseguissem nos deter? Será que isso aconteceu também na ponte do Panguila, onde encontramos os cordões detonantes? E a explosão teria falhado?

Se as pontes do do Panguila e do Bengo estavam destruídas, como posteriormente as FAPLA e cubanos avançaram de Quifangondo contra o Morro da Cal e Caxito? Pelas pontes...?”<sup>156</sup>

154 Tokarev A. FNLA na luta anticolonial e guerra civil em Angola. Instituto de África da RAN, Moscovo, 2006.

155 Marangoni P. A. A Opção Pela Espada. Alcante, 2008, p. 82.

156 Entrevista do autor com Marangoni P. A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni)

Recorramos às Memórias dos participantes angolanos da Batalha do lado das FAPLA. O ex-combatente da Batalha de Quifangondo General Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier, ex-Chefe da Academia Militar das Forças Armadas Angolanas (FAA) dizia que a ponte sobre o Bengo foi destruída!<sup>157</sup> Um outro participante da Batalha, actualmente Capitão da Guarda Presidencial da República de Angola, Álvaro António, na entrevista concedida à Televisão Pública de Angola (TPA) afirmou: “A ponte (sobre Bengo – S.K.) foi destruída quando por esta avançavam três veículos de combate, incluindo um tanque (trata-se do AML-90 dotado do canhão de 90 mm – S.K.) que estava para entrar na ponte. Os dois outros veículos de combate caíram da ponte e as suas tripulações morreram na queda”!<sup>158</sup>

Então, pode-se tirar a conclusão de que a primeira ponte a de Panguila os sapadores das FAPLA tentaram explodir, mas esta tentativa falhou e a ponte ficou intacta. Além das palavras de P. Marangoni isto fica confirmado pelas recordações dos participantes angolanos da Batalha Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier e Álvaro António que insistem em que a ponte do Bengo, a 10 de Novembro, foi atacada por veículos blindados AML. Estes veículos só podiam aparecer ali depois de atravessar a ponte do Panguila...

No que diz respeito à ponte do Bengo, as opiniões divergem. P. Marangoni afirma que a ponte estava “inteira”, enquanto as testemunhas das FAPLA e cubanas dizem que foi destruída. Mas em que momento? Quando exactamente?

Então, prestemos atenção a um detalhe. Uma parte dos participantes da Batalha afirma que a ponte foi explodida no momento em que a esta (intacta, segundo P. Marangoni) aproximaram-se os AML atacantes (Álvaro António, aliás, ele diz que os veículos entraram na ponte, mas isto não corresponde à realidade). Outros combatentes da Batalha do lado das FAPLA asseveram que a ponte foi destruída muito antes. O participante da Batalha General Salviano de Jesus Sequeira “Kianda” recorda que a ponte do Bengo foi destruída no dia 8 de Novembro de 1975. “08.11.1975 as tropas da coligação inimiga apoiadas pelo fogo de artilharia realizavam o sua acção de reconhecimento combativo que nos pareceu o início da sua ofensiva decisiva, que obrigou a destruição pelas nossas tropas da ponte sobre o rio Bengo por ordem

---

157 [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo)

158 <http://allafrica.com/stories/200811120632.html>

do Comandante da 9ª Brigada”!<sup>159</sup> Ademais, ele diz: “A destruição da ponte não foi detectada pelo inimigo pois a sua explosão confundiu-se com as explosões dos fogos das artilharias beligerantes”!<sup>160</sup> Porém, esta afirmação é contestada por P. Marangoni e participantes cubanos da Batalha. Segundo eles, após a ofensiva falhada das forças da FNLA e do Zaire no dia 7 de Novembro, nos dias posteriores de 8 e 9 de Novembro não foram realizados nenhuns ataques ou reconhecimentos em força em direcção a Quifangondo. Este momento da epopeia dos defensores de Quifangondo, sem dúvida, requer uma análise histórica mais detalhada.

Mesmo que admitamos que a ponte do Bengo tinha sido minada e explodida depois do início do ataque contra Quifangondo, então, os seus defensores corriam sério risco. Se as cargas explosivas colocadas não detonassem, como já tinha acontecido na ponte do Panguila, a coligação inimiga FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA teria um acesso a Luanda praticamente livre. Explodir e destruir a ponte sólida, construída em betão, como era a ponte do Bengo, não é uma coisa fácil. O que importa, não é a quantidade de cargas explosivas, mas a habilidade na sua colocação.

Mas se a ponte efectivamente foi explodida (talvez nos dias 7, 8 ou 10 de Novembro – a data deve ser precisada o que requer um estudo histórico pormenorizado), havia nela destruições sérias, capazes de impedir o avanço do material pesado? Pedro Marangoni afirma que não havia. O autor não dispõe de dados concretos relativos a esta questão. Um testemunho indirecto de que a ponte podia ficar de certo modo danificada podemos encontrar nas recordações de Mello Xavier. O General angolano diz que no dia 10 de Novembro, quando o combate terminou, ele com um grupo de combatentes recebeu a missão de realizar reconhecimento noutra margem do rio Bengo: “Atravessámos o rio, com uma canoa, e fomos até ao blindado que tínhamos atingido e demos com parte do corpo do comandante que dirigia o AML. Ao lado estava uma arma daquelas caçadeiras a que chamamos lançador de ovos de Páscoa (lança-granadas de mão norte-americano M-79. – S.K.) que eu ofereci ao Museu das Forças Armadas Angolanas na inauguração do Monumento dos Mártires de Quifangondo”!<sup>161</sup> O facto de que o grupo de reconhecimento aproveitou uma canoa para chegar à outra margem diz a favor da destruição da ponte.

159 Miguel Júnior. A batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p. 28.

160 Idem. P 29

161 [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo)

Os participantes cubanos da Batalha, entre as causas da demora da ofensiva após a derrota das tropas da FNLA a 10 de Novembro em Quifangondo, dizem que as FAPLA precisavam de certo tempo para a reparação da ponte do Bengo. A ofensiva foi iniciada no dia 15 de Novembro, somente depois de terem sido criadas as “condições mínimas necessárias” para a travessia!<sup>162</sup>

---

162 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 49.

## Segunda etapa da Batalha (5–8 de Novembro de 1975)

Pela manhã do dia 5 de Novembro, o contingente militar da FNLA e do Zaire na zona do Morro da Cal foi reforçado por C.E. portugueses e dois canhões zairenses de 130 mm transferidos de Sassalemba com guarnições sob comando do Coronel Molimbi.<sup>163</sup> As tropas atacantes depositavam grandes esperanças nestes potentes canhões de longo alcance capazes de causar sérios danos aos defensores de Quifangondo e neutralizar suas armas em posições de tiro. Algumas fontes dizem que eram canhões norte-coreanos, todavia, sem indicação do modelo ou nome. Cabe notar que o participante da Batalha de Quifangondo Tonta Afonso de Castro na sua intervenção publicada na Colectânea “A batalha de Quifangondo. 1975. Factos e documentos”, insistentemente menciona este canhão com o índice D-30. Porém, o obus D-30 é de produção soviética (posteriormente amplamente utilizado em Angola) e o seu calibre é de 122 mm. Portanto, Tonta está evidentemente errado.

A Coreia do Norte (RPDC) realmente produzia os canhões de 130 mm. Mas as Forças Armadas deste país eram também equipadas com canhões de longo alcance fornecidos pela União Soviética e China. Portanto, com alto grau de probabilidade pode-se afirmar que os canhões utilizados na batalha de Quifangondo eram canhões de 130 mm soviéticos M-46 (modelo de 1954) ou as suas réplicas produzidas na RPDC ou na China (a versão chinesa chama-se “tipo 59-1”). Segundo os sul-africanos, em Quifangondo estava a versão chinesa do canhão soviético.<sup>164</sup> Estes sistemas de artilharia têm grande alcance – até 27.150 metros. A China desenvolveu um novo projectil de 130 mm ERFB-BB que permitia aumentar o alcance máximo deste canhão até 38 km. Não se sabe os projecteis de que tipo tinham os artilheiros zairenses, mas mesmo com o alcance de 27 km, ficando na elevação dominante do Morro da Cal, além de Quifangondo, eles podiam bombardear os subúrbios de Luanda. Ademais, o M-46 é canhão capaz de disparar projecteis explosivos de fragmentação de 33,4 kg, tanto em tiro directo como curvo, ficando as posições das FAPLA e dos cubanos praticamente indefesas.

163 Miguel Júnior. A batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p.16.

164 Willem Steenkamp. Borderstrike!: South Africa into Angola 1975–1980. Ashanti Publishing, 1989, p.103

Os sul-africanos que estavam em Quifangondo chamam os canhões de 130 mm M-46 de obsoletos,<sup>165</sup> mas isso não corresponde à realidade. Esta arma mostrou-se altamente eficiente em vários conflitos armados no final do século XX e início do século XXI, em particular, em Angola, Egito, Síria, Iraque, Vietname. Exércitos de quase 30 países do Mundo até hoje estão dotados com os canhões M-46. Na década de 80 do século XX, a URSS forneceu às FAPLA 78 canhões M-46 que eram amplamente utilizados em Angola 78.<sup>166</sup> Nos combates no Sul de Angola uma parte destes foi capturada pelas tropas da RSA. Os sul-africanos, além de equipar com estes canhões soviéticos algumas unidades do seu Exército regular, posteriormente organizaram a produção de munições para o M-46 que, inclusive, eram exportadas!

Porém, convém notar que o canhão de campanha de 130 mm M-46 é uma peça de artilharia de manejo bastante complicado e deveras pesada (em marcha o M-46 pesa 8.450 kg) que requer uma guarnição, composta de 8 a 10 serventes com determinadas habilidades e competências. P. Marangoni lembra que os canhões eram transportados de Sassalemba (talvez devido ao seu peso) um por um e que os “artilheiros zaienses mal sabiam realizar um cálculo de tiro”. É devido à baixa competência das guarnições zaienses que estes potentes canhões de longo alcance não desempenharam o papel que realmente podiam desempenhar.

A principal missão das tropas da FNLA na segunda etapa da batalha consistia em conquistar e manter a posse das pontes sobre a Lagoa do Panguila e o rio Bengo. Na noite do dia 6 a 7 de Novembro, a ponte do Panguila foi tomada por um grupo de comandos chefiado pelo Capitão Valdemar.<sup>167</sup> Como já foi referido acima, os comandos depararam com vestígios da preparação para a explosão, mas a própria ponte estava intacta (Ver o Capítulo “Quando foi destruída a ponte sobre o rio Bengo?”).

Procurando desenvolver a ofensiva, pela manhã do dia 7 de Novembro, as tropas da FNLA e do Zaire empreenderam mais um ataque.<sup>168</sup> Na zona da ponte conquistada do Panguila foi organizado

---

165 Idem.

166 Nota Informativa da DG da CMI do EMG das FA da Rússia “Da Cooperação Técnico-Militar entre a FR e a República de Angola”, de 20 de Dezembro de 2008. Arquivo da Organização Social Regional (OSR) da “União dos Veteranos de Angola”, 2008.

167 Marangoni P. A. A Opção pela Espada. Alcante, 2008, p. 82.

168 Nas recordações dos participantes cubanos daqueles combates diz-se que o ataque foi iniciado ainda no dia 5 de Novembro. Ver: La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 46-47. Porém, nos comentários ao vídeo filmado por cubanos durante os combates em Quifangondo diz-se que aquele combate começou às 11 horas do dia 7 de Novembro. Ver: [http://www.youtube.com/watch?v=JxKfjvq0-\\_8&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=JxKfjvq0-_8&feature=related)

o Posto de Comando Avançado em que se encontravam o Coronel Gilberto Santos e Castro, o Major A. Cardoso e o Comandante das tropas zairenses Coronel Mamina Lama. Nas proximidades da ponte começaram a concentrar-se várias centenas de militares zairenses e soldados da FNLA que esperavam pela ordem para o início da ofensiva. Estava previsto que o avanço em direcção a Quifangondo seria iniciado com o começo do bombardeamento das posições das FAPLA pelos canhões de 130 mm zairenses das suas posições no Morro da Cal.

As unidades da FNLA e do Zaire na zona da ponte do Panguila ficavam a descoberto sob fogo praticamente contínuo dos lançadores “Grad-1-P” (durante o dia 7 de Novembro, as FAPLA dispararam contra o inimigo cerca de 100 mísseis de 122 mm)<sup>169</sup> e sofreram pesadas baixas esperando o início da preparação da artilharia. Porém, esta nunca começou; no primeiro disparo o cano de um dos canhões de 130 mm zairenses rebentou devido à incompetência da guarnição. Os artilheiros mal treinados, ao carregar o canhão, colocaram erradamente uma carga de pólvora aumentada (o canhão é de carregamento separado: primeiro, carrega-se o projectil, depois, coloca-se a carga de pólvora)<sup>170</sup>. O canhão ficou destruído, o oficial de artilharia morreu. O disparo do segundo canhão igualmente foi falhado.<sup>171</sup> De facto, estes canhões não participaram no combate do dia 7 de Novembro.

As posições das FAPLA eram batidas por morteiros, inclusive os bastante potentes de 120 mm. Segundo os partidários da FNLA, o fogo não era muito eficiente devido à grande distância entre as suas posições e a colina de Quifangondo.<sup>172</sup> Entretanto, os participantes cubanos da defesa de Quifangondo discordam desta avaliação. Eles recordam que as granadas explodiam à frente, “nos flancos e atrás das suas posições”<sup>173</sup>. O tiro dos morteiros que durou quase duas horas e, embora tivesse incomodado os defensores de Quifangondo, não causou nenhuma baixas aos cubanos e combatentes das FAPLA nos seus abrigos seguros.<sup>174</sup>

Apesar da falta do apoio da artilharia de longo alcance zairense, as forças da FNLA e do Zaire, por volta das 11 horas do dia 7 de Novembro passaram ao ataque. Devido às condições do terreno

---

169 Marangoni P. A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 86.

170 Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975–1980*. Ashanti Publishing, 1989, p.106.

171 Stockwell J. *CIA contra Angola*. União Dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 231.

172 Marangoni P. A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 85.

173 *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 46.

174 Entrevista com veterano cubano da guerra em Angola Garcia Martinez. Havana, 22 de Outubro de 2008.



(à direita e à esquerda da estrada estendia-se uma baixa alagada ou pantanosa) as tropas avançavam em coluna pela estrada em direcção à ponte sobre o rio Bengo. A vanguarda da coluna foi formada pelos veículos blindados AML Panhard zairenses seguidos por AML Panhard de comandos portugueses e camiões Mercedes com soldados. Os defensores de Quifangondo viram até cinco veículos blindados AML Panhard aproximar-se da ponte do Bengo acompanhados de infantaria<sup>175</sup> que com os primeiros tiros se apeou, abrigoando-se de dois lados da estrada.

As unidades das FAPLA e instrutores cubanos em defesa receberam a coluna atacante com o fogo bem organizado e coordenado dos canhões de 76 mm ZIS-3, lançadores “Grad-1-P”, morteiros de 120 e 82 mm e metralhadoras antiaéreas ZPU-4 desdobradas para tiro directo, assim como pelo fogo de todas as armas ligeiras!<sup>176</sup> Segundo recordava o participante daquele combate P. Marangoni: “O fogo fora tão intenso que minúsculos estilhaços penetraram pelos orifícios das escotilhas e visores dos Panhard, ferindo os tripulantes”. Sob o fogo mortífero dos defensores de Quifangondo os veículos blindados zairenses pararam e começaram a recuar sem ter conseguido chegar à ponte do Bengo, nem tendo feito algum disparo de resposta. Os AML Panhard dos comandos portugueses que estavam na retaguarda da coluna igualmente retrocederam em direcção à ponte do Panguila. Nenhum dos AML atacantes teve danificações críticas, apenas alguns pneus furados por balas ou estilhaços.

A artilharia e metralhadoras das FAPLA não paravam o fogo intenso contra as forças da FNLA e do Zaire que tinham recuado à Lagoa do Panguila e ao Morro da Cal. Cabe citar aqui um trecho do livro de P. Marangoni que caracteriza o estado geral das tropas da FNLA e do Zaire naquele momento: “Após uma pequena pausa, o inimigo, orientado por bons profissionais, fez exactamente o que devia – com todas as bocas disponíveis cobriram a baixada do Panguila de fogo e antiaéreas, provavelmente avançadas, ceifavam tudo e todos (talvez, trate-se das ZPU-4 colocadas para o tiro directo.– S.K.). As árvores incendiavam-se, os milhares de projectéis faziam-nas farfalharem agitadas e aliadas ao fumo que invadia as posições. O retumbar contínuo e os gritos de dor e agonia davam um ar de apocalipse, de algo terrível, mas fantástico.

---

175 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 46.

176 Idem, p. 47.

Largando armas e chefes, os africanos agarravam-se aos caminhões e blindados, procurando fugir. Aos feridos, ninguém acudia. Quem caísse na estrada tinha o corpo esmagado pelos veículos, cujos condutores não podiam se desviar, mergulhados em uma multidão enlouquecida, nem ao menos poderiam diminuir a marcha ou seriam fuzilados pelos soldados que só pensavam em sair dali”<sup>177</sup>

Naquele dia, a retirada das tropas da FNLA e do Zaire transformou-se numa fuga em pânico, “muitos soldados se meteram pelo mato, abandonando as Companhias, achando que a guerra acabou de vez”. Segundo P. Marangoni, “O inimigo não aproveitara a grande chance de nos perseguir durante o pânico, avançaria até Caxito, no mínimo”. Porém, as tropas das FAPLA e os cubanos não pretendiam passar à perseguição e limitaram-se a rechaçar o ataque.

Isso permitiu a Holden Roberto, seu Estado-Maior, Comando das tropas zaienses, em poucos dias posteriores, restabelecer a disciplina, reunir a maioria dos soldados fugitivos na zona do Morro da Cal e iniciar a preparação da nova ofensiva. O fracasso do ataque das tropas da FNLA e do Zaire contra Quifangondo, empreendido no dia 7 de Novembro, todavia, segundo P. Marangoni, teve seus momentos positivos: Ao menos conseguiram informações complementares das defesas inimigas e o seu sistema de fogo. Em particular, foram estabelecidas as vias de acesso à ponte sobre o rio Bengo (que estava intacto), foi determinada a localização dos três canhões anti-carro de 76 mm (instalados numa elevação situada logo à saída da ponte), bem como as posições da infantaria das FAPLA (equipada com os lança-granadas RPG) situadas ao longo do tubo de betão da conduta de água. Na estrada Panguila – Quifangondo, até ao dia 9 de Novembro, inclusive, não houve outros confrontos armados. Foi assim que terminou a segunda etapa da Batalha de Quifangondo.

---

177 Marangoni P. A. A Opção Pela Espada. Alcante, 2008, p. 86.

## Reforço das partes beligerantes na véspera do combate decisivo do dia 10 de Novembro de 1975

À medida da aproximação do dia 11 de Novembro, ambas as partes aproveitavam as possibilidades para a acumulação das forças para a batalha decisiva que devia determinar quem iria governar Luanda. No período de 8 a 9 de Novembro, o agrupamento da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA, bem como as FAPLA e instructores cubanos em Quifangondo foram consideravelmente reforçados.

Na tarde do dia 9 de Novembro, ao Morro da Cal chegou um Pelotão de Artilharia composto de três obuses rebocados de 140 mm G-2 das SADF tendo dado, conforme a opinião oficial da CIA em Angola e conselheiro norte-americano de H. Roberto J. Stockwell “uma nova esperança à FNLA”. O pedido de apoio pela artilharia pesada foi dirigido pelo próprio Presidente da FNLA H. Roberto aos Generais sul-africanos Constand Viljoen e Magnus Malan durante a reunião no dia 4 de Novembro em Ambriz e repetido ao Brigadeiro sul-africano Ben de Velt Roos no dia 6 de Novembro.<sup>178</sup> A solicitação foi atendida pelo Comando das SADF. Os três obuses G-2 disponibilizados com respectivas munições faziam parte do 14º Regimento de Artilharia de Campanha do Exército sul-africano. As armas e guarnições chegaram nos aviões de transporte da Força Aérea da RSA a Ambriz à noite de 7 de Novembro, mas devido à longa procura de camiões apropriados para o reboque dos obuses e transporte de munições, péssimas condições das estradas<sup>179</sup> e intempéries, as bocas de fogo apareceram nas posições no Morro da Cal somente no dia 9 de Novembro. A guarnição dos obuses era composta de 20 artilheiros sul-africanos comandados pelo Major Jack Bosch<sup>180</sup> que dispunha de 1.200 munições da reserva.<sup>181</sup> Junto com os artilheiros chegou um grupo de oficiais sul-africanos, incluindo um médico militar.

Posteriormente, alguns militares e historiadores sul-africanos, assim como participantes daqueles combates do lado da FNLA e da RSA iriam chamar os canhões G-2 de obsoletos, procurando convencer

178 Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975–1980*. Ashanti Publishing, 1989, p. 104.

179 *Idem*, p.105. Porém, P. Marangoni acha que as queixas dos sul-africanos de “más estradas” eram infundadas: segundo ele, o estado da estrada asfaltada Ambriz – Caxito – Luanda era perfeito.

180 Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975–1980*. Ashanti Publishing, 1989, p. 105.

181 Marangoni P. A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 88.

que “o seu papel na batalha era de pouca importância”. Permito-me duvidar desta avaliação.

Os G-2 eram uma versão modernizada da peça obus britânica Mk2 BL de 140 mm (5,5 polegadas) da época da Segunda Guerra Mundial. As FA da Grã-Bretanha foram equipadas com estas bocas de fogo em Maio de 1942. Os canhões eram igualmente utilizados pelas unidades sul-africanas que combateram integrando as forças da Comunidade Britânica nas campanhas na Itália e no Norte de África. As peças obuses equiparam as Forças Armadas Britânicas até ao início da década de 80 do Século XX, sendo utilizadas no princípio do Século XXI nos Exércitos da Índia, Paquistão, Nova Zelândia e África do Sul.<sup>182</sup> O alcance máximo de tiro do obus G-2 é de 16460 m, o alcance mínimo é de 12 km.<sup>183</sup>

Os obuses G-2 transportados ao Morro da Cal, ao contrário dos canhões de 130 mm zairenses, estiveram em perfeito estado operacional<sup>184</sup> e seus serventes sul-africanos eram bem treinados e experientes.<sup>185</sup> Com o seu grande alcance que podia superar os 16 km acima referidos graças às posições vantajosas nas elevações dominantes do Morro da Cal e numerosas reservas de munições, estas armas eram uma força potente que podia ser de importância decisiva no ataque a Quifangondo e abrir caminho às forças da FNLA e do Zaire a Luanda.

Basta dizer que a potência total dos explosivos das 1200 munições do G-2 fornecidas ao Morro da Cal cifrava-se em quase 6 mil toneladas (o projectil do obus G-2 Mk3D de 37 kg tem a carga explosiva de 5,44 kg). Os 6000 kg de explosivos que os G-2 eram capazes de disparar contra os defensores de Quifangondo protegidos apenas por abrigos de terra e trincheiras podiam rapidamente arruinar as defesas existentes na colina, isso sem falar no efeito psicológico que o bombardeamento podia produzir nos habitantes da capital angolana. Portanto, a FNLA, sendo reforçada com a artilharia pesada servida por guarnições experientes efectivamente teve grande chance de êxito no futuro combate – o conselheiro norte-americano de H. Roberto J. Stockwell teve toda razão.

---

182 <http://asww.org/content/view/23/29/>

183 Helmoed-Romer Heitman. *South African Arms and Armor*. Cape Town, 1988, p. 82.

184 Aliás, W. Steenkamp no seu livro menciona que num dos obuses G-2 “houve problemas de natureza técnica” que foram reparados rapidamente. Ver: Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975–1980*, Ashanti Publishing, 1989, p.105.

185 Marangoni P. A. *A Opção pela Espada*. Alcante, 2008, p. 89.

Além da chegada dos artilheiros sul-africanos ao Morro da Cal, o líder da FNLA recebeu do Brigadeiro Ben de Velt Roos uma outra notícia encorajadora – a FA sul-africana estava disposta a dar apoio aéreo à ofensiva da FNLA. Na véspera do ataque decisivo, três bombardeiros ligeiros sul-africanos Canberra deviam realizar operações de assalto contra as posições das FAPLA em Quifangondo.<sup>186</sup>

De outro lado, na véspera do dia 10 de Novembro, o agrupamento das FAPLA e cubanos também receberam um importante reforço que, em particular, integrava uma Bateria de BM-21 “Grad” com guarnição cubana.<sup>187</sup> Estes lançadores múltiplos, a 7 de Novembro, chegaram pelo mar do porto congolês de Pointe-Noire ao porto de Luanda.<sup>188</sup> Ao Congo os veículos foram transportados da URSS por via aérea.<sup>189</sup> Em Quifangondo eles apareceram na véspera do dia 10 de Novembro.<sup>190</sup> Tudo indica que os cubanos esperavam a chegada dos “Grad”, pois, as suas guarnições chegaram a Luanda de Cuba por aviões “Bristol-Britannia” da companhia aérea “Cubana” ainda no dia 4 de Novembro. Cabe notar as medidas de segurança tomadas aquando da transferência dos BM-21 de Luanda a Quifangondo. Logo após a chegada, os “Grad” de modo dissimulado ocuparam as posições em profundidade da defesa, no flanco, a 6–7 km de Quifangondo para poderem manter sob o seu fogo a maior parte da estada do Morro da Cal até Quifangondo. As características dos BM-21 (o alcance máximo de 20 km e o mínimo de 5 km) permitiam controlar a estrada.

Durante a noite de 9 a 10 de Novembro, o agrupamento das FAPLA e cubanos na zona de Quifangondo foi reforçado ainda mais com a Companhia de força especial do Ministério do Interior de Cuba<sup>191</sup> que tinha chegado alta noite do dia 9 de Novembro a Luanda vinda de Havana em dois aviões “Bristol-Britannia”<sup>192</sup> Os combatentes das tropas especiais foram transportados pela rota Havana – Barbados – Bissau – Brazzaville – Luanda viajando como turistas à paisana e com passaportes comuns emitidos em seus nomes reais.<sup>193</sup> Cada um deles teve consigo uma pequena mala onde cabiam uma AKS, carregadores de reserva e algumas granadas. No compartimento de carga de um

186 Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975–1980*. Ashanti Publishing, 1989, p. 105.

187 *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 51.

188 Operation Carlota: <http://www.themilitant.com/2006/7004/700462.html>

189 Os detalhes do transporte dos BM-21 da URSS ao Pointe-Noire congolês serão abordados mais abaixo.

190 Jorge Risquet Valdés. *La Epopeya De Cuba En Africa Negra*. Discurso 7 de Julio 2005. La Habana, Teatro del MINFAR.

191 *La Guerra de Angola*. Editora Política, La Habana, 1989, p. 51.

192 <http://www.themilitant.com/2006/7004/700462.html>

193 Márquez. G. *Homens que cumpriram o seu dever*. Coetâneo, 2 de Fevereiro de 2007.

dos aviões estavam armas colectivas cuidadosamente escondidas: metralhadoras ligeiras, lança-granadas RPG-7, três canhões sem recuo de 75 mm e três morteiros de 82 mm!<sup>194</sup>

Foi a primeira unidade das tropas regulares cubanas em Angola que integrava 158 combatentes (é interessante que o seu número quase coincide com o número dos comandos portugueses ao lado do FNLA!), 120 dos quais (os Corvos ao Imbondeiro) foram transferidos a Quifangondo,<sup>195</sup> ficando no segundo escalão das FAPLA na região de Cacuaco e constituindo a “reserva operacional dos defensores de Quifangondo”!<sup>196</sup>

Na véspera da batalha decisiva foram transferidas ao agrupamento em Quifangondo praticamente todas as forças das FAPLA e dos cubanos além dos contingentes que defendiam a Frente Sul. Para as tropas das FAPLA em Quifangondo até foi enviada uma das primeiras unidades formada por uma centena de mulheres-militantes do MPLA<sup>197</sup> que, porém, não constituíam uma unidade de combate, mas foram distribuídas entre as unidades em defesa cumprindo o seu dever como pessoal de comunicações e enfermeiras.

---

194 Urribares R. Enviados de Fidel. Aviadores cubanos em Angola 1975–1976. Aviação e Tempo, N.º2, 2007, p. 27.

195 La Guerra de Angola. La Habana, Editora Política, 1989, p. 51.

196 Jose M. Ortiz. Angola: un abril como Giron. Editora Política, La Habana, 1979, p. 51.

197 [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo), assim como Memórias de Álvaro António, Televisão Pública de Angola, 12 de Novembro de 2008. <http://allafrica.com/stories/200811120632.html> e <http://www.tpa.ao/artigo.aspx?sid>

## Composição de forças e meios das partes beligerantes na véspera do combate decisivo de 10 de Novembro de 1975

### **O agrupamento da FNLA.**

Na véspera da ofensiva decisiva contra Luanda a ser realizada nos dias 9 e 10 de Novembro, a coligação de forças da FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA contava com cerca de 2 mil homens: de 3 a 4 Batalhões de Infantaria, Companhia de Pontes, Companhia de C. E. portugueses (154 pessoas), 52 militares sul-africanos.

À disposição do líder da FNLA H. Roberto havia as seguintes armas, material blindado e transporte: de 9 a 16 (segundo diferentes fontes) veículos blindados Panhard (AML-90, AML-60, AML-VTT), até 10 jipes com canhões sem recuo anti-carro de 106 mm, Pelotão de obuses sul-africanos de 140 mm G-2 (três obuses, 20 efectivos da guarnição sob o comando do Jack Bosch), um canhão de 130 mm do Exército zairese “do tipo 59-1”, uma Bateria de morteiros de 120 mm (até 10 morteiros), alguns morteiros de 81 mm, 60 mm, supostamente morteiros 106 mm, além de alguns canhões antiaéreos de 20 mm instalados nos carros, vários camiões Mercedes e outro material.

O comando geral do agrupamento de FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA em Quifangondo foi exercido pelo Presidente da FNLA, Comandante em Chefe do ELNA Holden Roberto. O contingente militar zairese era comandado pelo Coronel zairese Mamina Lama. O Estado-Maior da FNLA e os C. E. portugueses estavam sob o comando do ex-Coronel do Exército Português G. Santos e Castro. O contingente militar sul-africano era comandado pelo Brigadeiro Ben de Velt Roos. O Posto de Comando das tropas coligadas FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA estava situado no Morro da Cal, enquanto o Posto de Comando Avançado situava-se na zona da ponte sobre a Lagoa do Panguila.

### **O agrupamento das FAPLA e cubanos.**

A 10 de Novembro, na véspera da ofensiva decisiva das forças da FNLA em direcção a Luanda, a coligação de forças das FAPLA e das tropas cubanas contava com cerca de 1300 homens, sendo mais de 200 deles militares cubanos, nomeadamente, cerca de 80 instrutores e artilheiros das guarnições dos BM-21, canhões de 76 mm, morteiros de 120 mm e ZPU-4; uma companhia (120 militares) da força especial

do MI de Cuba (assim chamados os Corvos ao Imbondeiro) que ocupavam as posições no segundo escalão na região de Cacucuo, assim como até 10 oficiais do Comando da Missão Militar Cubana em Angola!<sup>198</sup> Segundo recordavam os veteranos das FAPLA, as suas forças formavam três Batalhões de Infantaria, estando dois no primeiro escalão e um no segundo!<sup>199</sup> embora num mapa da Batalha publicada na Edição “XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo” do Instituto de Geodesia e Cartografia de Angola, 1986, são claramente indicadas apenas dois Batalhões. Seria interessante saber o porquê desta divergência?

À disposição das FAPLA e cubanos havia as seguintes peças de artilharia, material blindado e de transporte: uma Bateria de BM-21, uma Bateria de lançadores “Grad-1-P” (seis peças), três canhões de 76 mm ZIS-3, um Pelotão de ZPU-4 de 14,5 mm, alguns sistemas AA ZGU-1 (possivelmente), uma Bateria de morteiros de 120 mm, uma Bateria de morteiros de 82 mm, um Pelotão (quatro veículos) BRDM-2, duas Baterias de canhões sem recuo B-10 de origem soviética, duas Baterias de canhões sem recuo C-75 e vários camiões Unimog e outro material!<sup>200</sup>

O agrupamento das FAPLA estava sob o comando de David Moisés “Ndozi”. O Estado-Maior era comandado pelo Chefe do Estado-Maior da 9ª Brigada António dos Santos França “Ndlu”, o Chefe da Artilharia era Roberto Leal Monteiro “Ngongo” e o Chefe de Operações era Rui de Matos “Maio”. Também fez parte da estrutura do comando Salviano de Jesus Sequeira “Kianda”, actual Ministro da Defesa de Angola. O contingente cubano em Quifangondo era comandado pelo Fernandez Gondin!<sup>201</sup>

---

198 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 51.

199 Miguel Júnior. A batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p. 27–28.

200 Idem.

201 Jorge Risquet Valdés. La Epopeya De Cuba En Africa Negra. Discurso 7 de Julio 2005. La Habana, Teatro del MINFAR.



## Bombardeamento aéreo das posições das FAPLA em Quifangondo: Mito ou Realidade?

Algumas fontes relativas à Batalha de Quifangondo mencionam três aviões da Força Aérea da RSA Canberra que, na manhã do dia 10 de Novembro de 1975, bombardearam as posições das FAPLA. É de notar que nas fontes sul-africanas afirma-se que os bombardeamentos atingiram os alvos pretendidos e o Chefe do contingente sul-africano na Batalha de Quifangondo Ben de Velt Roos esteve satisfeito com os “sérios efeitos psicológicos produzidos”<sup>202</sup>

No entanto, o participante da batalha do lado das FAPLA Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier não se lembra de bombardeamento aéreo algum. Ele recorda: “Estávamos à espera do início da ofensiva a 10 de Novembro de 1975. Eram 5 horas de manhã quando apareceram dois aviões que sobrevoaram as posições das FAPLA no morro de Quifangondo. A primeira impressão era que pretendiam bombardear, mas nada aconteceu. Eram voos de reconhecimento dos acessos às nossas posições e do estado das pontes, realizados por aviões ligeiros de reconhecimento a operar do aeródromo de Ambriz ou das pequenas pistas que havia naquela região, em particular, na Fazenda Martins de Almeida”<sup>203</sup> A julgar pelas recordações dos participantes da batalha, não havia nada de extraordinário nisso. Os voos de reconhecimento da aviação ligeira e não armada da FNLA eram bastante regulares.

O participante aos combates do lado da FNLA P. Marangoni confirma que, a 10 de Novembro, o campo de batalha realmente era sobrevoado por aviões ligeiros da FNLA que descolavam de Ambriz. O seu objectivo realmente era o reconhecimento do inimigo, não se tratando de bombardeamentos.<sup>204</sup>

Além disso, P. Marangoni diz que “nem o coronel Santos e Castro foi informado de ajuda de bombardeiros sul-africanos”<sup>205</sup> Por outro lado, P. Marangoni que estava no primeiro escalão das tropas atacantes recorda que “realmente por volta das 05:00H do dia 10 de Novembro ouvi um ruído semelhante a jactos de combate em grande altitude e depois três explosões surdas, não mais, abafadas entre o morro de

202 Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975–1980*. Ashanti Publishing, p.105.

203 [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo)

204 Entrevista do autor com Marangoni P. A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni)

205 Os sul-africanos que estavam algo desconfiados do Coronel Santos e Castro, portanto, bem podiam não participar-lhe essa informação.

Quifangondo e Luanda”. Levando em consideração que às 5 da manhã nesta região só começa a amanhecer (a 10 de Novembro em Luanda amanhece às 05:36) e, ademais, segundo recordavam os participantes da batalha, naquela manhã estava a chover e havia forte nevoeiro, é difícil admitir que o bombardeamento (se realmente eram aviões sul-africanos) possa ser efectuado com desejada precisão. Pedro Marangoni, baseando-se nas impressões pessoais, tem a mesma opinião: “Se houve uma tentativa, não foi além, talvez devido a dificuldade de execução (proximidade das forças oponentes no terreno)”.

Um pormenor interessante: as informações sobre a participação da aviação de bombardeamento da RSA nos eventos em Quifangondo em Novembro de 1975 não constam de várias edições sul-africanas dedicadas à História das SADF e da FASA. Numa série destas há descrições pormenorizadas, por exemplo, da Operação da FASA de evacuação do contingente militar sul-africano da região Quifangondo em Novembro de 1975. Porém, não há nenhuma referência ao emprego dos bombardeiros da FASA nas proximidades de Luanda em Novembro de 1975! Sabendo-se da atitude quase religiosa das SADF diante da sua História, sendo escrupulosamente fixado tudo o que tinha ocorrido durante a intervenção em Angola em 1975–1976 (Operação Savana) e no decorrer da chamada Guerra da fronteira (Border war) com Angola posterior, tal lacuna é francamente surpreendente. O próprio facto de um voo nocturno de mais de mil quilómetros desde a Base Aérea dos Canberras em Rundu na Namíbia e vice-versa é realmente notável. Tal voo demonstra as melhores qualidades das aeronaves e dos pilotos, sua excelente mestria e capacidade de atingir com alta precisão um alvo em ambientes adversos (noite, mau tempo) e evidentemente devia ficar nos anais da História da Força Aérea Sul-Africana.

Porém, por exemplo, na edição “History of the South African Air Force”<sup>206</sup> aos eventos em Quifangondo são dedicadas apenas umas poucas linhas do livro, nomeadamente, “no decurso da operação “Savana”, em 1975–1976, a Força Aérea da RSA utilizava em Angola os helicópteros, aviões ligeiros e aviões de transporte militares”. Sobre a operação em 1975 nas proximidades de Luanda diz-se: “Os helicópteros Westland Wasp evacuaram as tropas sul-africanas da região a norte de Luanda”. Além disso, está escrito que “na fase final da operação participaram os helicópteros Puma que operavam do convés

---

206 [www.af.mil.za/about\\_us/history.html](http://www.af.mil.za/about_us/history.html)

da fragata “President Steyn” da Marinha da RSA, tendo transportado o contingente militar sul-africano da região de Ambrizete.<sup>207</sup>

Pode-se supor que este episódio não tenha ocupado um lugar digno na História da FA da RSA porque todos os esforços dos pilotos não se coroaram de êxito e a missão de combate simplesmente não foi cumprida, tanto mais que os participantes dos combates de um e de outro lado não viram os aviões Canberra sobre o campo de batalha e não se lembram de bombardeamento aéreo algum. A informação de que o bombardeamento (ou antes convém notar da tentativa de bombardeamento) todavia teve lugar pode-se encontrar no livro da autoria de Willem Steenkamp “Borderstrike!: South Africa into Angola 1975–1980”<sup>208</sup> que mereceu três edições. O autor, fazendo referência ao Brigadeiro sul-africano Ben de Velt Roos e ao oficial de comunicações da FA sul-africana Ken Snowball, ambos participantes da Batalha de Quifangondo, afirma que três aviões Canberra dotados de três bombas de 450 kg cada, sendo comandados pelo oficial Steenkamp levantaram voo da Base Aérea de Rundu e na manhã do dia 10 de Novembro chegaram ao alvo. Eis o que escreve o autor: “Às 5 horas e 59 minutos, terminado o tiro de artilharia, os Canberras de Steenkamp apareceram sobre o campo de batalha e realizaram o bombardeamento. Porém, o ataque não causou grande dano visto que os aviões deviam manter-se à grande altura e os alvos ficavam invisíveis no nevoeiro matutino. Foram lançadas somente quatro bombas das nove disponíveis, mas nenhuma atingiu os alvos. O facto foi testemunhado pelo oficial Ken Snowball”<sup>209</sup>.

Cabe notar que muitos participantes da batalha, que estavam em pleno combate, só posteriormente souberam daquele bombardeamento. Durante o dia 10 de Novembro de 1975, a maioria absoluta dos soldados e oficiais que participaram na batalha não tinham a mínima ideia de que Quifangondo foi bombardeado pela aviação sul-africana. As consequências daquele bombardeamento eram de muito pouca importância para o desfecho do combate de 10 de Novembro. As explosões das bombas não causaram prejuízo algum aos defensores. Os participantes cubanos daquela batalha Tenentes-Coronéis das FAR de Cuba Enrique Buznego Rodrigues e Lázaro Cardenas Sierra nem mencionavam este facto nas suas Memórias. O emprego da aviação de

---

207 Idem.

208 Willem Steenkamp. *Borderstrike!: South Africa into Angola 1975–1980*. Ashanti Publishing, 2007.

209 Idem, p.105.

bombardeamento tampouco contribuiu para o aumento do moral dos soldados da FNLA, porquanto eles simplesmente não sabiam nada disso. Por isso, a declaração do Brigadeiro sul-africano Ben de Velt Roos de que “os bombardeamentos atingiram os alvos pretendidos” e produziram “sérios efeitos psicológicos” nem de longe corresponde à verdade.

A única consequência significativa do emprego da aviação (aviões ligeiros da FNLA) foi a transferência da Bateria de BM-21 “Grad” para as novas posições mais a leste do morro de Quifangondo devido à ameaça da sua detecção pelo reconhecimento aéreo.<sup>210</sup>

---

210 XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986.

## Terceira etapa da Batalha (de 9 a 10 de Novembro de 1975)

Durante todo o dia 9 de Novembro, as tropas da FNLA e do Zaire flagelavam com a sua artilharia de longo alcance e morteiros as posições das FAPLA e dos cubanos em Quifangondo, assim como os subúrbios de Luanda:<sup>211</sup> O participante da defesa do Quifangondo Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier recorda: “Durante o dia (9 de Novembro.– S.K.) estivemos sob o tiro intenso de todas as Baterias da artilharia do inimigo que, pelos vistos, esperava que respondêssemos descobrindo a localização das nossas armas. Mas pela ordem do comandante “Ndozi” as nossas tropas não abriam fogo, pois, sabíamos que os sul-africanos utilizavam o sistema de pontaria de canhões que localizava os alvos pelo som”<sup>212</sup> A artilharia bombardeava durante todo o dia 9 de Novembro e apenas à noite reinou o silêncio. Naquele dia não houve mais ataques contra Quifangondo. O combate decisivo teve lugar no dia 10 de Novembro.

Às 04:30 da manhã de 10 de Novembro de 1975, o tiro intenso de canhões e morteiros do lado do Morro da Cal contra as posições das FAPLA marcou o início da preparação de artilharia da ofensiva em direcção a Quifangondo. Os obuses de 140 mm sul-africanos, visando produzir um efeito psicológico nos habitantes da capital angolana, igualmente começaram o bombardeamento de Luanda e dos seus subúrbios. Igualmente era utilizado o canhão de 130 mm zairense. P. Marangoni recorda que “Segundo o plano de tiro, primeiro se bombardeariam alvos estratégicos da capital incluindo o aeroporto, por onde uma ponte aérea despejava soldados cubanos e armamentos. Depois era a vez de Quifangondo, tentando se destruir os abrigos. À medida que fossem detectados focos de resistência aos blindados Panhard a avançar pela estrada, os obuses iriam fazendo seu tiro de protecção”.

---

211 FAPLA baluarte da paz em Angola. Berger-Levrault International, Paris, 1989, p. 110.

212 [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo). Na guerra em Angola os sul-africanos realmente utilizavam o sistema de localização de alvos pelo som para obuses de longo alcance, em particular, durante a Batalha de Cuito Cuanavale em 1987–1988. Porém, é duvidoso que os combatentes das FAPLA tenham sabido disso em Novembro de 1975. É mais provável que o General Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier fez essa conclusão com base na sua experiência posterior da guerra em Angola. Além disso, parece surpreendente que naquela altura o General Xavier tenha informações sobre a participação no combate de 10 de Novembro ao lado da FNLA da artilharia dos sul-africanos, visto que os seus canhões chegaram ao Morro da Cal apenas no dia 9 de Novembro, mesmo na véspera do combate decisivo.

Durante a preparação de artilharia alguns projecteis dos obuses sul-africanos disparados em direcção à capital angolana explodiram na região de Grafanil. Várias fontes indicam que naquela região o bombardeamento causou morte de uma mulher.<sup>213</sup> Porém, é possível que não tenha sido projectil de obus cujo alcance era de apenas 16 km, mas uma bomba sul-africana lançada por um dos Canberras. Em seguida, os artilheiros sul-africanos transportaram tiro directamente contra as posições de defensores de Quifangondo. Porém, a julgar pelas recordações dos participantes da batalha do lado das FAPLA, aquela manobra não causou grandes perdas visto que na noite (de 9 a 10 de Novembro) uma parte da artilharia das FAPLA mudou das posições devido à ameaça de terem sido localizadas na véspera pela aviação ligeira do inimigo<sup>214</sup> e os canhões das FAPLA não abriam fogo<sup>215</sup> para que as novas posições não fossem detectadas.

Entre 6 e 7 horas da manhã do dia 10 de Novembro, as tropas da coligação FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA passaram à ofensiva. H. Roberto, procurando romper as defesas dos defensores de Quifangondo e conquistar Luanda, lançou ao ataque todas as suas forças disponíveis, inclusive a sua “reserva estratégica”, i.e., a Companhia integrando 154 C.E. portugueses comandada pelo Coronel Santos e Castro e todos os veículos blindados AML-90 e AML-60 Panhard. Foi levada em consideração a experiência anterior mal sucedida da ofensiva de 7 de Novembro quando os soldados zaienses que estavam na vanguarda fugiram do campo de batalha. Por isso, o despositivo de combate foi alterado: desta vez, no primeiro escalão estavam os comandos portugueses, mais seguros e experientes, com seus veículos blindados AML.

As tropas da FNLA e do Zaire avançavam em dois grupos ao longo da estrada. No primeiro escalão estavam os comandos portugueses (até 80 homens) e três AML Panhard (dois AML-60 e um AML-90). No segundo escalão avançavam os restantes AML Panhard, seguidos por soldados da FNLA e do Zaire nos camiões Mercedes. A distância entre o Morro da Cal e a ponte sobre a Lagoa do Panguila pela estrada é de alguns quilómetros, mas o comando da FNLA considerou esta formação mais aceitável: os soldados avançavam em camiões poupando forças para o ataque decisivo a pé.

---

213 Jose M. Ortiz. Angola: un abril como Giron. Editora Política, La Habana, 1979, p. 42.

214 Idem, p. 51.

215 [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo)

Em caso da captura da ponte sobre o rio Bengo pela vanguarda dos comandos do Coronel Santos e Castro, o segundo escalão atacante formado por soldados zairenses e da FNLA devia rapidamente avançar por esta ponte penetrando à profundidade da defesa. Segundo o veterano cubano García Martínez, se as forças da FNLA conseguissem chegar à ponte sobre o rio Bengo, capturá-la e passar para a margem esquerda, a situação dos defensores seria realmente muito grave, pois, o inimigo teria caminho aberto para Luanda.<sup>216</sup>

Aliás, muitos dos C. E. portugueses do Coronel Gilberto Santos e Castro consideravam tal formação de combate (em coluna) absurdo e insistiam numa frente de ofensiva mais larga e no aproveitamento dos flancos livres. Porém, os flancos das forças atacantes eram pantanosos (a Lagoa do Panguila e a margem do rio Bengo) e os comandantes e soldados africanos da FNLA e do Zaire, segundo recordavam os participantes sul-africanos da batalha, recusavam-se a avançar nos flancos por “terem medo de crocodilos”.<sup>217</sup> Segundo P. Marangoni, entre os comandos discutia-se a variante de desembarque no aeródromo de Luanda com a utilização dos aviões zairenses C-130. Mas essa ideia não avançou para além da discussão. Os sul-africanos (em particular, Brigadeiro Ben de Velt Roos) propuseram a H. Roberto buscar mais uma vez as vias de contorno ao longo do Oceano, mais a Oeste de Quifangondo, mas o delta do rio Bengo que desagua no Oceano era de difícil acesso para o material bélico. Por isso, naquelas condições a coligação FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA não teve uma via alternativa para a ofensiva em direcção a Luanda.

Segundo os testemunhos dos veteranos das FAPLA, durante o início do ataque do lado do Morro da Cal e o bombardeamento das suas posições pela artilharia, os defensores de Quifangondo não respondiam com o fogo.<sup>218</sup> Os artilheiros receberam a ordem do Comandante “Ndozi” de esperar até que “o primeiro escalão dos atacantes iria ficar na zona de alcance dos principais meios de fogo”. Entretanto, as testemunhas do lado oposto dizem que no momento do início do avanço das forças da coligação inimiga em direcção a Quifangondo do lado das posições das FAPLA todavia foram efectuados disparos o que se pode explicar pela não chegada da ordem a todas as unidades, ou pela falta da disciplina de soldados das FAPLA.

---

216 Entrevista com veterano cubano de Angola Garcia Martinez. Havana, 22 de Outubro de 2008.

217 <http://www.rhodesia.nl/moss3.htm>

218 [http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general\\_xavier\\_historia\\_vivida\\_em\\_kifangondo](http://jornaldeangola.sapo.ao/20/0/general_xavier_historia_vivida_em_kifangondo)

Conforme as suas palavras, P. Marangoni na manhã do dia 10 de Novembro estava num jipe de comando a observar a coluna blindada passando pela granja e chegando à ponte de Panguila. Ele lembra-se de que inesperadamente em direcção ao Morro da Cal foram lançados com pequeno intervalo oito mísseis de 122 mm (duas salvas do “Grad-1-P” de quatro mísseis em cada) que explodiram perto das posições dos G-2 sul-africanos. Ele recordava: “Ficamos surpreendidos pelas explosões dos mísseis! Olhamos apreensivos para os obuses (os G-2 sul-africanos – S.K.) e as centenas de granadas ali empilhadas, exactamente no local atingido, de onde sobe o fumo de duas séries de quatro mísseis cada, num golpe inesperado que causou baixas entre os sul-africanos. O golpe inesperado para as forças da FNLA, embora não tenha causado grandes perdas e os obuses continuassem atirando, foi de grande efeito moral”. Os soldados da FNLA e os sul-africanos que estavam no Morro da Cal sentiram a sua vulnerabilidade”.

À medida da aproximação a Quifangondo, a coluna atacante entrava na zona de alcance das armas ligeiras e dos lança-granadas anti-carro (RPG):<sup>219</sup> Os três AML Panhard dos comandos portugueses, ao ficar a 100 metros da ponte sobre o rio Bengo, foram recebidos pelo fogo dos canhões de 76 mm.

Eis a descrição de um dos episódios mais dramáticos daquele combate encontrada pelo autor do livro na entrevista do jornalista angolano com o participante da Batalha de Quifangondo Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier, publicada na edição de 13 de Janeiro de 2010 do Jornal de Angola:<sup>220</sup> O jornal chamou a Carlos Xavier de “homem que enscreveu o seu nome na História da Batalha de Quifangondo como o autor da primeira baixa de vulto nas hostes inimigas”. Pela baixa entende-se o AML-90 Panhard, destruído na estrada perto da ponte sobre o rio Bengo.

O jornal citando Xavier diz: “Quando um dos três blindados AML se aproximava da última curva antes de chegar à ponte destruída, conseguiu detectar a posição de um dos canhões 76 mm das FAPLA. Abriu fogo quase no mesmo instante, mas sem atingir o alvo. Junto à peça de artilharia das FAPLA estava Carlos Mello Xavier e um oficial de reconhecimento, Dinho Martins, que hoje também é General, o Vice-Ministro do Interior de Angola. Da guarnição do canhão igualmente

219 Marangoni P. A. A Opção Pela Espada. Alcante, 2008, p. 90.

220 Jornal de Angola, 13 de Janeiro de 2010.



fazia parte um jovem soldado cubano do grupo de instrutores que tinham chegado a Angola”.

O General Xavier acrescenta: “Foi tudo muito rápido. O cubano que estava ao meu lado precipita-se e dispara o canhão de 76 mm e não atinge o blindado inimigo. O AML parou. O Dinho Martins ainda comentou: “Estamos lichados!”. O comandante recorda a sorte que tiveram quando um novo disparo feito a partir do blindado AML 90 foi explodir precisamente no local em que hoje funciona a administração do Memorial à Batalha de Quifangondo”.

O General Xavier continua a contar: “Os estilhaços atingiram a cabeça de um camarada nosso. Mas a malta não ripostou”. Segundo Xavier, a situação mudou de figura quando outros dois blindados entraram em cena e “começaram a movimentar-se na mesma direcção que o primeiro. Os dois começaram a lançar os morteiros de 120 mm”. (Aqui, ou Xavier, ou o entrevistador está obviamente errado: os AML-60 eram dotados de morteiro muito menos potente de 60 mm. – S.K.).

O momento seguinte Xavier descreve assim: “Quando vi aquilo tomei o lugar do jovem cubano e agarrei o tubo e elevei até aonde caiu a primeira munição e depois, com o aparelho de pontaria, vi e aponte para o blindado”. O jornalista que entrevistou o General Xavier continua citando as suas palavras: “O disparo acertou em cheio no blindado que saiu da estrada. A partir do local em que estavam Xavier e seus companheiros era possível identificar a curva fatal para o oficial do ELP, tenente Paes que fazia parte da unidade comandada pelo coronel Santos e Castro”. O General Xavier acrescenta ainda: “O AML 90 ficou com a base da torre do blindado destruída, tendo levado consigo, inclusive, metade do corpo do mercenário que chefiava o blindado”<sup>221</sup>

Aliás, desta descrição não está claro o que naquela altura faziam as guarnições de outros dois canhões de 76 mm e dos canhões AA ZPU-4, sendo principais meios de fogo dos defensores (até à chegada dos BM-21). Tampouco pode-se entender se os dois blindados AML restantes continuaram a ofensiva e qual foi o desenrolar daquele combate.

Agora, recorramos de novo às Memórias do homem que naquela época esteve do outro lado da barricada, Pedro Marangoni. Ele escreveu sobre o acima referido episódio do combate: “O reduto inimigo,

---

221 Jornal de Angola, 13 de Janeiro de 2010.

reforçado desde o dia 7, concentrava todas suas armas na coluna, mas desta vez os blindados da vanguarda não recuavam, seguiam em frente e já em distância de tiro abriam fogo com o canhão 90, morteiros 60 e metralhadoras”. Mais adiante, P. Marangoni confirma que quando a coluna chegou à menos de 100 metros da ponte sobre o rio Bengo, os defensores abriram fogo contra os veículos blindados dos comandos portugueses. Ele faz uma conclusão: “O absurdo avanço dos frágeis Panhard totalmente descobertos foi parado pelo fogo eficaz do canhão anti-carro de 76 mm e para segurar os poucos infantes que seguiriam atrás delas foram empregadas as metralhadoras antiaéreas cujo tiro podíamos sentir sobre nossas cabeças e que não nos deixavam levantar do solo. Foi um verdadeiro inferno!”<sup>222</sup>

Segundo P. Marangoni, o Panhard 90 comandado pelo tenente Paes sofrera um impacto directo que o destroçou e incendiou-se. O seu comandante tenente Paes foi morto e o municizador Remédios ferido. Um dos AML-60 chefiado pelo tenente Lopes chegou à menos de 100 metros da ponte, mas igualmente foi atingido ficando com os pneus perfurados, porém, soube arrastar-se em direcção à retaguarda e até conseguiu salvar o condutor ferido do destruído AML-90 Simões. O terceiro Panhard-60 comandado pelo oficial Oliveira havia caído no pântano devido aos tiros que recebera e como a tripulação se encontrava ilesa tratou de abandoná-lo o quanto antes. Mas somente o municizador Azevedo conseguira retornar. A sorte de dois outros tripulantes durante longo tempo foi desconhecida.<sup>223</sup>

Depois de rechaçado o ataque dos três Panhard contra a ponte, o comando da tropa em Quifangondo compreendeu que chegava o momento crítico. Atrás dos três Panhard dos comandos portugueses pela estrada do Morro da Cal avançava uma força séria capaz de varrer as barreiras da defesa das FAPLA.

Num momento determinado todos os meios da artilharia inclusive a Bateria dos BM-21 “Grad” situada a leste do morro de Quifangondo deram um golpe massivo contra as tropas em ofensiva.<sup>224</sup> Foi a primeira vez que os BM-21 entraram em combate. Isso foi uma surpresa para o inimigo. Primeiro, foi bombardeada a coluna da FNLA e do Zaire

222 Marangoni P. A. *A Opção Pela Espada*. Alcante, 2008, p. 90.

223 Pedro Marangoni afirma que naquele combate foram capturados: o municizador do Panhard-90 Remédios, o condutor do Panhard-60 Serra e seu atirador Oliveira, todos portugueses. O Remédios foi capturado porque foi ferido com gravidade (está vivo e hoje mora em Portugal), mas Serra e Oliveira suspeita-se que forçaram a queda da Panhard-60 no pântano para se entregar, desertando.

224 Entrevista com veterano cubano da guerra em Angola Sergio Ramos. Luanda, 10 de Novembro de 1980. Mais detalhadamente ver: Kolomin S. *Tropas Especiais Russas em África*. EKSMO, Yauza, M., 2002, p. 171 (em russo).

que avançava da região da granja, sendo em seguida atacado o Morro da Cal onde estavam o Posto de Comando de H. Roberto e as posições da artilharia de longo alcance da FNLA.<sup>225</sup> Alguns camiões Mercedes, carregados de soldados zaienses que cruzaram a ponte do Panguila foram atingidos pelas salvas dos BM-21 e, segundo P. Marangoni, “começaram a morrer sem chance de defesa na primeira curva depois da ponte”<sup>226</sup>

Em que momento exacto entraram em combate os BM-21? Na edição angolana “A batalha de Quifangondo. 1975. Factos e documentos” podemos encontrar a resposta a esta pergunta. No artigo publicado na Colectânea “Reflexões sobre a Batalha de Quifangondo”, o historiador diplomado F. Girão Osório, recorrendo às memórias dos participantes da Batalha, escreve: “...o capitão Ndalu e seus conselheiros cubanos deram ordens de não disparar aos seus artilheiros enquanto a coluna da FNLA se estende ao longo da estrada asfaltada. Subitamente pelas 12:00 horas todas as peças receberam ordem de fazer fogo ao mesmo tempo fazendo cair sobre os homens e viaturas um dilúvio de projecteis e estilhaços...”<sup>227</sup> Nesta citação não são referidos directamente os BM-21, mas tendo em conta que eles tinham o alcance superior a 20 km e que além destes lançadores nenhuma boca de fogo disponível das FAPLA não podia atingir a coluna do inimigo que descia do Morro da Cal (mesmo o morteiro de 120 mm tem alcance efectivo 4-5 km), torna-se evidente que as maiores perdas aos atacantes foram causadas pelos mísseis dos BM-21.

Segundo escrevia o conselheiro norte-americano de H. Roberto, Chefe do Grupo de Operações da CIA em Angola J. Stockwell que na época estava no Posto de Comando da FNLA, contra as tropas atacantes da FNLA e do Zaire foram disparados mais de 2 mil mísseis de 122 mm.<sup>228</sup> Segundo os dados cubanos, que evidentemente são mais próximas à realidade, foram disparados cerca de 700 mísseis dos BM-21 “Grad”<sup>229</sup>. Os projecteis eram transportados a Quifangondo sem embalagens nas carroçarias de camiões.<sup>230</sup>

225 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 48.

226 Entrevista do autor com Marangoni P. A. Ver: [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni)

227 Miguel Júnior. A batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p. 43.

228 Stockwell J. CIA contra Angola. União Dos Escritores Angolanos, Luanda, 1979, p. 230.

229 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 48.

230 Nota do autor: o recarregamento do BM-21, segundo o procedimento regulamentar, é realizado por Veículo de Transporte e Carregamento (TZM) no chassis do camião russo de três eixos ZIL-131. Na sua carroçaria há duas estantes 9F37 (em cada estante cabem 20 projecteis). Porém, não foi encontrada nenhuma referência à disponibilidade de pelo menos um TZM durante a batalha de Kifangondo. No vídeo dedicado aos combates em Kifangondo vê-se bem que os BM-21 eram carregados directamente da carroçaria do camião. Ver o recurso

Mas mesmo esta quantidade de projecteis foi suficiente para assestar no dia 10 de Novembro um duro e inesperado golpe às unidades atacantes da FNLA e do Zaire. Eis o testemunho do norte-americano J. Stockwell: “...então os rockets cubanos de 122 mm começaram a cair no vale de Quifangondo, não como um simples ribombar de trovão, mas em salva, vinte de cada vez. A primeira salva foi comprida, troando por sobre as cabeças dos soldados da FNLA, desnorteados... A salva seguinte foi curta e o pequeno exército estava reunido, exposto num vale aberto, sem cobertura. Os corações dos soldados estremeçeram oprimidos de terror, quando se atiraram para o chão ou mantiveram-se de pé desamparadamente, hipnotizados, assistindo ao cair da salva seguinte no meio deles. E outra. E uma outra ainda... a força de choque se desmantelava e fugia em pânico, espalhando-se pelo vale em todas as direcções, abandonando armas, veículos, e também camaradas feridos...”

A nossa artilharia nada podia contrapor aos cubanos... O seu alcance nem chegava à metade do alcance dos lançadores múltiplos cubanos”<sup>231</sup>

Holden Roberto que naquela altura estava no Morro da Cal e assistia, impotente, à morte dos seus soldados, muitos anos depios numa entrevista ao historiador E. George recordava: “Aquele dia foi o pior da minha vida... Quando vi como a chuva de mísseis arrasava as minhas tropas, desejei que a terra se abrisse e me engolisse”<sup>232</sup>

Eis como recorda as consequências do golpe dos BM-21 no dia 10 de Novembro em Quifangondo um dos comandantes do ELNA General Tonta Afonso de Castro. “Tiros de morteiros de 120 mm e salvas dos BM-21 partipam como chuva de ferro do morro de Quifangondo e bateram em difirentes ângulos contra as posições da FNLA... A intensidade do fogo dos BM-21 criou um pânico geral no seio de todas as forças: entre os mercenários, angolanos e zairenses, tendo até os blindados zairenses atropelado a sua tropa na precipitação e urgência em abandonar o terreno... A verdade que seja dita, ninguém poderia resistir a câdencia de flagelamento dos BM-21. Por isto, a maioria foi contagiada pelo pânico e assim ela foi levada a abandonar desordenamente o campo de batalha”<sup>233</sup>

---

<http://www.youtube.com/watch?v=JxKfjvq0-8&feature=related>

231 Stockwell J. CIA contra Angola. União Dos Escritores Angolanos, Luanda, p. 230-231. Mais detalhadamente ver: Kolomnin S. Tropas Especiais Russas em África. EKSMO, M., 2002, p.170-174.

232 George E. The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991. From Che Guevara to Cuito Cuanavale. Routledge, 2005, p 317.

233 Miguel Júnior. A batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos. Mayamba Editora, Luanda, 2011, p. 19-20.

Segundo as recordações dos cubanos, depois da chegada das munições (rockets) de Luanda, a partir das 14:00H, os BM-21 “Grad” prosseguiram o bombardeamento das posições da FNLA. Aquelas salvas “resultaram na derrota definitiva do inimigo em Quifangondo que bateu em retirada desordenada”<sup>234</sup>

Os primeiros a compreender a derrota contundente sofrida pelas forças da coligação FAZ-ELP-ELNA/FNLA-RSA foram os sul-africanos que logo se retiraram do campo de batalha. P. Marangoni escreve que “os obuses sul-africanos foram diminuindo a intensidade do fogo até cessar de vez. Às 16:30H os sul-africanos se retiraram do local com todo o material, sem receber autorização ou comunicar a ninguém”. Segundo P. Marangoni, “Eles fugiram durante o combate”. A sua fuga foi tão precipitada que abandonaram os obuses sem as culatras. Já à noite do dia 11 de Novembro, os conselheiros e militares sul-africanos do agrupamento da FNLA foram resgatados do aeródromo em Ambriz por helicópteros de transporte Puma da FA da RSA, sendo levados para a fragata da Marinha da RSA “President Steyn”.

Tudo isso foi feito à revelia da FNLA. Os obuses G-2 posteriormente foram rebocados por soldados da FNLA, mas sem poder usa-los sem as culatras. Segundo P. Marangoni, acabaram em Ambrizete “como ferro velho”.

Os soldados da FNLA e do Zaire sobreviventes na batalha de Quifangondo, devido às enormes perdas viriam a designar a estrada a Luanda de Estrada da Morte (“Nshila wa Lufu” na língua kikongo). Segundo os dados cubanos, a FNLA declarou oficialmente a morte de 345 dos seus combatentes em Quifangondo (sem contar as baixas entre os militares zairenses)<sup>235</sup> Aliás, Holden Roberto na entrevista concedida a E. George disse que naquele combate pereceram 120 combatentes da FNLA, e mais de 240 foram feridos ou mutilados<sup>236</sup> O participante da batalha do lado das FAPLA, General angolano Salviano de Jesus Sequeira “Kianda” recordava que entre os defensores houve apenas “duas dezenas de feridos e três mortos”<sup>237</sup>

---

234 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 48.

235 Jorge Risquet Valdés. La Epopeya De Cuba En Africa Negra. Discurso 7 de Julio 2005. La Habana, Teatro del MINFAR.

236 George E. The Cuban Intervention in Angola, 1965–1991. From Che Guevara to Cuito Cuanavale. Routledge, 2005, p 317.

237 Miguel Júnior. A batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos. Mayamba Editora. Luanda, 2011, p. 30.

## “A intervenção da artilharia reactiva salvou a capital”

Mas como a Bateria de lançadores múltiplos soviéticos BM-21 que tanto ajudou na Batalha de Quifangondo a favor das FAPLA e dos combatentes internacionalistas cubanos ficou em Angola no momento crítico da confrontação com as tropas da FNLA e do Zaire? E quantos veículos de combate efectivamente integraram a Bateria? Isto é uma questão importante deste estudo histórico.

Algumas fontes angolanas dizem que os “BM-21 chegaram de Cuba no momento decisivo”<sup>238</sup> Porém, segundo as memórias dos veteranos cubanos da guerra em Angola, Cuba não fornecia estes veículos de combate a Angola.<sup>239</sup> O Regimento de Artilharia cubano que, aliás, não teve na sua composição nenhum BM-21, foi enviado por via marítima de Havana a Luanda apenas no dia 12 de Novembro de 1975.<sup>240</sup> Os navios com o material de artilharia e respectivas guarnições começaram a chegar a Luanda no período de 27 de Novembro a 1 de Dezembro de 1975.<sup>241</sup>

Igualmente nas fontes históricas há divergências quanto ao número dos BM-21 “Grad”. Segundo recordavam vários autores cubanos, o seu número variava de 2 a 5 veículos.<sup>242</sup> As outras fontes, por exemplo E. George no seu livro “The Cuban Intervention in Angola, 1965–1991. From Che Guevara to Cuito Cuanavale” afirma que na composição da Bateria havia 6 BM-21.<sup>243</sup> De outro lado o participante da Batalha de Quifangondo Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier afirma que “os BM- 21 só eram dois porque os outros dois foram transferidos com os cubanos para a Frente Sul de Luanda. Mais só foram utilizados dois em Quifangondo, onde os serventes de peças eram angolanos...”<sup>244</sup>

Quem na realidade tem razão?

Cabe notar que na maioria esmagadora das fontes sobre os BM-21 em Quifangondo diz-se simplesmente “Bateria”. Segundo as

238 [www.aremilitar.net/DIRECTORIO/TER.aspx?nn=24&p=4](http://www.aremilitar.net/DIRECTORIO/TER.aspx?nn=24&p=4)

239 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 44–45.

240 Jorge Risquet Valdés. La Epopeya De Cuba En Africa Negra. Discurso 7 de Julio del 2005. La Habana, Teatro del MINFAR.

241 Operation Carlota: <http://www.themilitant.com/2006/7004/700462.html>

242 Jose M. Ortiz. Angola: un abril como Giron. Editora Política, La Habana, 1979, p. 45.

243 E. George. The Cuban Intervention in Angola, 1965–1991. From Che Guevara to Cuito Cuanavale. Routledge, 2005, p. 88.

244 Ver o anexo do livro. C. A. da Silva e Mello Xavier “A nossa História Militar foi bem enriquecida”.

recordações do assessor militar soviético A. Lyubimov que participou activamente nos combates na composição das unidades cubanas e angolanas de BM-21 em finais de Novembro e em Dezembro de 1975 na região de Caxito, normalmente, uma “Bateria” integrava quatro veículos BM-21 “Grad”.

Os veículos de combate BM-21 “Grad” que contribuíram decisivamente para a vitória em Quifangondo foram transportados a Luanda no navio cubano “La Plata” do porto de Pointe-Noire (Congo-Brazzaville) no dia 7 de Novembro,<sup>245</sup> ao qual, por sua vez, na véspera chegaram por via aérea da URSS.<sup>246</sup> Segundo as recordações do ex-Primeiro Secretário da Embaixada Soviética no Congo-Brazzaville B. Putilin, os funcionários da Embaixada da URSS em Brazzaville, encarregados da entrega do material bélico às partes angolana e cubana viram-se obrigados a tomar uma decisão muito importante e de alta responsabilidade. No final de Outubro de 1975, os representantes do MPLA e dos cubanos, através da Embaixada da URSS no Congo-Brazzaville, encaminharam à direcção soviética uma solicitação de fornecimento urgente dos BM-21 “Grad” necessários para a defesa de Luanda. A Embaixada da URSS no Congo-Brazzaville apoiou esta solicitação. Mas a decisão cabia à Moscovo.

A Moscovo foram enviados vários telegramas codificados com a argumentação da necessidade de fornecimento da URSS por aviões de transporte An-22<sup>247</sup> dos BM-21 com respectiva dotação de munições para a satisfação do pedido do MPLA. Apesar das dúvidas de Moscovo relativas ao transporte dos lançadores múltiplos para o Congo por via aérea, isso foi muito complicado e mesmo perigoso do ponto de vista técnico, a Embaixada conseguiu insistir neste fornecimento.<sup>248</sup> Os peritos militares soviéticos da Embaixada no Congo-Brazzaville estavam a avaliar a variante do transporte directo dos BM-21 para o aeródromo de Luanda na época controlado pelo MPLA. Porém, a direcção soviética proibiu categoricamente a aterragem dos aviões soviéticos em Luanda e a entrada dos navios soviéticos nos portos de Angola antes da proclamação oficial da Independência do país.<sup>249</sup>

---

245 Jorge Risquet Valdés. *La Epopeya De Cuba En Africa Negra*. Discurso 7 de Julio del 2005. La Habana, Teatro del MINFAR.

246 Jose M. Ortiz. *Angola: un abril como Giron*. Editora Política, La Habana, 1979, p. 51.

247 As características do An-22 permitem transportar dois BM-21.

248 Entrevista com B.G. Putilin. Moscovo, 10 de Fevereiro de 2004.

249 Soldado da Fortuna, N.º5, 2007, pág. 33.

Portanto, a única solução que restava era levar os BM-21 por via aérea ao Congo-Brazzaville e depois transportá-los para Luanda em navio. Entretanto, era necessário fazer chegar este material pesado directamente ao porto marítimo congolês de Pointe-Noire. Foi uma tarefa muito complicada. Porém, as características do aeródromo de Pointe-Noire não permitiam receber os enormes e pesadíssimos aviões soviéticos An-22. Apesar de tudo, a decisão de aterragem destas aeronaves em Pointe-Noire foi tomada pelos soviéticos – Moscovo fez todo o possível para ajudar o MPLA nas vésperas da Independência.

O transporte de armas soviéticas da URSS ao Congo foi realizado por aviões An-22 (Antey) da 12ª Divisão da ATM Mguinsk;<sup>250</sup> que faziam escalas para o reabastecimento nos aeroportos de Argélia e Conacri (República da Guiné). O Adjunto do Comandante do 81º Regimento da Aviação de Transporte Militar da Divisão da ATM de Mguinsk tenente-coronel B. Jukov recordava: “Em 1975, prestávamos apoio ao povo angolano. A minha tripulação, as tripulações do Major V. V. Diakonov e Major A. V. Yatamanov, fizemos a primeira escala para o reabastecimento no aeroporto de Argélia. Após o reabastecimento, a saída de Argélia rumo a Conacri foi adiada. Quando a descolagem foi autorizada, constou que a tripulação do último avião devia aterrar à noite. O aeroporto de Conacri não foi equipado com o sistema de luzes. Graças às comunicações seguras entre as tripulações em voo, avisei o Major Diakonov para que ele depois de aterrar, não desligasse o rádio e controlasse a minha aproximação. Caso necessário, ele devia ajudar e corrigir a minha aproximação e aterragem. A aterragem foi normal”.

Após a aterragem em Conacri, fomos visitados por um funcionário da nossa Embaixada que me disse que devíamos transportar a carga à Pointe-Noire no Congo, uma cidade localizada na própria costa do Oceano Atlântico. Então, respondi que a tripulação não estava pronta para um voo destes devido à falta de condições adequadas para a aterragem do avião An-22 no aeródromo de destino. Somente após um voo de reconhecimento à Pointe-Noire realizado no An-12 e o respectivo informe dirigido a Moscovo com confirmação da possibilidade de aterragem do An-22, fiz quatro voos transportando o material para aquele aeródromo<sup>251</sup>

250 As Recordações do Adjunto do Comandante do 81º Regimento da Aviação de Transporte Militar da Divisão da ATM de Mguinsk Tenente-Coronel B. Jukov publicadas no sítio [http://vta81vtap.narod.ru/ls/rysev\\_av.htm](http://vta81vtap.narod.ru/ls/rysev_av.htm)

251 [http://vta81vtap.narod.ru/ls/rysev\\_av.htm](http://vta81vtap.narod.ru/ls/rysev_av.htm)



B. Putilin recordava: “Para diminuir ao máximo o peso do avião, em cada “An-22” embarcavam SOMENTE UM VEÍCULO DE COMBATE BM-21, e no fim da pista de descolagem e aterragem em Pointe-Noire os cubanos prepararam dois carros de combate para o caso de a pista ser curta demais para a corrida de aterragem e o avião acabar por atolar no relvado. Então, os carros de combate podiam desatolar os aviões. Porém, os pilotos conseguiram aterrar as pesadas aeronaves sem problemas e no mesmo dia os veículos de combate partiram no navio cubano a Luanda”<sup>252</sup> B. Jukov recordava: “O voo (à Pointe-Noire.– S.K.) foi realizado com limite do peso máximo do avião devido ao comprimento insuficiente da pista de terra batida, restrições de rolagem e alta temperatura do ar exterior. A aterragem foi feita nas condições meteorológicas mínimas”<sup>253</sup>

B. Jukov recordava ainda que “após aqueles quatro voos importantes”, já estando em Luanda na qualidade de controlador de voos “fui convidado pela Embaixada onde a tripulação recebeu o agradecimento oficial pela realização daqueles voos urgentemente necessários para Angola”<sup>254</sup>

Portanto, na véspera da batalha de Quifangondo, de Pointe-Noire foram transportados a Luanda quatro veículos de combate BM-21 “Grad”: B.P. Jukov fez quatro voos de transporte dos BM-21. O tradutor militar soviético Vladimir Kostrachenkov que naquele período fazia parte do grupo de especialistas militares soviéticos no Congo-Brazzaville e participou no desembarque dos BM-21 dos aviões em Pointe-Noire e depois no seu embarque no navio cubano lembra-se perfeitamente de que houve quatro veículos de combate<sup>255</sup>

A questão esclarecida: para Luanda na véspera da Batalha de Quifangondo foram transportados quatro veículos de combate BM-21 “Grad”. Mas quantos destes participaram na Batalha? De opinião do Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier somente dois. Mas os cubanos no livro “La Guerra de Angola” insistem em quatro (uma bateria). E dizem que os dois BM-21 desta bateria foram transferidos para a Frente Sul so DEPOIS do combate do dia 10, ficando em Quifangondo um pelotão (dois veículos de combate). Pedro Marangoni também insiste em quatro veículos de combate BM-21. Ele diz: “O número de BM-21

252 Entrevista com B. Putilin, Moscovo. 10 de Fevereiro de 2004.

253 [http://vta81vta8.narod.ru/ls/rysev\\_av.htm](http://vta81vta8.narod.ru/ls/rysev_av.htm)

254 Idem.

255 Entrevista com V. Kostrachenkov. Moscovo, 15 de Novembro de 2014. La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 51.

calculei pela sequência de lançamento, quando caíram em maior intensidade, pela concentração das explosões”<sup>256</sup>

Na Batalha de Quifangondo foi o primeiro caso de emprego operacional dos lançadores múltiplos (MLRS) BM-21 “Grad” não só em Angola, mas em toda a África subsariana. O lançador múltiplo BM-21 “Grad” destina-se a destruição da força viva a descoberto e em abrigos, de material não blindado e de blindagem leve, baterias de artilharia e morteiros, Postos de Comando e outros alvos do inimigo nas zonas de concentração e no decurso de operações de combate. Este sistema equipou o Exército Soviético em 1963 e a sua produção em série foi iniciada em 1964. O Sistema teve o seu baptismo de fogo em Março de 1969 na ilha Damanski durante o conflito entre a URSS e a República Popular da China. Depois, participou em acções de guerra no Médio Oriente e no Vietname. Em 1970 a URSS produziu 646 BM-21, em 1971–497 BM-21 (124 propostos para a exportação), no primeiro semestre de 1972–255 BM-21 (60 veículos foram exportados). Posteriormente, foi registado aumento das exportações desta arma poderosa e eficiente. Desde 1975 até ao final da década de 80 do século XX, a URSS forneceu ao MPLA/FAPLA 89 (oitenta e nove) lançadores múltiplos de 40 canos BM-21 “Grad” sobre chassis do camião “Ural” e 24 veículos de combate BM-14 (de 16 canos) sobre chassis de ZiL-157, assim como uma série de outras versões de lançadores múltiplos soviéticos (em número pouco importante).

O BM-21 “Grad” de 40 canos é particularmente apreciado pela sua mobilidade (o tempo de entrada em operação com uma guarnição treinada é de apenas 3,5 minutos) e potência das salvas – o tempo de lançamento de 40 foguetes de 122 mm com 6,4 kg de carga explosiva cada (versão explosiva de fragmentação) por um veículo de combate é de 20 segundos! Aliás, o BM-21 tem um ponto fraco que consiste em baixa precisão devido à grande dispersão de projecteis. Como é sabido, a dispersão dos foguetes em distância é um tanto superior à dispersão lateral, ou seja, o local da queda dos projecteis tem a forma de uma elipse alongada. Tendo em conta esta particularidade, as colunas das tropas da FNLA e do Zaire em avanço pela estrada do Morro da Cal a Quifangondo constituíam um alvo ideal.

O papel decisivo dos BM-21 no combate de 10 de Novembro em Quifangondo é confirmado, entre outros, pelo participante da batalha

---

256 Ver o anexo 2 do livro.

do lado da FNLA P. Marangoni. Ele considera: “Sem nenhuma dúvida os BM-21 foram decisivos para o pânico e a debandada geral das tropas da FNLA e zairenses em Quifangondo. Mas, mesmo se os Panhard não fossem travados e o nosso pequeno grupo pudesse avançar, não teríamos ninguém nos seguindo, pois o grosso da tropa africana debandara apavorada pelo efeito psicologicamente devastador dos BM-21 “Grad”... Resumindo, sim, concordo que esta arma foi decisiva não só no rumo da batalha, mas de toda a guerra”<sup>257</sup>

Eis a opinião dos combatentes internacionalistas cubanos, participantes dos combates em Quifangondo, Enrique Buznego Rodrigues e Lázaro Cardenas Sierra: “Naquele combate o papel dos BM-21 foi decisivo”<sup>258</sup> O jornalista cubano José Ortiz que chegou a Angola no dia 9 de Novembro de 1975 com as primeiras subunidades do Batalhão da força especial do MI de Cuba, pensa que “na Batalha de Quifangondo materializou-se a ajuda militar da URSS. Finalmente chegaram os tão esperados BM-21 e a situação mudou radicalmente. A intervenção da artilharia reactiva salvou a capital...”<sup>259</sup> Não há nada a acrescentar a estas palavras. Mas porque alguns historiadores e veteranos das FAPLA nem sempre concordam com esta opinião?<sup>260</sup>

---

257 [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni\\_rus](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni_rus)

258 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 48.

259 Jose M. Ortiz. Angola: un abril como Giron. Editora Política, La Habana, 1979, p. 51.

260 Memórias do General “Ngongo”. Shubin V. G. “Guerra Fria” Quente”. M., YaSK, 2013, p. 80.

## Vitória do internacionalismo

Infelizmente, o autor, durante um longo período, não teve por várias razões a oportunidade de viajar para Angola e visitar o local onde foi erguido o grandioso Memorial em homenagem aos defensores de Quifangondo. Finalmente, em Outubro de 2014, sendo integrado na delegação da União dos Veteranos de Angola na Rússia acompanhada por um grupo de jornalistas do programa da TV russa NTV, foi a Angola e visitou o principal Monumento Nacional aos Heróis de Angola. Teve uma sensação muito especial ao ver o magnífico grupo escultórico central do Monumento constituído por duas figuras de combatentes empunhando armas, angolano e cubano, eternizados em granito no seu ímpeto heróico. E eram figuras de verdadeiros participantes da Batalha! O guia angolano da excursão para os veteranos russos da guerra em Angola contava sobre “as salvas decisivas dos “monacaxitos” de 40 canos, salientando que os BM-21 igualmente contribuíram para a vitória na Batalha de 1975. Entretanto, na base do Memorial ricamente ornada em relevo com cenas da batalha, heróis angolanos, carros de combate T-34 (que não participaram na Batalha!) e lançadores “Grad-1-P”, por mais que se esforçasse, não conseguiu enxergar a imagem do BM-21. Apenas sendo ajudado pelo presidente da União dos Veteranos de Angola russos Vadim Sagatchko, pôde encontrar uma imagem modesta do BM-21 coberto por rede de camuflagem.

Então, perguntou: porque ao BM-21 dedica-se uma atenção tão modesta no Memorial? O guia angolano respondeu que muito em breve no Memorial seria instalado um modelo real do BM-21. Acha que seria justo... Pois, o veículo de combate BM-21 era muito popular em Angola durante a guerra de 1975–1976 e nas acções de guerra posteriores contra a RSA. Os sul-africanos simplesmente passaram a caçar os BM-21 “Grad” procurando capturar pelo menos um veículo de combate em bom estado operacional!<sup>261</sup>

Mas porque alguns veteranos das ex-FAPLA nem sempre apoiam a opinião de que o golpe dos BM-21 no dia 10 de Novembro foi

---

261 Em Dezembro de 1975, os sul-africanos conseguiram capturar um BM-21 durante os combates contra as unidades cubanas na região das povoações de Cassamba e Almeida. No combate perto da ponte marcada nas cartas militares sul-africanas como Ponte N.º12, os militares do grupo da força especial “Alpha” conseguiram capturar aos cubanos um BM-21 praticamente intacto que com cuidados especiais foi transportado à Namíbia e, em seguida, à RSA. Posteriormente, os sul-africanos organizaram a produção com base em BM-21 dos seus lançadores múltiplos de 127 mm – MLRS Valkyrie. Ver: [http://bratishka.ru/archiv/2008/1/2008\\_1\\_6.php](http://bratishka.ru/archiv/2008/1/2008_1_6.php)

decisivo? A situação podia ser esclarecida pelo Chefe do agrupamento angolano em Quifangondo comandante “Ndozi” – figura central do grupo escultórico do Memorial. Infelizmente, ele faleceu sem publicar suas Memórias. Todos os militares angolanos nas suas entrevistas à imprensa citadas acima nem mencionam as salvas dos BM-21 como se estas nem houvessem existido! Por exemplo, o capitão Álvaro António afirma, com toda a razão, que depois do combate perto da ponte em que foram destruídos os veículos blindados AML dos “mercenários portugueses”, a “batalha continuou por mais quatro horas”. Porém, mais adiante, ele prossegue: “Depois, o inimigo fugiu em debandada, abandonando numerosos mortos e feridos e material destruído na estrada”<sup>262</sup> Depois, de quê concretamente o inimigo fugiu? O que o fez bater em retirada desordenada? Porque havia na estrada “numerosos mortos e material destruído”?

O participante da batalha General Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier nas suas Memórias publicadas no Jornal de Angola, tampouco menciona a participação dos BM-21 naqueles combates. Ele afirma que “o momento decisivo do combate em Quifangondo era quando as tropas do inimigo aproximaram-se da ponte sobre o rio Bengo e abriram fogo dos seus veículos blindados Panhard”. E prossegue: “A resposta do nosso lado não se fez esperar. O fogo dos três canhões de 76 mm impediu o avanço dos três Batalhões de Infantaria zaienses apoiados pela Companhia de mercenários”<sup>263</sup> Porém, é duvidoso que os três canhões ZIS-3 de 76 mm (note-se que não se trata de obuses de longo alcance!) com o sector de tiro limitado pela ponte do Bengo sejam capazes de provocar uma fuga desordenada de todo o agrupamento atacante do inimigo composto de mil e quinhentos a dois ou três mil soldados bem armados entre os quais estavam os experientes C.E. portugueses com seus veículos blindados Panhard. Notemos que outra vez não se faz nem a mínima alusão às salvas dos BM-21 que decidiram a batalha tão importante para o MPLA e as FAPLA.

Entre as memórias oficiais publicadas dos participantes angolanos sobre os eventos do lado do MPLA/FAPLA, encontrei um único testemunho que pode indirectamente contribuir para o reconhecimento do papel dos BM-21 na Batalha. Na Colectânea reiteradamente referida acima “A batalha de Quifangondo. 1975. Factos e documentos” o, participante da Batalha general Salviano

262 Memórias de Álvaro António. Televisão Pública de Angola, 12 de Novembro de 2008.

263 Jornal de Angola, 13 de Janeiro de 2010.

de Jesus Sequeira “Kianda” recorda: “Na noite anterior (de 9 a 10 de Novembro de 1975.– S.K.), entretanto tinha sido inrtoduzida na nossa ordem combativa um novo sistema de armas, o tenebroso e denominado na Segunda Guerra Mundial, de “Órgãos de Staline” – os BM-21 (sistema de artilharia reactiva)”<sup>264</sup> Mas de que maneira os BM-21 foram utilizados na batalha? Infelizmente, na Colectânea não foi mencionado nada a este respeito.

Seria lógico supor que do emprego dos BM-21 na batalha, fornecidos, segundo “Kianda”, na véspera da batalha decisiva em Quifangondo, devesse lembrar-se o Comandante da Artilharia da 9ª Brigada das FAPLA Roberto Leal Monteiro “Ngongo”. As suas recordações foram publicadas no estudo do historiador russo de renome, doutor russo em Ciências Históricas Vladimir Shubin “Guerra-fria” Quente”<sup>265</sup> publicado em russo e inglês. Porém, esta edição tampouco contém qualquer referência ao emprego dos BM-21 na Batalha. Aliás, o general “Ngongo” interpreta a seu modo o emprego dos lançadores no dia 10 de Novembro de 1975.

Vou citar as palavras do participante da Batalha general “Ngongo” que constam do livro do V. Shubin “Guerra-fria” Quente” em russo. “Na noite anterior (a 9 de Novembro de 1975.– S.K.), as tropas atacantes do Zaire e da FNLA junto com os grupos de mercenários utilizando a artilharia de longo alcance com posições na parte norte do Morro da Cal começaram a bombardear a refinaria e o bairro Grafanil em Luanda onde estavam os armazéns militares. Na manhã seguinte, os veículos blindados de origem francesa tripulados por mercenários brancos iniciaram o avanço em direcção a Quifangondo, enquanto a infantaria de Holden Roberto e Mobutu ficou concentrada no palmeiral um tanto ao norte. A ponte sobre o rio Bengo foi explodida pelos defensores de Quifangondo. Os AML que se aproximaram desta ponte foram recebidos pelo fogo dos canhões soviéticos de 76 mm manejados por guarnições mistas de angolanos e cubanos”<sup>266</sup>

Até aqui, tudo enquadra-se perfeitamente no nosso estudo, praticamente não surgindo nenhuma contradições entre as recordações do general “Ngongo” e os testemunhos de Álvaro António, Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier, J. Stockwell, cubanos e P. Marangoni.

---

264 Miguel Júnior. A batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos. Mayamba Editora., Luanda, 2011, p.30.

265 Shubin V.G. “Guerra Fria” Quente”. M., YaSK, 2013, p. 80. (em russo)

266 Shubin V.G. “Guerra Fria” Quente”. M., YaSK, 2013, pág. 80.

Porém, mais adiante V. Shubin, citando as palavras do general “Ngongo”, escreve: “Em seguida, a concentração da infantaria no palmeiral foi atacada por mísseis de seis “Grad-1-P” portáteis de que Ngongo dispunha como Chefe da Artilharia da 9ª Brigada de Infantaria das FAPLA... Logo depois, tendo recebido a nova ordem do Comandante da 9ª Brigada David Moisés “Ndozi”, ele atacou a infantaria do inimigo tendo disparado cerca de 60 mísseis (não se trata de milhares de projecteis), seis em cada salva (mas não 20).<sup>267</sup> Após este ataque, a Brigada passou à ofensiva”<sup>268</sup>.

Mais adiante V. Shubin escreve: “No que se refere aos BM-21 com guarnições cubanas, estes lançadores múltiplos, segundo “Ngongo”, eram utilizados para ataques contra alvos mais distantes e, posteriormente, na região de Caxito durante a contra-ofensiva”.

Seria interessante saber de que “alvos mais distantes” se tratava? No dia 10 de Novembro, as FAPLA e os cubanos não tinham outros “alvos mais distantes” além da coluna das tropas da FNLA e do Zaire a avançar pela estrada em direcção a Quifangondo e das posições de tiro dos obuses e morteiros de H. Roberto, situadas no Morro da Cal. Segundo as recordações dos cubanos, “as salvas dos BM-21” atingiram exactamente estes alvos. O alcance máximo dos lançadores de 20 km permitia manter sob o seu fogo a maior parte da estrada e as posições mais a leste do Morro de Quifangondo, inclusive ambas as pontes, e, sendo colocados nas posições perto da ponte sobre o rio Bengo, eles eram capazes de atingir o Morro da Cal (Ver o esquema de P. Marangoni).

Portanto, segundo as recordações do general “Ngongo”, as tropas do inimigo que “deixando numerosos mortos e material destruído na estrada” de Quifangondo foram destruídas por salvas de seis “Grad-1-P” portáteis. Conheço bem o general Roberto Leal Ramos Monteiro “Ngongo” e tenho muita estima dele. Ele foi um dos primeiros membros de honra da União Rússia dos Veteranos de Angola e em 2000–2006 contribuiu muito para formação da nossa organização. Mas não posso concordar me com ele na apreciação desta etapa da Batalha. Do ponto de vista de um militar profissional a eficiência dos “Grad-1-P” é incomparável com a capacidade de um lançador múltiplo de 40 canos BM-21 “Grad”.

O lançador de um cano “Grad” tem código técnico 9P132 e o nome correcto dado na fábrica – “Grad-P”. Letra “P” significa

267 A salva completa do BM-21 é de 40 mísseis e não de 20.

268 Shubin V.G. “Guerra Fria” Quente”. M., YaSK, 2013, pág. 80.

“Partizan” – “Guerrilheiro”. Mas toda a malta em Angola conhece esta arma como “Grad-1-P” por isso nós vamos continuar chama-lo assim. Essa arma era muito amada em Angola e mesmo recebeu o nome próprio – “monacaxito”. Este lançador de um cano é destinado ao tiro de foguetes de duas secções de 122 mm 9M22M “Malish” de peso total de 46 kg foi desenvolvido na URSS em 1965, a pedido do Governo da República Democrática do Vietname. O “Grad-1-P” destinava-se a equipar os destacamentos móveis de guerrilheiros que combateram contra as tropas norte-americanas no Sul do Vietname. O lançador portátil 9P132 é composto do tubo de alma lisa de 55 kg e um leve reparo sobre tripé com mecanismo e aparelhos de pontaria. A estrutura do tubo do “Grad-1-P” é idêntica à construção das rampas de lançamento orgânicas do BM-21 “Grad”. O alcance máximo do foguete é de 10.800 metros (alcance eficaz – não mais de 6–8 km), a velocidade de tiro – um lançamento em 1–3 minutos.

Os lançadores 9P132 eram produzidos na Fábrica mecânica de Kovrov na URSS. Em 1970 foram produzidos 406 “Grad-1-P”, sendo 400 exportados para o Vietname. O autor não conseguiu encontrar dados sobre a produção em 1971, mas em 1972 a produção total foi de 155 sistemas, sendo a produção nos anos posteriores mais ou menos a mesma (150–155 lançadores por ano). Todos os sistemas eram exportados, inclusive para Angola e entregues ao MPLA. As FA Soviéticas nunca eram dotadas organicamente por lançadores 9P132 “Grad-1-P” e nunca equiparam as suas Unidades, só foram exportados.<sup>269</sup>

O veterano cubano García Martínez recordava que em Quifangondo os combatentes das FAPLA comandados pelo Chefe da Artilharia da 9ª Brigada “Ngongo” manejavam de modo seguro e eficiente os “Grad-1-P” de origem soviética. “Dois ou três combatentes transportavam facilmente este lançador, em poucos minutos preparavam o sistema para a operação, faziam alguns lançamentos e logo retrocediam para não serem atingidos pelo inimigo. Quando necessário, os lançadores eram rapidamente transportados em jipes, carros ou mesmo sobre bicicletas.<sup>270</sup> Esta tática foi perfeitamente assimilada pelos guerrilheiros do MPLA em combates contra os portugueses na mata, sendo com êxito utilizada em Quifangondo e nos combates posteriores no Norte e no Sul do

269 <http://read.newlibrary.ru/read.php/pdf=20478>

270 O general “Ngongo” contou a V. Shubin que os guerrilheiros do MPLA transportavam os Grad-P até sobre bicicletas. Ver: Shubin V.G. “Guerra Fria” Quente”. M., YaSK, 2013, pág. 80.



país”<sup>271</sup> Segundo os dados de que dispõe o autor, antes do início dos eventos em Quifangondo em 1975, as FAPLA podiam ter ao todo até várias dezenas dos “Grad-1-P” (em todas as frentes de combate, tanto no Norte como no Sul)<sup>272</sup> Mas nos combates em Quifangondo, em Outubro e Novembro de 1975, eram utilizados apenas seis destes lançadores.<sup>273</sup>

Entretanto, numa entrevista com o autor García Martínez notou que o lançamento de foguetes por “Grad-1-P” caracteriza-se por uma “considerável dispersão que aumenta com a distância do disparo”. Na prática, isso significa que os foguetes disparados por vários lançadores 9P132 colocados lado a lado podem explodir com uma dispersão de algumas centenas de metros! É por isso que os guerrilheiros vietnamitas empregavam os “Grad-1-P” exclusivamente contra alvos de grande área, tais como aeródromos, povoações, bases militares.

O ex-assessor do Chefe da Brigada de Infantaria das FAPLA em Angola Vadim Sagatchko tem a mesma opinião. Ele escreve: “Eis um exemplo da minha experiência pessoal. Na 10ª Brigada de Infantaria das FAPLA em que fui assessor em 1988–1989, um Pelotão de “Grad-P” realizava exercícios de tiro. Disparava uma guarnição bem treinada. O lançador era apontado ao alvo visualmente observado através do aparelho de pontaria – uma árvore isolada no cume da colina. A distância até ao alvo era de 8 km.

As explosões dos foguetes eram observadas à distância de 400 a 500 metros uma da outra. A eficiência do “Grad-1-P” era muito baixa. Com estes lançadores é difícil atingir um alvo pontual. A rampa de lançamento do “Grad-1-P” aloja-se num leve reparo sobre tripé com mecanismos de pontaria vertical e horizontal. Aquando da partida da rampa, o foguete produz forte efeito sobre todo o Sistema. No momento de disparo, o projectil ao avançar pelo tubo, altera a própria posição do Sistema ficando a precisão seriamente prejudicada. Houve caso de queda do Sistema após o disparo. Além disso, enquanto os mecanismos de pontaria permitem a efectivação bastante rápida da pontaria no plano vertical na faixa de ângulos de +10° até 40°, a faixa de ângulos de pontaria lateral é apenas de ±7°. Portanto, para a

---

271 Entrevista com veterano cubano de Angola García Martínez. Havana, 22 de Outubro de 2008.

272 Conforme os dados da Direcção de Cooperação Técnico-Militar Internacional do MD da FR, em 1988, as FAPLA e a SWAPO em Angola dispunham de até 55 lançadores Grad-P em bom estado.

273 Segundo as recordações do general “Ngongo”. Shubin V.G. “Guerra Fria” Quente”. M., YaSK, 2013.

realização do segundo tiro é necessário mudar a posição do próprio Sistema, ou seja, devido ao forte efeito produzido nos dados de tiro iniciais, após cada lançamento é necessário apontar novamente a arma ao alvo.

Afinal, esta arma não foi feita para combate clássico. O “Grad-1-P” destinava-se para breves ataques de tiro curvo realizados por guerrilheiros em 3–5 minutos. Neste lapso de tempo um lançador dispara 1–2 foguetes com posterior mudança de posição, ou seja, não se trata da destruição total de determinados alvos, mas do tiro de inquietação de flagelação contra alvos de grande área (aeródromos, entroncamentos ferroviários, bases militares etc.).

Entretanto, o lançador múltiplo BM-21 “Grad” aquando dos tiros à distância de 10 km, tem o desvio médio em alcance de 1/130 e o desvio médio lateral de 1/200 (em relação à distância). Sendo assim, a metade dos impactos ficam afastados não mais de 100–150 metros em relação ao centro da área de explosões. Ou seja, 20 foguetes de um BM-21 explodem numa área de 200 x 300 metros ou, teoricamente, um projectil (foguetes) atinge a área de, mais ou menos, 55 por 55 metros. É de notar que as explosões dos “Grad” a que pude assistir durante a missão em Angola produziam efeito de “explosão dirigida”, i.e., após a explosão os estilhaços do projectil seguiam num sector estreito em direcção do voo do foguete ceifando tudo à sua frente”.

Portanto, pode-se chegar a uma conclusão unívoca. O efeito psicológico e o pânico entre as tropas atacantes da FNLA e do Zaire foram causados pelas explosões simultâneas de numerosos foguetes de 122 mm. A derrota das colunas de Holden Roberto, comandos portugueses e zaienses e a sua posterior fuga desordenada em Quifangondo foram resultado do emprego de quatro lançadores de 40 canos BM-21 “Grad” junto com outros sistemas de artilharia, mas não se deveram exclusivamente à utilização dos seis lançadores de um cano “Grad-1-P”.

Em princípio, as posições no Morro de Quifangondo permitiam aos artilheiros do “Ngongo” bombardear as zonas até à ponte do Panguila inclusive, ou mesmo (se alguns lançadores conseguissem ocupar posições avançadas sem serem detectados pelo inimigo) atingir os alvos no Morro da Cal. Lembremos o testemunho de P. Marangoni sobre o bombardeamento do Morro da Cal, no dia 10 de Novembro, por oito foguetes de 122 mm.

Porém, todos os participantes do combate no dia 10 de Novembro de 1975 do lado da FNLA e do Zaire, inclusive J. Stockwell e P. Marangoni, lembram-se do intenso bombardeamento de surpresa das colunas em avanço do Morro da Cal em direcção a Quifangondo que causou um grande número de baixas entre os atacantes. Tal efeito não podia ser obtido pelo emprego de apenas seis lançadores “Grad-1-P”! Qualquer militar profissional pode distinguir uma salva do lançador múltiplo de 40 canos dos disparos isolados de foguetes do “Grad-1-P”. P. Marangoni na entrevista concedida ao autor disse: “O número de BM-21 (quatro – S.K.) calculei pela sequência de lançamento, quando caíram em maior intensidade, pela concentração das explosões”<sup>274</sup>

Ademais, as entrevistas com os veteranos cubanos que participaram na batalha<sup>275</sup> análise das memórias dos militares cubanos que, no dia 10 de Novembro de 1975, estiveram em Quifangondo<sup>276</sup> não deixam dúvidas de que tal efeito podia-se obter somente pelo emprego naquele dia dos “Grad” de 40 canos, mas nunca de seis lançadores de um cano “Grad-1-P”. O autor não tem motivos para desconfiar deles.

Agora, quero desenvolver mais profundamente a tese que me animou a escrever este livro. Porque insisto em que a missão de derrota total das tropas das FAZ-ELP-ELNA/FNLA no dia 10 de Novembro de 1975 em Quifangondo as FAPLA conseguiram cumprir graças a Bateria dos BM-21? Não quero de maneira alguma desvalorizar o heroísmo dos defensores de Luanda – os combatentes da 9ª Brigada das FAPLA e de outras unidades, a importância e eficiência dos meios de fogo de que eles dispunham antes do dia 10 de Novembro. Mas, sendo militar profissional, penso que sem os BM-21 as forças e meios das FAPLA eram incapazes de cumprir a missão de derrota total do inimigo nesta batalha.

A experiência de numerosas guerras mostra que há duas maneiras de derrotar e pôr em fuga o inimigo atacante. A primeira pressupõe o rechaçar do ataque (ofensiva) do inimigo por meio de uma defesa profundamente escalonada e meios de fogo disponíveis (artilharia, morteiros, lançadores múltiplos, campos de minas, armas ligeiras etc.) e, em seguida, a passagem à contra-ofensiva que visa desalojar

274 Veja a versão completa da entrevista com P. Marangoni no Anexo a este livro.

275 Entrevistas com os veteranos cubanos da guerra em Angola García Martínez, Havana, 22 de Outubro de 2008, e Sergio Ramos. Luanda, 10 de Novembro de 1980.

276 Jose M. Ortiz. Angola: um abril como Giron. Editora Política, La Habana, 1979 e La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989.

o inimigo das suas posições e ocupá-las. É modalidade principal de acção que foi amplamente e com sucesso empregada durante a Grande Guerra Patriótica de 1941–1945 na URSS e a Segunda Guerra Mundial.

A segunda consiste numa pesada derrota decisiva infringida ao inimigo atacante pelo intenso fogo de artilharia e bombardeamento aéreo, ou seja, derrota à distância. Nas grandes guerras houve casos de emprego desta modalidade de acção que raramente resultavam numa derrota decisiva dos atacantes:<sup>277</sup> Pelos vistos, na batalha de Quifangondo esta tática deu certo.

Lembremos a poderosa ofensiva desencadeada a 7 de Novembro pelas tropas da FNLA e do Zaire contra Quifangondo (na segunda etapa da batalha). A ofensiva foi repelida pelas FAPLA por armas então disponíveis, i.e., os canhões de 76 mm, ZPU-4, ZGU-1, "Grad-1-P", canhões sem recuo B-10 e S-75, armas ligeiras etc. O inimigo fugiu em pânico, mas as FAPLA não passaram à contra-ofensiva. Isso deu a H. Roberto e ao Comando do contingente zairense a possibilidade de reunir e mobilizar os combatentes fugitivos, levantar o moral, reparar os blindados atingidos, ou seja, restabelecer completamente a situação e preparar-se bem para a nova ofensiva desencadeada no dia 10 de Novembro.

Estou convencido que sem a entrada em combate, no dia 10 de Novembro de 1975, dos BM-21 haveria repetição da situação. As FAPLA e os cubanos não tinham superioridade em forças e meios para, depois de rechaçar com os canhões de 76 mm o ataque dos AML dos C.E. portugueses, passar à ofensiva. Entretanto, H. Roberto, mesmo após a perda de dois ou três AML e a retirada dos comandos portugueses, podia fazer voltar as suas colunas, que mal iniciaram o avanço pela estrada em direcção a Quifangondo e estavam fora do alcance dos meios de fogo das FAPLA, para as posições iniciais no Morro da Cal.

Ele, sem dúvida, durante alguns dias posteriores iria continuar a "exercer pressão sobre Luanda", segundo lhe aconselhavam os generais sul-africanos. As forças e os meios não lhe faltavam, dispondo o líder da FNLA do numeroso contingente militar, conselheiros estrangeiros e uma Bateria de potentes obuses sul-africanos G-2 com grande reserva de munições. Além disso, naqueles dias os sul-africanos podiam prestar

---

277 História das Guerras e da Arte Militar.

outro apoio, inclusive empregando a sua aviação de bombardeamento e os canhões dos seus navios de guerra nos ataques contra Luanda. Somente o inesperado ataque maciço dos quatro BM-21 resultou na derrota das tropas em avanço, produzindo “sérios efeitos psicológicos” e mudando radicalmente a situação a favor das FAPLA e cubanos. Após aquele ataque, não havia quem pudesse avançar contra Quifangondo! Todos os atacantes fugiram. No dia 11 de Novembro, mesmo na falta dos indícios da contra-ofensiva das FAPLA, as posições dominantes no Morro da Cal foram abandonadas pelas tropas da FNLA e do Zaire, ficando ali apenas 25 C.E. portugueses.<sup>278</sup> A estrada para Caxito e para o Norte ficou aberta para as FAPLA! Sem o ataque dos BM-21 era bem possível a continuação dos combates em Quifangondo mesmo depois do dia 10 de Novembro que até podiam transformar-se num “impasse de Quifangondo” de longa duração.

Mas porque alguns veteranos das FAPLA evitam falar sobre o emprego dos BM-21 no dia 10 de Novembro de 1975? Nas declarações da parte oposta, inclusive do líder da FNLA H. Roberto, do general do ELNA Tonta Afonso de Castro, do brasileiro P. Marangoni e do norteamericano J. Stockwell é reconhecido o papel do emprego dos BM-21. Aqui, tocamos num assunto deveras delicado do qual não podemos nos esquivar.

Lamentavelmente, nem todos conhecem hoje bem a dimensão da ajuda económica, política e militar da URSS e Cuba prestada ao MPLA e às FAPLA nos momentos mais críticos da luta armada pela independência e preservação da soberania do país.

Entretanto, esta etapa da nossa cooperação militar merece uma menção especial. No período entre 1975 e 1991, no âmbito da ajuda na construção do Exército Nacional de Angola e no combate à invasão estrangeira, neste país trabalharam cerca de 12 mil militares soviéticos, inclusive 107 generais e almirantes, 7211 oficiais, mais de 3500 subtenentes e praças, além de numerosos especialistas civis contratados pelo Exército e Marinha da URSS e membros das suas famílias.<sup>279</sup> Pelo serviço prestado em Angola a 834 pessoas foram concedidas condecorações de Estado da URSS, inclusive 560 Ordens e 274 Medalhas Militares.<sup>280</sup>

---

278 Miguel Júnior. A batalha de Kifangondo. 1975. Factos e documentos. Mayamba Editora. Luanda, 2011, p.43.

279 A Rússia (URSS) nas guerras locais e conflitos armados da segunda metade do Século XX (Redacção de Zolotariov V.A.). M., 2000.

280 Conforme os dados da 10 DG do EMG. Arquivo da União dos Veteranos de Angola.

Em 10 anos, somente de 1978 a 1988, a URSS forneceu para o Exército Angolano e as tropas cubanas em Angola:

- Cerca de 700 carros de combate (T-34-85, T-54/55, PT-76 e T-62);
- Mais de 800 viaturas blindadas de transporte de pessoal (BTR-152V, BTR-60PB e BRDM-2);
- 400 BMP-1 e BMP-2;
- Mais de 2 mil canhões e morteiros de diversos calibres e sistemas;
- 89 Lançadores múltiplos BM-21 “Grad”, 24 BM-14 (sobre chassis ZiL-157);
- Mais de mil sistemas antiaéreos (canhões antiaéreos de 57 mm e 37 mm, ZSU-23-4M “Shilka”, ZU-23, ZGU-1, ZPU-4 de 14,5 mm);
- 164 Aviões de combate (MiG-17F, MiG-21PFM e BIS, MiG-23ML, Su-22M4, Su-17, Su-25K);
- 156 Helicópteros de combate e transporte (Mi-8, Mi-17, Mi-25 e Mi-35);
- 100 sistemas de mísseis AA fixos e móveis (S-75M1 “Volga”, S-125M1A “Pechora”, “Kvadrat”, OSA-AK, Strela-10M e Strela-1);
- Mais de 1,5 mil sistemas antiaéreos portáteis (Strela-2M, Strela-3 e Igla-1M)<sup>281</sup>

Segundo os dados datados de 1 de Janeiro de 1995, nas Escolas Militares da URSS e da Rússia foram formados 6.985 militares angolanos altamente qualificados, inclusive para o Exército – 3258 efectivos, para a DAA – 1084 efectivos, para a FA – 1310 especialistas, para a Marinha – 591 pessoas, além de 104 especialistas em logística e 638 profissionais de outras especialidades<sup>282</sup>

Os professores soviéticos igualmente ajudaram na organização da formação acelerada dos militares angolanos no território de Angola. Em 1975, em Luanda foi inaugurada a Escola Político-Militar Comandante Gika<sup>283</sup> Em Julho de 1976, os especialistas militares soviéticos ajudaram a organizar na cidade de Huambo a Escola de Oficiais Inter-Armas Comandante Nicolau Gomes Spencer, primeira no país<sup>284</sup> capaz de receber 1500 cadetes. Na Escola recebiam a

281 Nota Informativa da 10 DG do EMG das FA da FR “Dos fornecimentos do material bélico a Angola”. Arquivo da União dos Veteranos de Angola.

282 A Rússia (URSS) nas guerras locais e conflitos armados da segunda metade do Século XX. M., 2000. (Redacção de Zolotariov V.A.). P.104.

283 O Comandante Gika (nome de guerra), seu verdadeiro nome Gilberto Teixeira da Silva, chefe de guerrilheiros do MPLA, Herói Nacional de Angola que tombou em Cabinda num combate contra as forças da FNLA.

284 Nicolau Gomes Spencer, destacado Comandante das FAPLA, Comandante da Região Militar. Morreu pelas mãos de um assassino contratado.

formação militar os oficiais do Exército (chefes de pelotões de infantaria, de reconhecimento, de carros de combate, de artilharia AA, de engenharia e de comunicações) segundo um Programa de seis meses. Nesta Escola os professores soviéticos desempenhavam um papel importante na formação dos especialistas militares. Em 1978, na cidade do Huambo foram criados os Cursos de Oficiais Superiores do Estado-Maior General das FAPLA destinados para a formação e reciclagem dos quadros dirigentes de alto nível (Brigada – Região Militar). A duração do estudo era de 4 a 6 meses. As aulas eram ministradas por professores soviéticos. Para efeitos de formação de sargentos foram criados quatro Centros de Instrução – três em Luanda e um em Lobito.

Em 1977, no território da Base Naval de Luanda foi criado o Centro de Instrução da Marinha de Guerra Popular de Angola. Este Centro que contava com a assistência dos professores soviéticos destinava-se à formação dos especialistas para torpedeiros de Projecto 206, navios de desembarque médios de Projecto 771 e navios da Força da Guarda Fronteira de Projecto 1400ME fornecidos pela URSS, assim como para unidades costeiras. De 1976 a 1985, a URSS forneceu a Angola seis navios lança-mísseis de Projecto 205EP, quatro torpedeiros de Projecto 206, três navios de desembarque médios (SDK) de Projecto 771, navio-patrolha da Força da Guarda Fronteira de Projecto 1400ME “Grif”, três navios-patrolha de Projecto 368P, dois navios de Projecto 1398B “AIST”, dois navios varredores costeiros de Projecto 1258B e alguns outros navios de guerra.

No período de 1976 a 1990, os aviões de transporte militares soviéticos An-12 e IL-76 que faziam parte do Destacamento Aéreo do Assessor Militar Principal em Angola deram uma contribuição substancial para a criação do Exército Nacional angolano. Os voos diários de Luanda a todas as Províncias do país eram planeados no Estado-Maior General das FAPLA e garantiam o transporte, tanto de cargas militares para as FAPLA como de cargas civis. Até ao final da década de 80 do século XX, o Destacamento Aéreo do AMP em Angola integrava até doze aviões com motores turbo-hélice An-12 e até oito aviões com turboreactores IL-76 que eram responsáveis pelo transporte de cargas, efectivos angolanos e cubanos e especialistas militares soviéticos. O início da operação dos primeiros An-12 em Angola data desde 1976 e, no final dos anos 80, no país foi operada

uma frota de duas dezenas de aviões de transporte militares com tripulações soviéticas.<sup>285</sup> Desde 1995, sob a égide da ONU no país trabalhou uma Esquadrilha russa de helicópteros integrando 8 MI-8MT que durante os anos de operação transportou cerca de 400 toneladas de carga e mais de 12 mil efectivos da Força de Paz da ONU em Angola. Há muitos outros exemplos da ajuda da URSS e da Rússia a Angola.

Em 1987–1988, os assessores militares soviéticos junto com as tropas governamentais de Angola participaram na célebre Batalha de Cuito Cuanavale. Esta pequena vila no Sul do país, situada a trezentos quilómetros da fronteira com a Namíbia, graças à coragem e o heroísmo dos seus defensores, até ganhou o nome de “Stalingrado Africano”. Convém notar que o termo “Batalha de Cuito Cuanavale” não se limita apenas à defesa desta vila. É entendido num sentido muito mais amplo e inclui os combates que resultaram na chegada das tropas angolanas e cubanas à fronteira com a Namíbia.

Em Agosto de 1987, em resultado da operação de grande envergadura das FAPLA na Província de Kuando-Kubango preparada com ajuda dos assessores militares soviéticos, as tropas da UNITA ficaram numa situação crítica, tendo surgido uma ameaça real da perda pela UNITA da sua “base avançada” em Mavinga. Procurando evitar a derrota total da UNITA, o seu aliado fiel na Região, o Exército da RSA, mais uma vez invadiu o território de Angola. Desde a proclamação da Independência, foi a décima quarta invasão de grande envergadura dos sul-africanos ao território angolano. A 16 de Novembro, a ofensiva das tropas da RSA e da UNITA contra Cuito Cuanavale fracassou, mas a vila, de facto, ficou sitiada.

Os obuses de longo alcance G-5 e a aviação da RSA regularmente bombardeavam as posições defensivas das Brigadas angolanas, a própria vila e a ponte sobre o rio Cuito. As tropas sul-africanas utilizando os seus carros de combate pesados Olifant e procurando pontos vulneráveis na defesa, com um intervalo de duas semanas, atacavam metodicamente de diferentes direcções as posições dos defensores de Cuito Cuanavale. O assédio desta pequena vila durou 5 meses. No dia 23 de Março de 1988, foi empreendido o último ataque decisivo. Mas, tendo perdido vários carros de combate pesados nos

---

285 Em Novembro de 1985, durante o voo regular de Cuito Cuanavale a Luanda, um grupo de forças especiais sul-africano abateu por missil AA o avião soviético An-12 do 369º Regimento da ATM da FA da URSS da Base Aérea de Djankoi, matrícula N.º 11747. Morreram 12 militares soviéticos.



extensos campos de minas organizados pelos defensores de Cuito Cuanavale, os sul-africanos retrocederam.

Nos combates posteriores em 1988, as tropas angolanas e cubanas, além de obrigar os sul-africanos a se retirar do território angolano, de facto, obrigaram-nos a abandonar a Namíbia por eles ocupada. Enquanto as tropas cercadas na “Stalingrado Africano” estavam em defesa, Havana e Luanda preparavam a ofensiva. Segundo disse Fidel Castro, “os cubanos actuavam com um pugilista que protegendo-se com a mão esquerda, assesta um golpe com a direita”. Da Ilha da Liberdade foram transferidas as unidades da 50ª Divisão das Forças Armadas Revolucionárias de Cuba equipadas com carros de combate T-62. Foi dirigido a Angola um grupo de pilotos altamente experientes dos caças Mig-23ML. A União Soviética efectuou o fornecimento adicional de armas, peças sobressalentes e munições para os Exércitos angolano e cubano.

As unidades blindadas cubanas que tinham desembarcado na costa atlântica de Angola junto com as unidades das FAPLA e da SWAPO fizeram uma marcha impetuosa via Lubango e Matala e avançaram em direcção a Cahama – Xangongo – Ondjiva visando atingir a fronteira com a Namíbia. No final de Maio – meados de Junho de 1988, as tropas angolanas e cubanas chegaram à fronteira com a Namíbia na Província de Cunene. No dia 27 de Maio de 1988, os aviões Mig-23 da FAA submeteram a intenso bombardeamento as posições sul-africanas nos arredores de Calueque na fronteira entre Angola e a Namíbia. Naquela incursão aérea ficou seriamente danificado o equipamento da Barragem do Ruacaná da RSA (Namíbia). Após aquele ataque, todos os comandantes das unidades da RSA em Angola receberam a ordem de retirada para o território da Namíbia. Depois deste golpe da aviação contra Calueque e Ruacaná, os militares sul-africanos que abandonavam Angola escreveram em africânder nas ruínas da Barragem “MIK23 sak van die kart” (“os MiG-23 despedaçaram nossos corações”). A Batalha de Cuito Cuanavale foi ganha.

Este avanço obrigou o regime do apartheid a sentar-se à mesa de negociações que, a 22 de Dezembro de 1988, resultaram na assinatura em Nova Iorque dos Acordos sobre a retirada total das tropas sul-africanas de Angola e a concessão da independência à Namíbia. Os Acordos igualmente previam a retirada das tropas cubanas de Angola.

O líder do ANC, primeiro africano que se tornou Presidente da RAS, Nelson Mandela, reconhecia que “A Batalha de Cuito Cuanavale foi evento crucial na luta do meu povo pela independência do apartheid”. Eis a opinião do líder cubano Fidel Castro: “As novas gerações devem saber que o fim do apartheid foi posto em Cuito Cuanavale e no sudeste de Angola nas batalhas travadas por mais de 40 mil internacionalistas cubanos que lutavam lado a lado com os combatentes angolanos e namibianos”. Em Dezembro de 2005, o representante do Governo do Congresso Nacional Africano e o Embaixador da RAS em Cuba, Thenjiwe Mtintso, prestando homenagem aos defensores de Cuito Cuanavale, disse: “A terra de Angola está ensopada de sangue dos cubanos tombados em combates e este sangue rega a Árvore da Liberdade da nossa Pátria”.

Cabe dizer que o sangue dos soldados e oficiais angolanos e cubanos mistura-se ao sangue dos assessores, conselheiros e tradutores militares soviéticos derramado na terra angolana. Eles, ao lado dos seus companheiros combateram em Cuito Cuanavale, Ondjiva, Cuvelai, Cahama, Xangongo e Chibemba, estiveram aos comandos dos Sistemas de mísseis antiaéreos “Pechora”, “Volga”, “Kvadrat” defendendo dos ataques aéreos sul-africanos as capitais das Províncias no Sul de Angola, nomeadamente, Namibe, Lubango, Menongue e muitas outras cidades angolanas.

No período de 1975 a 1991, na guerra em Angola pereceram ou foram mortos 54 cidadãos soviéticos, inclusive 45 oficiais, 5 subtenentes, 2 soldados e dois especialistas civis contratados pelo Exército e Marinha da URSS:<sup>286</sup> Aliás, além dos militares, foram mortos vários membros das suas famílias. Segundo as estimativas dos Veteranos de Angola na União, no período de 1975 a 1992, pereceram ou foram mortos em Angola mais de 80 soviéticos<sup>287</sup> e várias dezenas ficaram feridos.

Na época daqueles eventos em Cuito Cuanavale, em cada Brigada angolana havia de 5 a 6 assessores soviéticos, cerca de dez dos quais, entre eles, coronéis A. Artemenko e A. Gorbach, tenente I. Jdarkin, foram feridos ou sofreram contusões. Três oficiais soviéticos foram mortos. No dia 26 de Setembro de 1987, em Cuito Cuanavale foi mortalmente ferido no combate o tradutor militar da 21ª Brigada

---

286 A Rússia (URSS) nas guerras locais e conflitos armados da segunda metade do Século XX (Redacção de Zolotariov V.A.). M., Kuchkovo pole. 2000. P.104.

287 Livro de Memória da União dos Veteranos de Angola. <http://www.veteranangola.ru/main/bookmem>

de Infantaria Motorizada das FAPLA alferes Oleg Snitko. A 27 de Novembro de 1987, durante o bombardeamento de Cuito Cuanavale pelos obuses de longo alcance sul-africanos foi morto o assessor do Chefe da Direcção de Organização e Mobilização da 6ª Região Militar Coronel Andrei Gorb. No dia 20 de Dezembro de 1987, morreu, depois de pisar numa mina, o condutor e técnico de comunicações do Grupo de assessores soviéticos da Frente Sul, o praça Alexandre Nikitenko. Ele foi morto quando levava para o Hospital um oficial gravemente doente:<sup>288</sup>

Mas voltemos à Batalha de Quifangondo. Há mais um factor que exerce uma influência substancial no “nivelamento” por parte de alguns veteranos das FAPLA sobre o papel dos BM-21 em Quifangondo. É que naquela época, os BM-21 “Grad”, desde o princípio, destinavam-se a serem empregues por cubanos. Infelizmente, naquela altura entre os subordinados do General Ngongo ainda não havia especialistas bem formados do BM-21 “Grad” que, na época, era uma arma nova e complicada. Entretanto, os cubanos tinham tal contingente formado na URSS que especialmente tinha sido transportado de Havana a Luanda no dia 4 de Novembro de 1975.

Por isso, eram os cubanos que recebiam aos especialistas russos os BM-21 fornecidos de An-22 à Pointe-Noire cidade congoleza e que, no dia 7 de Novembro, transportaram os lançadores até ao porto de Luanda. No processo de transporte destas armas a Quifangondo, foram tomadas medidas especiais de segurança que excluíssem qualquer fuga de informação. Os quatro BM-21 inesperadamente para todos apareceram nas posições em Quifangondo à noite, na véspera do combate decisivo de 10 de Novembro:<sup>289</sup> Segundo recordavam os cubanos, “logo após a chegada, os “Grad” de modo dissimulado ocuparam as posições em profundidade de defesa, no flanco, para poderem manter sob o seu fogo a maior parte da estrada do Morro da Cal até Quifangondo”.

---

288 Livro de Memória da União dos Veteranos de Angola. <http://www.veteranangola.ru/main/bookmem>

289 E. George. The Cuban Intervention in Angola, 1965–1991. From Che Guevara to Cuito Cuanavale. Routledge, 2005, p. 88.

\* \* \*

Apesar das divergências existentes na avaliação do emprego dos BM-21 e no reconhecimento do papel decisivo das salvas dos “Grad” no dia 10 de Novembro de 1975, a minha profunda convicção é que a Batalha de Quifangondo foi a primeira vitória conjunta em Angola do MPLA/FAPLA e dos combatentes internacionalistas cubanos sobre os invasores estrangeiros. Foi uma manifestação real do internacionalismo e da irmandade de armas que ajudaram a defender Luanda contra a invasão estrangeira e a proclamar a Independência do país. É assim que esta Batalha deve ficar nos anais da História!

Era assim que, em 1977, António dos Santos França “Ndlu”, participante da Batalha, destacada figura militar e política de Angola, posteriormente nomeado Chefe do Estado-Maior General das FAPLA avaliou a sua importância. Durante a sua primeira visita a Angola, o líder cubano Fidel Castro queria ver o local daquela Batalha Histórica. No dia 14 de Março de 1977, Fidel Castro deslocou-se a Quifangondo onde António dos Santos França “Ndlu” contou-lhe em detalhes sobre a Batalha.

Ao concluir, ele proferiu as palavras que vale a pena serem lembradas: “A Batalha de Quifangondo significa para nós não apenas a primeira operação conjunta dos angolanos e cubanos contra o inimigo comum que culminou com a derrota rápida do adversário, desmoralizou os seus combatentes e permitiu transferir as forças, inclusive os internacionalistas cubanos para as zonas mais críticas da Frente Sul. Esta Batalha mostrou que o povo confiante na sua libertação, sempre obtém a vitória. Nela manifestou-se o internacionalismo na sua forma mais pura”<sup>290</sup>

Quanto à ajuda prestada a Angola pela URSS e a Rússia no período das primeira e segunda guerras de libertação nacional, um parecer claro e inequívoco deu o Ministro da Defesa de Angola General João Manuel Gonçalves Lourenço<sup>291</sup> quando, em Outubro de 2014, recebeu em Luanda uma delegação da Associação dos Veteranos Russos da Guerra em Angola. No salão nobre do Ministério da Defesa Nacional na presença dos generais e oficiais superiores

290 La Guerra de Angola. Editora Política, La Habana, 1989, p. 50. Intervenção de António dos Santos França “Ndlu” feita aquando da visita de Fidel Castro. Kifangondo, 14 de Março de 1977.

291 Em 2017 em Angola foram realizadas as eleições presidenciais e parlamentares e como cabeça de lista do MPLA o Ministro da Defesa João Manuel Gonçalves Lourenço foi eleito o Presidente de Angola.

das Forças Armadas Angolanas ele disse: “Hoje, recebemos aqui os veteranos russos da guerra. Quero sublinhar que são veteranos da nossa guerra e não de uma outra guerra, da guerra de libertação nacional e defesa da soberania de Angola. Estamos sinceramente agradecidos aos veteranos russos. Hoje, Angola atribui uma importância especial às relações com a Rússia, herdeira da URSS, que prestou-nos ajuda inestimável na conquista da Independência em Novembro de 1975 e continuou a prestar posteriormente enorme apoio no combate contra os exércitos dos invasores zairenses e agressores sul-africanos. Apesar de tudo, contando com esta ajuda conseguimos vencer o Exército da RSA daquela época que se considerava invencível! Faltam palavras para expressar a nossa gratidão pelo apoio prestado. Graças à ajuda da URSS e da Rússia, Angola igualmente soube superar o conflito armado interno e há mais de doze anos o país vive num clima de paz. Hoje, Angola é um país estável e seguro, e isso, além do mais, em grande medida deve-se ao seu apoio prestado no passado e que está a ser prestado actualmente”<sup>292</sup>

---

292 Materiais de trabalho do documentário filmado por Aleksei Pobortsev “Angola: A guerra que não houve”, Setembro – Outubro de 2014. Arquivo da União dos Veteranos de Angola.

## ANEXO 1

PEDRO MARANGINI.  
**QUATRO MLRS BM-21 “GRAD” DETERAM  
OS INIMIGOS QUE AVANÇAVAM SOBRE  
LUANDA E MUDARAM O RUMO DA GUERRA?  
SIM, MAS COMO ARMA DE EFEITO MORAL  
E NÃO DESTRUTIVA”.**

(Publicado no website [www.veteranangola.ru](http://www.veteranangola.ru) em russo e português  
[http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni\\_port\\_eng](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni_port_eng))

Observando o comportamento dos africanos em combate, de um modo não científico mas baseados em guerras recentes, verificaremos que a sua combatividade decresce do Norte para o Sul do continente Negro. A minha experiência na África Austral mostrava que quem atacava vencia, quem era atacado recuava sempre e a maior parte das vítimas eram civis, não militares. Frentes elásticas e combatentes sem qualquer motivação mais profunda. Era a proporção de não-africanos – “advisers” (conselheiros), internacionalistas, mercenários, voluntários, etc., que decidiam os confrontos. Estes eram tropas de conquista, os outros, de simples ocupação de terreno conquistado. E assim aconteceu também em Angola, de forma significativa.

Os combatentes não-africanos com ideais ou vontade de vencer eram afetados por armas que realmente eram perigosas e produziam baixas; a esmagadora maioria africana temia qualquer coisa que explodia e fizesse barulho. Desculpem-me por não ser politicamente correto, mas esta é a verdade.

Fui, nos anos setenta, advertido de que estaria fornecendo informações importantes ao inimigo, ao menosprezar em artigos escritos, o 122-mm soviético, que considerava uma arma de efeito moral, não efetivo para causar baixas. Mas assim o via, como os demais colegas de combate. Temíamos mais um morteiro 81. Um morteiro 120, então, pregava-nos ao solo, irremediavelmente...

Observei incontáveis vezes, a marca deixada no asfalto ou no solo, por explosões do 122 e dos morteiros 120, 81, 60. Os estilhaços dos

morteiros rasgavam o solo no ponto de impacto, desenhando uma estrela, mostrando que varreram o solo em trajetória rasante, atingindo mesmo quem estivesse deitado. Já o 122 deixava poucas marcas, com estilhaços sendo lançados em ângulo mais fechado, mais alto e menos perigosos. Vários caíram a poucos metros de mim na batalha de Quifangondo, sem maiores danos. Tenho certeza que qualquer morteiro caindo a curta distância teria me posto fora de combate.

Mas a capacidade de lançamento múltiplo, vantagem sequencial dos MLRS BM-21 e devastador para tropas mal treinadas, inexperientes ou pouco motivadas. Sem nenhuma dúvida eles foram decisivos para o pânico e a debandada geral das tropas da FNLA e zairenses em Quifangondo.

E o que deteve a pequena tropa não-africana? Em primeiro lugar, os canhões anti-carro 76 mm, que aproveitaram o absurdo avanço dos frágeis Panhard totalmente descobertos; em segundo lugar, para segurar os poucos infantes que seguiriam atrás deles, as metralhadoras anti-aéreas (ZPU-4) cujo tiro podíamos sentir sobre nossas cabeças e que não nos deixavam levantar do solo.

Mas, mesmo se os Panhards não fossem detidos e o nosso pequeno grupo pudesse avançar, não teríamos ninguém nos seguindo, pois o grosso da tropa africana debandara apavorada pelo efeito psicologicamente devastador dos MLRS BM-21 Grad...

Resumindo, sim, concordo que esta arma foi decisiva não só no rumo da batalha, mas de toda a guerra. Acredito que se o indisciplinado exército zairense entrasse em Luanda, tudo seria arrasado e saqueado e uma avalanche de tropas de Mobutu Sesse Seko se despejariam pela fronteira norte, numa ocupação criminosa. E nós, o pequeno grupo de comandos especiais que por um ideal, serviu de ponta de lança, seríamos dizimados ou presos ou expulsos, pois representávamos um obstáculo as barbaries zairenses em solo angolano.

## ANEXO 2

**ENTREVISTA DO EX-COMBATENTE  
DA BATALHA DO QUIFANGONDO AO LADO  
DA FNLA PEDRO MARANGONI,  
cedida ao Serguei Kolomnin em Fevereiro de 2010**

**Serguei Kolomnin:**

– Estimado Pedro Marangoni!

Fico-lhe muito grato por suas mensagens relativas à Batalha de Quifangondo, em particular pelo artigo “Quatro MLRS BM-21 Grad deteram os inimigos que avancavam sobre Luanda e mudaram o rumo da guerra?”, que já foi publicado no nosso website em russo e português [http://www.veteranangola.ru/main/other\\_side/p\\_marangoni\\_port\\_eng](http://www.veteranangola.ru/main/other_side/p_marangoni_port_eng)

Encontrei nas suas mensagens alguns elementos muito interessantes para mim, como histórico, em particular, em relação ao efeito provocado pelas metralhadoras anti-aéreas ZPU-4 de calibre 14,5 mm (os angolanos e cubanos os chamavam “quatro bocas”), ao efeito moral, produzido por salvas de BM-21 e também acerca do número exácto de comandos especiais portugueses ao lado da FNLA e ELP (Exército de Libertação de Portugal). E mais algumas perguntas, se permitir.

– O ELP – foi simplesmente o slogan, ou força real com a estrutura, programa e o comando formados?

**Pedro Marangoni:**

– Como recebi sua mensagem em português correto, vejo que não é através de um tradutor eletrónico e sim de quem tem óptimos conhecimentos da língua portuguesa, portanto ficarei mais a vontade para responder em meu idioma.

O ELP só seria mencionado de forma política, tentando comprometer a FNLA e também porque dizia-se que o Coronel Santos e Castro era ligado a este “exército” que considero apenas teórico, nunca chegou a existir como força real, coesa, organizada e pronta para o combate. Apenas uma organização política. Nunca ajudou as nossas tropas, que foram recrutadas entre portugueses refugiados na Rodésia, pelo comandante das Flechas, Alves Cardoso, da DGS/PIDE. Mas os



membros do grupo do Coronel Santos e Castro não eram mercenários, eram combatentes, que viviam em África e quiseram ficar lá para passar ali a sua vida.

Era composto por 153 portugueses, mais eu. O único militar do grupo que poderia se chamar de “estrangeiro” era eu, brasileiro, mas com dupla nacionalidade portuguesa. O Coronel Santos e Castro apareceria em Ambriz, como adviser militar de Holden Roberto e ligação com o nosso grupo. Depois passara a participar dos combates, fardado mas sem armas. Depois de Quifangondo volta a Europa.

**Serguei Kolomnin:**

– O que pode dizer da ajuda dos EUA a FNLA e ao ELP?

**Pedro Marangoni:**

– Quanto a ajuda dos EUA, tínhamos pouco apoio e se os EUA ajudavam mais, provavelmente a ajuda era desviada por Mobutu. Muitos artigos também exageram a actuação dos norte-americanos, que pouco interviram e pouco nos ajudaram. Muitos livros históricos agora apenas mais umas obras políticas, repletas de mentiras e exageros; estes livros prestam-se para falsear a história da descolonização e dificultar para que as gerações pôs guerra conheçam o que se passou realmente e aprendam a não repetir erros do passado.

**Serguei Kolomnin:**

– Na edição “FAPLA baluarte da paz em Angola” (Berger-Levrault International, Paris. P. 110) lê-se, que a ponte sobre rio Bengo tinha sido destruída pelas FAPLA para impedir o avanço da FNLA. Alguns angolanos participantes da Batalha de Quifangondo (FAPLA) mencionam a de Panguila também como destruída. O General Xavier, actual responsável da Academia Militar das Forças Armadas Angolanas também insiste no facto a ponte sobre rio Bengo tinha sido destruída.

Outro ex-combatente das FAPLA Álvaro António, que é o capitão, actualmente colocado na Unidade da Guarda Presidencial (UGP) na entrevista a TV angolana afirma: “Nesta altura em que se destruiu a ponte estavam a atravessar três viaturas, entre as quais um tanque que ainda não tinha passado, tendo as outras duas caído com a ponte, morrendo os seus ocupantes”. Ele acrescenta ainda, “que desta acção resultou a captura de quatro mercenários norte-americanos que

permaneceram encarcerados na ex-sala do director da Escola Primária da Fazenda experimental da Funda”.

Se a ponte do Bengo estava destruída, de que maneira a tropa da FNLA tencionara e conseguiria atravessar o rio? A nado?

Ou a ponte sobre rio Bengo continuava a funcionar, tendo so alguns danos não significativos? Conforme a minha experiência militar explodir e destruir a ponte solida, construida em betão é uma coisa não fácil...

### **Pedro Marangoni:**

– Encontrei as recordações do General Xavier honestas. Mas nenhuma das duas pontes estavam destruidas e não entendo porque os angolanos insistem em mentir sobre um facto que daria até mais valor a luta deles... Claro com a ponte destruída, seria uma defesa mais segura, praticamente admitindo que não conseguiriam deter o inimigo. A ponte destruída seria uma proteção a mais.

Talvez a ponte do Bengo estivesse SABOTADA, NAO DESTRUIDA, OUSEJA, COLOCARAMAS CARGAS EXPLOSIVAS E NÃO DETONARAM, TAL SERIA FEITO APÊNAS SE NÃO CONSEGUISSEM NOS DETER! Será que isso aconteceu também na ponte do Panguila, onde encontrámos os cordões detonantes? E a explosão teria falhado?

Um grupo de comandos com o capitão Valdemar precedeu o grande ataque, infiltrando-se pela madrugada e tomando a primeira ponte, do Panguila. Apenas cordões detonantes foram encontrados, sem explosivos. Eu próprio passei por ela, intacta. A segunda ponte também, no primeiro ataque foi avistada inteira pelos blindados e também pelos aviões de reconhecimento.

Se a ponte do Bengo estava destruída, como posteriormente as FAPLA/cubanos avançaram contra o Morro da Cal e Caxito? Pelas pontes... A preocupação da FNLA era que, as duas pontes fossem destruídas quando avançássemos e a engenharia zairese so tinha uma ponte disponível para construir.

Ainda sobre pontes: a única ponte importante que foi destruída pelo MPLA, quando do grande avanço da FNLA rumo a Luanda foi a de Porto Quipiri, na saída de Caxito. Aí a engenharia zairese construiu uma flutuante, de madeira e depois uma grande ponte metalica, que permanece ate hoje.

Depoimento do capitão Álvaro António... lembremos sempre: a primeira vítima da guerra é a verdade... Não existiram, por exemplo,

quatro mercênarios norte-americanos capturados! No combate, foram capturados apenas o municiador da Panhard-90 Remédios, o condutor da Panhard-60 Serra e seu atirador Oliveira, todos portugueses. Americano só havia um, observador da CIA, sempre desarmado, que não saiu do Morro da Cal. Os autênticos mercênarios apareceram no Norte de Angola um mês depois de Quifangondo, eram na verdade os Inglêses e Americanos, mas não conseguiram nada, pois a luta já tinha terminado.

O meu grande amigo Remédios foi capturado porque foi ferido com gravidade (está vivo e hoje mora em Portugal), mas Serra e Oliveira suspeita-se que forçaram a queda da Panhard-60 no pantano para se entregar, desertando. Talvez você tenha conhecido Oliveira, fiquei surpreso ao vê-lo na televisão, anos mais tarde como comandante militar das FAPLA num sector no Sul de Angola!

Um facto interessante é que nem mesmo o MPLA nos considerava realmente mercenários, apenas usavam como propaganda, pois meus colegas capturados não foram julgados com os ingleses e americanos e tiveram tratamento mais humano. Além de Remédios, Serra e Oliveira, capturados em Quifangondo, anteriormente haviam sido capturados na batalha de Caxito em 7 de Setembro de 1975 os comandos especiais brancos: Quintino, Fernandes e Pereira.

Resumindo, no Quifangondo ficaram no terreno um Panhard-90, um Panhard-60 e um caminhão Mercedes zairense; brancos capturados – 3, todos portugueses.

### **Serguei Kolomnin:**

– Qual foi o destino da maioria dos C.E. portugueses após o desastre de Quifangondo? Portugal? África do Sul?

### **Pedro Marangoni:**

– Como já disse o coronel Santos e Castro voltou a Europa. Outros foram-se embora depois que abandonámos a luta em Fevereiro de 1976, alguns continuaram a luta. Por exemplo, o meu colega, a quem chamávamos “Passarão”. Tomei conhecimento que ele retornou do Zaire e continuou combatendo sozinho (ele havia nascido lá, era um africano branco a quem negavam a pátria), fazendo emboscadas contra os cubanos, formou e comandou um pequeno grupo, atuando na região de Ambriz, até que em Outubro de 1977, sofreu queimaduras graves com o mosquiteiro que pegou fogo e agonizou por duas semanas até

morrer. Foi enterrado pelos africanos na mata perto da Fazenda Loge, região de Ambriz.

Após Angola os comandos portugueses voltaram para a Rodêsia, alguns para o Brasil, buscando uma pátria nova e outros para Portugal, país que alguns nunca haviam estado, africanos brancos de várias gerações e que foram muito discriminados pelos portugueses na Europa.

**Serguei Kolomnin:**

– É de conhecimento geral, que atacando contra Quifangondo a FNLA e os zairenses foram apoiados pela artilharia de longo alcance sul-africana. O que poderia dizer a este respeito?

**Pedro Marangoni:**

– As peças de 140-mm G-2 sul-africanas chegaram ao Morro da Cal na tarde do dia 9 e começaram o fogo de barragem no dia 10 por volta das 05:00H; foram diminuindo a intensidade do fogo até cessar de vez, não sei precisar o momento. Segundo o coronel Santos e Castro, que me informou pessoalmente, às 16:30H (04:30 PM) os sul-africanos se retiraram do local com todo o material, sem autorização ou comunicar a ninguém. Os sul-africanos fugiram durante o combate. Após Caxito abandonaram os obuses sem as culatras e foram resgatados em Ambriz, já a noite, por um helicóptero. Fugiram de helicóptero para um barco na costa de Ambriz, levando as culatras dos obuses 140-mm G-2. Tudo a revelia da FNLA. Os obuses posteriormente foram rebocados pela FNLA, mas sem poder usa-los, acabaram em Ambrizete como ferro velho.

**Serguei Kolomnin:**

– Poderia pormenorizar o dispositivo de combate e a composição da FNLA e zairenses? Quantos carros Panhard, soldados (FNLA e zairenses), peças de artilharia haviam no palco de combate no dia 10 de Novembro perante o último ataque contra Quifangondo?

**Pedro Marangoni:**

– Números aproximados.

Artilharia: Zaire – 1 canhão 130-mm, Africa do Sul – 3 obuses 140-mm, FNLA – alguns morteiros 120-mm.

Cavalaria: Comandos Especiais: 1 Panhard-90 (destruído), 2 Panhards-60 (um destruído e um avariado), 1 VTT Panhard com um

grupo de combate, retornou ileso sem lançar a tropa, um jeep com canhão 106-mm sem recuo (não participou).

Zaire: cerca de 10 jeeps com canhão 106-mm sem recuo (não participaram), uns 15 Panhards diversos, nenhum participou do combate, assim que transpuseram a ponte do Panguila descarregaram toda a munição e recuaram. Vários canhões antiaéreos 20-mm montados em jeeps (não participaram).

Infantaria: Comandos, dos 154, cerca de 80 participaram do combate, apenas uns 10 cruzaram a ponte do Panguila avançando, o restante não avançou, permaneceu antes da ponte.

FNLA: cerca de 800 homens (não tenho certeza, número aproximado), nenhum cruzou a ponte do Panguila.

Zaire: um batalhão de infantaria (dizem dois, não sei), uma equipe de engenharia; dois caminhões Mercedes, carregados de soldados zaienses cruzaram a ponte do Panguila e começaram a morrer sem chance de defesa na primeira curva depois da ponte. Poucos voltaram, quase todos feridos. Um dos caminhões retornou a noite, após o combate, com alguns homens.

Quando recuei para o Morro da Cal, debaixo de cerrado bombardeio, por volta das 18:00H (06:00PM) do dia 10, tudo estava completamente deserto e as únicas viaturas eram o jeep do staff e a nossa VTT Panhard.

Na noite de 11 de Novembro 1975, após a derrota, juntamente com o Coronel Santos e Castro, apenas 26 homens ficaram na frente de combate no Morro da Cal, todos comandos especiais, portugueses, entre eles todos os oficiais. Nenhum dos quadros da FNLA. A FNLA simplesmente fugiu mato adentro sem comando e os zaienses recuaram para o Caxito.

### **Serguei Kolomnin:**

– Certas fontes históricas (livros, recordações) mencionam os três aviões da FA sul-africana “Canberra” a bombardear as posições FAPLA/cubanos na manhã do dia 10 de Novembro. De outro lado o General Xavier diz o seguinte: “as FAPLA estavam a espera de uma investida maior no dia 10 de Novembro de 1975. O relógio indicava 05H00, quando dois aviões se fizeram aos céus flagelando as posições das FAPLA no Morro de Quifangondo. A primeira impressão e que fomos bombardeados pela aviação, mas não. Eram vôos de reconhecimento que iam verificar os acessos, principalmente o estado

das pontes...” E acrescenta: “eram avionetas de reconhecimento, que partiam da pista do Ambriz ou de pequenas pistas em fazendas como a Martins de Almeida”.

Como poderia comentar estas palavras do veterano das FAPLA? Eram bombardeiros da África do Sul ou avionetas de reconhecimento FNLA? Se havia realmente aviação sul-africana envolvida nessa batalha?

### **Pedro Marangoni:**

– Aviões? Isto é muito interessante, confirmo as palavras do General Xavier, eram apenas dois aviões nossos, convencionais, civís, de observação, decolados de Ambriz, mas já era dia claro. Os primeiros tiros dos 140 sul-africanos foram em Luanda e depois foram recuando o alcance para atingir Quifangondo, coincidindo com a passagem dos aviões, o que para leigos poderia ser tomado por um bombardeio aéreo.

Mistério: realmente por volta das 05:00H ouvi um ruído semelhante a jactos de combate em grande altitude e depois três explosões surdas, não mais, abafadas entre o morro de Quifangondo e Luanda. Aviões ou uma experiência de tiro com canhões de uma fragata sul-africana que estava ao largo, com alcance suficiente para atingir o local? Isto é apenas uma conjectura minha, sem informações. Nem o coronel Santos e Castro ou o major Alves Cardoso foram comunicados de ajuda de aviões ou marinha sul-africana. Se houve uma tentativa, não foi além, talvez devido à dificuldade de execução (proximidade das forças oponentes no terreno).

### **Serguei Kolomnin:**

– No seu livro “A Opção Pela Espada” há um mapa bastante pormenorizada e bem clara das posições FNLA/zairenses – FAPLA/ cubanos no Quifangondo. Mesmo com o número exato das peças e obuses (1 canhão 130-mm zairence, 3 obuses 140-mm sul-africanos, FNLA etc.) Você indicou os quatro BM-21 nas posições FAPLA/ cubanos por acaso ou tinha informação mais ou menos exata? Muitas fontes dizem, que eram seis ou até mais. Conforme meus dados baseados eram quatro BM-21, que chegaram ao Quifangondo nas vésperas do dia 10 de Novembro. Como poderia comentar isso?

O que poderá dizer a respeito do mapa da Batalha exposto nas edições “XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto da Geodesia e Cartografia de Angola, 1986”?

**Pedro Marangoni:**

– O mapa de Quifangondo exposto nas edições “XI Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto de Geodesia e Cartografia de Angola, 1986” é um documento valioso. É aparentemente as posições das FAPLA/cubanos estão próximas daquilo que imaginei. Existe, no índice, um símbolo para ponte destruída para impedir o avanço inimigo! Novamente a insistência das pontes destruídas e note-se que estranhamente não se acha no terreno tal símbolo, apenas no índice. As menções de mercenários referem-se ao nosso grupo, pois os mercenários de Callan só chegariam em mais tarde. Nossas posições e rota de ataque e posterior retirada estão corretas, apenas não existem datas. Nota-se que, colocam correctamente o nosso grupo na vanguarda e a FNLA na nossa retaguarda. Com excessão do símbolo ponte destruída e do suposto bombardeamento da aviação, me parece um mapa honesto.

O meu mapa foi feito de memória, sem escala e sem consulta a um mapa real do terreno; é apenas o que visualisei no decorrer do combate. O lado da FNLA/Zaire/Comandos é exato; do lado inimigo são minhas conjecturas. O número e localização de canhões anti carro por informação do tenente Paes na primeira investida.

O número de BM-21 (quatro) calculei pela sequência de lançamento, quando caíram em maior intensidade, pela concentração das explosões; apenas uma hipótese que agora me parece acertada. Observação: em meu livro, “Órgãos de Staline”, juntamente com “monacaxito” era a terminologia genérica que davamos a qualquer missil 122, de lançador simples ou não, sem significar BM-21.

Encontrei mais fotos que têm mais relação com Quifangondo, fotos nunca publicadas, em mal estado, mas, importantes e autorizo a publicação no site dos veteranos russos. Foram-me dadas pelo autor, Azevedo, tripulante, que escapou do Panhard-60 cujos dois tripulantes foram capturados em Quifangondo.

Mostram a chegada da artilharia sul-africana no Morro da Cal. Ao lado, uma torre de madeira, marco geodésico que marcava nossa posição ao inimigo e que ninguém se preocupou em derrubar e também as nossas três Panhards, estacionadas no abrigo onde passamos a noite antes do combate.

Outra foto mostra o Panhard-90 do tenente Paes, pronta para descer ao Panguila, com a flamula onde se lia “Ouso”! As fotos coloridas mostram no jeep, após a conquista de Quicabo, o comando

Remédios, que foi capturado em Quifangondo, com sua M-79, que o General Xavier relata estar no museu em Luanda.

A outra é da “Força Aérea da FNLA”, logo após meu bombardeio, junto com Rabelo, um piloto civil, contra a emissora oficial em Luanda. Os homens com tarja preta são os técnicos em explosivos, uma equipe de muito valor, que prepararam as cargas que lancei.

Como conclusão queria dizer o seguinte: publicando estas fotos e meus depoimentos [Veteranangola.ru](http://Veteranangola.ru) assim amplia a contribuição não só para a reconstrução da verdadeira história militar de Angola, bem como para alertar sobre injustiças de cunho social, discriminatório, por parte de europeus e africanos e que devem ser conhecidas pelo menos como uma homenagem e retratação às vítimas.

A bem da história militar será um mapa incomum, feito em conjunto pelos dois lados opostos envolvidos. Creio que é uma oportunidade de mostrar ao mundo que militares em confronto são profissionais em trabalho, não inimigos pessoais.



## ANEXO 3

### CARLOS A.S. MELLO XAVIER — GENERAL. A NOSSA HISTÓRIA MILITAR FOI BEM ENRIQUECIDA.

Depois de ter lido o livro de Serguei Kolomnin “Batalha Histórica de Quifangondo” tenho, algumas considerações que achei pertinentes. Penso que eles vão enriquecer o conteúdo do livro e esclarecer certos momentos no decorrer da Batalha, quais hoje já não estão bem claros para os historiadores.

Antes de mais nada queria sublinhar que o livro de Serguei Kolomnin é um trabalho extremamente valioso, completo, exaustivo e por vezes repetitivo nas acções militares (mas penso que é bom para motivar a discussão), serve para estudo e suporte para quem quer escrever sobre a sua experiencia ou tirar elações para outros livros que possam surgir. Numa palavra concluo “Obrigado”. A nossa História Militar foi bem enriquecida e os objectivos cumpridos.

Como sempre digo, no início, o ensino nas Escolas, Institutos e Academias, o material combativo e depois a assessoria militares da Rússia (naquela época também chamada URSS) jogaram um papel fundamental para a existência da República Popular de Angola e a Libertação da África Austral, para além da libertação do jugo Imperialista, mudança de relações entre os países subjugados na época e que se repercute até hoje. É indelével o papel e lugar da Rússia na libertação dos Povos Africanos.

Temos de partir de um princípio, sem a intervenção das Tropas Internacionalistas Cubanas e o apoio multiforme da União Soviética (hoje Russia) hoje não estaria a escrever qualquer coisa. Tínhamos colapsado.

Mas a verdade deve ser dita. Não houve tropas Cubanas antes da Batalha de Quifangondo (de dia 7 de Novembro foi a artilharia inimiga que nos fustigou) para além do assessor da Brigada Cubano mas não estava na Frente, ainda era segredo a sua presença. Os único que tinham feito reconhecimento para colocar os 4 BM-21 na captação da água para Luanda foram fustigados e mudaram de posição do Pelotão foram Cubanos Artilheiros, tendo sido reposicionados para os lados das

Antenas mais para o interior e a esquerda dessa posição. No que diz respeito as tropas do Batalhão de Angolanos formadas pelos Cubanos em N'Dalatando só vieram para Quifangondo uma semana antes do dia 10 de Novembro.

Nos fomos fazendo a posição de defesa de Quifangondo aos poucos (desde Setembro) e sem chamar a atenção ao inimigo de tal forma que eles foram surpreendidos no seu ataque. E este é um princípio vital para qualquer combate ou Batalha – o SEGREDO.

Com máquinas, buldózer, escavadores etc. Etc. Em tempo seco e no morro era visto a 100 Km por causa do pó e naquela altura não havia árvores porque a população sitiada utilizou como lenha.

Quanto as pontes. No Quifangondo, elas são na totalidade 4 pontes. Junto ao controlo da policia existem 2 e mais duas sensivelmente à 500 metros dessas (quem sai de Luanda para Caxito), essas 2 encontram-se até hoje a funcionar (1 rodoviária e outra do comboio). Estas primeiras duas pontes eram uma do caminho de ferro e outra muito pequena rodoviária. Entre 2 a 7 de Setembro ouvi um combate, desproporcionado de forças. A 9ª Brigada (parte do seu comando) não tinha Infantaria. Os canhões 76 mm e os B-10 e os B-12 (assim chamados os canhões Jugoslavos – não tenho a certeza da origem pois já os encontramos em Luanda (sem recuo) eram as nossas armas de artilharia. Com a agravante que os C-76 mm vieram sem espoletas (foram colocadas algumas espoletas de outras armas mas não explodiam).

Então, eu estava junto ao Comandante Ndozi, onde hoje há uma captação de água entre as duas pontes com a protecção de uma antiaérea em cima de um Unimog, o manuseador da ZGU-1 era Vitor Santos “Vitó” ainda está vivo em Luanda. Quando o Comandante Ndozi mandou explodir as duas pontes. O inimigo até hoje não sabe porque os que estavam em cima da ponte morreram e os que ficaram vivos foram capturados. Entre eles estavam três militares e, Zairenses vivos, entre eles um Sargento que falava muito bem e nos deu informações extremamente valiosas sobre as tropas que se estavam a preparar para atacar e ocupar Luanda. Até dia 2 de Novembro de 1975, nos preparativos da grande ofensiva que deu origem a Batalha de Qifangondo ninguém mais atravessou o rio porque tínhamos retirada a ponte pois só se podia atravessar de barco (canoas) quem disser que atravessou de carro não está a falar desta área.

Logo após a explosão, como o tempo era de cacimbo não chovia deu para entulhamos o rio com pedras, o Comandante Rui de Matos é que dirigia essas actividades porque era o Chefe das Operações da Brigada e “inventor” e juntamente a uns amigos meus (o Octávio Craveiro do Laboratório de Engenharia foi um deles) arranjou-se umas partes metálicas tornando a ponte transitável e, que depois foram retiradas mais tarde para que o In não atravessa-se. Esta é a verdade sobre as pontes.

No que diz respeito ao número de AML-90 e AML-60 ao lado do inimigo. Quanto dizemos que eram a volta de 12 AML-90 e AML-60 é porque junto a ponte de Quifangondo foram abatidos 1 AML-90 e 2 AML-60 (eu abati o AML-90 e 1 AML-60 com o canhão 76 mm).

Na posterior ofensiva para Norte criou-se uma coluna militar chefiada por mim que fez Caxito – casa da telha – Tomboco – Kiende – Banza Kiende em direcção a Banza Congo para se encontrar com os Cubanos que vinham pelo Uíge pelo que não foi possível porque a FNLA partiu as pontes.

A 20 Km de Tomboco aniquilamos o 1º AML –60 e na entrada de Tomboco capturamos mais 2 AML-60. Na direcção Soyo segundo os prisioneiros seguiram com as tropas Zairenses e não só seguiram mais 8 AML (pelo reconhecimento aéreo viram apenas 6). Soube que tinham sido capturados alguns mas não soube quantos porque entretanto fui chamado para ser transferido para a 5ª Região Militar para organizar a Artilharia para os combates com os R. Sul Africanos.

Quanto aos BTR-152 que combatiam inicialmente na frente Quifangondo, foram transferidos para a frente Benguela para reforçar as tropas que estavam a ser derrotadas pelas forças sul africanas. Os BTR-152 foram com alguma infantaria e artilharia da 9ª Brigada, que já era pouco. Também eram mais úteis com as tropas que tinham saído do exército português e integradas na 9ª Brigada porque tinham melhor preparação de tropas regulares e não tinham medo de estar dentro duma “lata” em relação aos guerrilheiros a serem adaptados a tropa regular. Quem melhor poderá explicar é o Camarada Teka Cirilo de Sá irmão do General ITA que foi ferido e a sua dotação perecido num dos combates nessa frente Benguela.

A 9ª Brigada recebeu, primeiro 4 e depois mais 8 BRDM-2 para ser integrados no Batalhão de Reconhecimento da Brigada. Coisa que nunca existiu de facto pois eles foram utilizados mais como de apoio e protecção da infantaria. E mesmo no combate directo, tendo um (Chefe

Mariano que ainda está vivo dos artilheiros que passaram a chefes de carro na URSS – Simferopol) utilizado como tanque que em Outubro – frente Caxito – Ambriz, abalroou um AML-90 e passando o guincho trouxe-o a reboque e mais tarde esteve muitos anos na praça Kinaxixe em Luanda em exposição.

O autor escreve “O jornalista cubano José Ortiz que chegou a Angola no dia 9 de Novembro de 1975 com as primeiras subunidades do Batalhão da força especial do MI de Cuba”. Como é que diz que o mesmo jornalista disse que em Outubro viu a chover em Quifangondo e a preparação das trincheiras. Tem de rever as informação do jornalista no que viu e no que lhe contaram sobre a intervenção das tropas Cubanas antes da Proclamação da Independência.

A respeito das minhas palavras, citadas pelo autor e que foram tiradas da minha entrevista ao Jornal de Angola. Dou a mão a palmatória de não ter saído no jornal toda a minha intervenção. Mas a verdade não pode ser escamoteada nem esquecida. Em todas as guerras que entraram o lançador múltiplo de foguetes russo, seja de que tipo ou modelo, sempre jogaram um papel fundamental no resultado das missões de fogo. E em Angola também jugaram esse papel fundamental. Eu falei sobre os BM-21 os jornalistas é que não escreveram.

Quando relata que entre 2 a 7 de Novembro as forças Inimigas no Morro da Cal, compostas por tropas Sul Africanas, Zaienses e da FNLA preparavam as posições de fogo foram bombardeadas e não sabiam de onde saíram esse fogo, eu explico – foi quando os BM-21 fizeram os primeiros disparos para introdução de dados nas peças (carros) porque não tinham qualquer tipo de meios de reconhecimento afim de que no dia do combate pudessem ter forma como aferir e corrigir o fogo de artilharia, introduzir os dados iniciais para o fogo. É assim que são descobertos as suas posições de fogo e terem trasladados os carros BM-21 para outra posição mas à Leste da posição inicial.

Não estou muito de acordo com o que escreveu o ex-assessor do Chefe da Brigada de Infantaria das FAPLA em Angola Vadim Sagatchko nem com o que escreveu o P. Marangoni sobre as munições de Grad que só são de efeito mural.

Durante a guerrilha dirigi o fogo dos Monacaxitos (Grad-1P). Esta arma reactiva, sabendo utiliza-la com as montanhas vai até aos 12 Km. Pode ser utilizada como tiro directo até 100 metros quando acaba o 2º sistema de reacção do impulso da munição (depende do objectivo

e ângulo de embate da munição). Foi testada por mim várias vezes e em combate!

A sua munição, possibilita a sua explosão em três possibilidades, tem uma espoleta com três tipos de acção: 1ª por impacto, 2ª a um nº programado de metros do chão e a 3ª um tempo depois de perfurar o solo (logicamente segundo uma tabela que acompanha a peça de fogo.

Quero eu dizer que se utilizar, para maior eficácia, contra infantaria apeada, a espoleta de 2ª acção será melhor que a 3ª e, assim por diante. Utilizamos essa peça de artilharia contra quartéis inimigos durante a guerrilha e até paióis como depósitos de combustível conseguimos fazê-los explodir. A forma como os Grad- 1P serão utilizados (empregues) no teatro operacionais e a preparação das suas dotações serão os resultados que você irá obter. É uma excelente arma, “individual”, com uma capacidade de manobra apeada excelente, a sua munição é dividida em três partes tornando-a fácil transportar e com um fogo poderoso saído de um tubo de alumínio. Os Monacaxitos, Grad-1P, de onde estavam em Quifangondo chegavam a subida do morro da Cal. Atingiam os 11 Km (quando são utilizados desde uma montanha, este é outro nosso segredo, que o inimigo não sabia).

Quanto a afirmação do Pedro Marangini “O inimigo não aproveitara a grande chance de nos perseguir durante o pânico, avançaria até Caxito, no mínimo”. Era impossível porque a ponta estava partida. Não se passou a ofensiva porque as pontes tinham de ser reparadas, não havia como passar.

Quanto ao número BM-21 utilizados nos combates. Só eram dois porque os outros dois foram transferidos com os Cubanos para a Frente Sul de Luanda. Mais só foram utilizados dois em Quifangondo, onde os serventes de peças eram angolanos. O Ten. General “Cagy” era um deles.

Lógico que os 2 BM-21 foram por demais convincentes no repelir do inimigo e nas distancias convenientes para o seu emprego. É conveniente saber, para cada arma, qual melhor é o seu emprego. Como tirar melhor rendimento das suas possibilidades e para quê que foi feita.

Porque se tivéssemos disparados os BM-21 para o nosso bordo dianteiro teríamos sido atingidos pelo nosso fogo aliada a grande dispersão das suas munições. Numa defesa sólida e coesa devemos criar um Sistema de Fogo onde a forma de utilizar cada boca de fogo é primordial assim como o tempo, o lugar, como, quando, que espoleta, como o inimigo se apresenta no teatro operativo etc.

O BM 21 é e será sempre, uma máquina excelente para combater, manobrar, lutar, persuadir, aniquilar, etc. Etc. Qualquer e tipo de inimigo que se apresentar em qualquer tipo de combate/batalha agora e sempre. Quem disser o contrário não sabe nem conhece o seu emprego nas guerras, independentemente que continente for utilizado.

# GALERIA DE FOTOS



KIPANGONDO

1975



1. Durante os combates em Setembro e Outubro de 1975 no Norte de Angola, os combatentes das FAPLA apelidaram este lançador "Grad-1-P" de "Monacaxito". O lançador de quarenta canos BM-21 "Grad", ao contrário, chamava-se "Monacaxito de 40 canos".

2. Autor do livro no Morro de Cal, 1977.




3. A duração da salva de um veículo (MLRS) BM-21 "Grad" BM-21 é de 120 segundos.







Nome:	Peter M'Aliese	
Profissao:		
Filho de:	Peter M'Aliese	
e de:	Catherine	
Local e data de emissao:	17-9-62	
Residencia:	35, Brimsdown Close	
Regiao:	Hertsford	
Emitido em:	England	
Assinado por:	Peter M'Aliese	
	P. M'Aliese	
	Felo comit	

4. O cartão do membro da FNLA pertencente ao mercenário britânico Peter M'Aliese.



5. Julgamento dos mercenários britânicos e norte-americanos sob o comando do assim chamado "Coronel Callan" em Luanda 1976.



6. Ex-combatente da Batalha do Quifangondo ao lado da FNLA – Pedro Marangoni.



7. O mapa da Batalha de Quifangondo exposto nas edições “11º Aniversário da Independência. Batalha de Quifangondo. Instituto de Geodesia e Cartografia de Angola, 1986” é um documento valioso.



8. No livro de P. Marangoni “A Opção Pela Espada” há um mapa pormenorizado das posições FNLA/ zairenses – FAPLA/ cubanos no Quifangondo com o número exacto de peças e obuses (1 canhão 130-mm zairence, 3 obuses 140-mm sul-africanos) e dos quatro BM-21 nas posições FAPLA/cubanos.



◀ **9.** O dia 7 de Setembro ficou na História das FAPLA como o Dia da Vitória na Batalha de Caxito. Nesta batalha, foram capturados primeiros comandos portugueses brancos do grupo do Coronel Gilberto Santos e Castro, nomeadamente, Quintino, Fernandes e Pereira (no centro).



◀ **10.** AML-90 Panhard dos C.E. portugueses, destruído na estrada perto da ponte sobre o rio Bengo.

**11.** Coluna de tropas da FNLA a caminho de Quifangondo.



12. Um dos folhetos da FNLA lançados das avionetas sobre a Luanda em Outubro de 1975.

## Angola Livre e Nacionalista Esmaga as Forças Imperialistas do MPLA/UNIAO SOVIETICA



A. Membros da FNLA em Gilestão, na 1ª Região do NEPA. E aqui, o comandante José?

O POVO ANGOLOSO CONFINA E RECUPERAR TODOS OS DIAS E NOTES AS NOTAS DE DÓIS DE MENTALIDADE COMBATE. JÁ SEUS DA FRONTEIRA EMISSORA OFICIAL DE ANGOLA. O «CLIPANO» (EPISAS IDIAS) E PELA TRACAGI AGENTE DO IMPERIALISMO SOVIÉTICO. NA INVENÇÃO E O MENEIRO E FANTOCHI «COMANDANTE» JUAN (COMANDANTE DA RESISTÊNCIA) OULGAS MONTAS SOBRE AS POSIÇÕES POLÍTICO-MILITARES DA FNLA. ENQUANTO AS FORÇAS REACIONARIAS, IMPERIALISTAS E MENEIROIS DO IMPERIALISMO SOVIÉTICO, PORQUE TERREIRO E SÃO EXERTADAS NO COMANDO DA 1ª REGIÃO MILITAR.



Após a expulsão a região de Gilestão, Taitana, Bacia, Mucula e outros, hoje de 120000 pessoas. Para liberar os povos da região, a FNLA vai fazer o seguinte: 1. Oito países e a libertação completa da região?

NÓS, MOCAMBICANOS, GUNTEU, COMANDO AS AÇÕES DOS «BANDOS ENDOCÓIS» E A DESPARAR AS ARMAS RUSSAS DA BRIGADA INTERNACIONAL, DENOMINADA PELO MPLA DE «UNIDADE DE INTERPENÇÃO». POVO DE LUANDA: «A FNLA VIMOS A NOSTA» «GOLAS» SEM INSTRUÇÕES E SAÚDE PARA EXPULSAR OS ASSASSINOS VERMELHOS E REESTABLER A PAZ. COM A VERDADEIRA INDEPENDÊNCIA QUE TODOS NÓS ESPERAMOS E TEMPO DE RESISTIR DENTRO DE LUANDA E LIBERDADE E TERRA PARA TODOS E A VITÓRIA E MOSSA! NUNCA O PRESIDENTE HULDEN ROBERTO E TODOS JUNTOS NA LISTA FINAL DA LIBERDADE E — UR/FNLA.



Para vencer de ao lado de São Paulo, depois de um ano de guerra, a FNLA conquistou a vitória. E aqui, o comandante José?

Desafiemos a Corja Criminosa da Informação Vermelha a Desmentir Estas Fotos e a Visitar as Posições Conquistadas



14. Segundo os sul-africanos, em Quifangondo ao lado da FNLA estava a versão chinesa do canhão soviético de 130 mm M-46. Devido à baixa competência das guarnições Zairenses, estes potentes canhões de longo alcance não desempenharam o papel que realmente podiam desempenhar.



13. Os obuses 140-mm G-2 no Museu da História militar de Luanda.



◀ 15. Os C.E. portugueses estavam sob o comando do ex-Coronel do Exército Português Gilberto Santos e Castro (no centro).

16. Os combatentes do ELNA capturados pelas FAPLA 1975. ▶



17. O líder da FNLA Álvaro Holden Roberto, à caminho de Luanda. À esquerda está um dos seus guarda-costas, a sua alcunha era "Medalha Vazia". Outubro de 1975. ▶





- ◀ 18. Um dos comandantes do ELNA na Batalha de Quifangondo Tonta Afonso de Castro A foto da Colectânea "A batalha de Quifangondo. 1975. Factos e documentos". Mayamba Editora, Primeira Edição Luanda, 2011.



- ▲ 19. Ex-combatente da Batalha do Quifangondo ao lado das FAPLA General da reserva Carlos A.S. Mello Xavier.



- ▲ 20. Tendo em conta que o BRDM-2 tornou-se símbolo das vitórias das FAPLA no Norte de Angola, depois de terminados os combates, este veículo blindado foi colocado como monumento no Largo do 1º de Maio em Luanda (hoje já não existe).



◀ 21. O ex-Chefe da Artilharia das FAPLA na Batalha do Quifangondo Roberto Leal Monteiro “Ngongo” na qualidade do Chefe de Operações do EMG das FAPLA preside a reunião na mata na área do Cuíto Cuanavale. 1989.



◀ 22. Autor do livro junto do monumento Cristo Rei em Lubango. 1977.

23. Duas Baterias de canhões sem recuo soviéticos B-10 de 82 mm entre outras armas de artilharia participaram na Batalha do Quifangondo ao lado das FAPLA. ▶





▲  
24. Na manhã do dia 10 de Novembro de 1975, três bombardeiros sul-africanos Canberra dotados de três bombas de 450 kg cada bombardearam as posições das FAPLA, mas o ataque não causou nenhum dano.

25. Ex-combatente da Batalha do Quifangondo, Chefe do Estado-Maior da 9ª Brigada General das FAA na reserva António dos Santos França “Ndalú” (no centro) é recebido pelo Presidente de Angola Engenheiro José Eduardo dos Santos.



◀ 26. Jornalista, historiador, escritor Serguei KOLOMNIN em 2008, após a publicação de numerosos artigos dedicados à verificação do destino dos assessores e especialistas militares soviéticos em Angola, ganhou o Prémio do Fundo Russo de A. Borovik «Pela contribuição para o jornalismo independente e as investigações jornalísticas na imprensa russa».

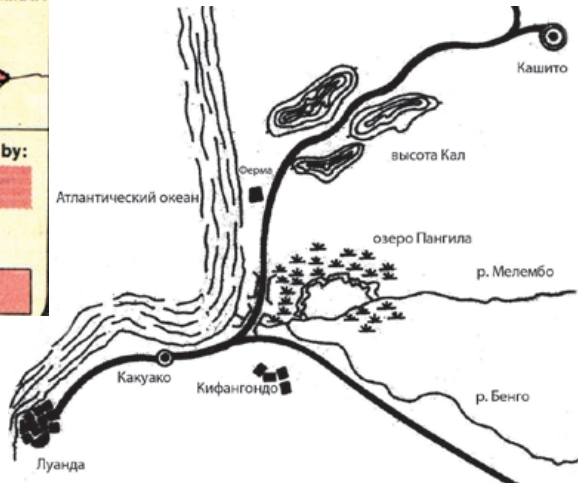






27. Em meados de Setembro de 1975 Angola, de facto, ficou dividida em três zonas de influência ficando cada uma delas controlada por um dos três Movimentos.

28. No livro “A Guerra em Angola” (La Guerra de Angola), baseado nas recordações dos participantes cubanos daqueles eventos, há um esquema da área de Quifangondo, terra de gente camponesa, que naquele momento era um palco de um conflito internacional.



29. Uma raríssima foto reflecte a chegada dos BM-21 soviéticos no Pointe-Noire (Congo-Brazzaville). Novembro de 1975.

30. Durante a sua primeira visita a Angola, o líder cubano Fidel Castro no dia 14 de Março de 1977 deslocou-se a Quifangondo onde António dos Santos França “Ndalú” contou-lhe em detalhes sobre a Batalha do Quifangondo.





31. O ex-Chefe da Artilharia das FAPLA na Batalha do Quifangondo Roberto Leal Monteiro “Ngongo” durante a intervenção na Conferência sobre a Batalha do Cuíto Cuanavale (Moscou, 2018).

32. Roberto Leal Monteiro “Ngongo” junto e general Sijeleca, após o acto de condecoração com medalhas da URVA. Luanda, 2015.



33. Autor do livro Serguei KOLOMNIN no Museu da História militar de Luanda.





◀ 34. A delegação da União Russa dos Veteranos de Angola foi recebida por João Manuel Gonçalves Lourenço na qualidade de Ministro da Defesa Nacional. 2015.

35. Foto das altas patentes do MinDef e delegação da União Russa dos Veteranos de Angola após o acto de condecoração com medalhas da URVA. Luanda, 2015.



36. Brigadeiro Simão Carlitos Wala e autor do livro Serguei KOLOMNIN na Sede da União Russa dos Veteranos de Angola. Moscovo.



37. Ex-combatante da Batalha do Quifangondo general da reserva Roberto Leal Monteiro "Ngongo" foi recebido na Sede da União Russa dos Veteranos de Angola. 2018.

38. Comandante da FANA Coronel-General Francisco Lopes Gonçalves Afonso «Hanga» e general Mateus com veteranos russos durante o acto de comemorações do 30º Aniversário da Victoria na Batalha do Cuíto Cuanavale. 2018.





▲  
**39.** Entrega da Medalha de Ouro da URVA «Pela Cooperação: Angola – Rússia» ao João Manuel Gonçalves Lourenço. Moscovo. 2015.



▲  
**40.** Comandante da FANA Coronel-General Francisco Lopes Gonçalves Afonso «Hanga» (à direita) é o Membro de Honra da União Russa dos Veteranos de Angola.



◀  
**41.** Entrega da medalha da URVA “30 Anos da Victória na Batalha do Cuíto Cuanavale” ao Ministro da Estado Chefe da Casa de Segurança do Presidente de Angola – Pedro Sebastião. 2018.

42. General Xavier, no topo, entre dois tradutores Russos, do 1º Curso de Oficiais Superiores na Cidade do Huambo após transferência da Cidade de Luanda.



43. General Xavier e o Veterano russo de guerra Alex na visita à Placa erigida no P. Comando imortalizando os seus Heróis.



44. Explicação dos Quadros Morais inseridos no Monumento de Quifangondo durante a sua visita em 2017.



## ÍNDICE

Prefácio à edição em português .....	05
Introdução .....	08
NavésperadaIndependência.....	15
Decisão soberana de Havana.....	26
“O pequeno-almoço em Caxito e o jantar em Luanda” .....	30
Composição e número das tropas das partes beligerantes na véspera da Batalha .....	36
O desenrolar da Batalha de Quifangondo (23 de Outubro – 10 de Novembro de 1975) .....	50
A primeira etapa da Batalha (de 23 de Outubro a 4 de Novembro) .....	51
Quando foi destruída a ponte sobre o rio Bengo? .....	54
Segunda etapa da Batalha (5–8 de Novembro de 1975) .....	61
Reforço das partes beligerantes na véspera do combate decisivo do dia 10 de Novembro de 1975 .....	66
Bombardeamento aéreo das posições das FAPLA em Quifangondo: Mito ou Realidade? .....	72
Terceira etapa da Batalha (de 9 a 10 de Novembro de 1975) .....	76

---

<b>“A intervenção da artilharia reactiva salvou a capital” .....</b>	<b>85</b>
<b>Vitória do internacionalismo .....</b>	<b>91</b>
<b>Anexo 1. Pedro Marangini. “Quatro MLRS BM-21 “Grad” deteram os inimigos que avançavam sobre Luanda e mudaram o rumo da guerra? Sim, mas como arma de efeito moral e não destrutiva” .....</b>	<b>109</b>
<b>Anexo 2. Entrevista do ex-combatente da Batalha do Quifangondo ao lado da FNLA Pedro Marangoni, cedida ao Serguei Kolomnin em Fevereiro de 2010 .....</b>	<b>111</b>
<b>Anexo 3. General Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier. “A nossa História Militar foi bem enriquecida” .....</b>	<b>120</b>



Serguei KOLOMNIN

---

# BATALHA HISTÓRICA DE QUIFANGONDO

---

ISBN 978-5-6041123-1-1

Editorial «Ethnica», Moscovo,  
tel.: +7 (901) 500-05-65  
ethnica.studio@gmail.com  
[www.ethnica-studio.ru](http://www.ethnica-studio.ru)

Responsável pela edição S. Balakleev  
Design da capa: A. Simonov  
Maquetização: A. Simonov  
Tradução em português:  
A. Ivanov, A. Chercassky, S. Kolomnin

Assinado para impresso 18.06.2018  
Formato 84x108 1/32. Volume 4  
Papel offset nº1. Impressão offset.  
Fonte Times  
Tiragem 2000 ex.

Отпечатано в соответствии с предоставленными материалами  
в ООО «ИПК Парето-Принт», 170546, Россия, Тверская область,  
Промышленная зона Боровлево-1, комплекс № 3А, [www.pareto-print.ru](http://www.pareto-print.ru)

Заказ № 4954/18

“Aquele dia foi o pior da minha vida... Quando vi como a chuva de mísseis arrasava as minhas tropas, desejei que a terra se abrisse e me engolisse”

*Presidente da FNLA, Comandante em Chefe do ELNA Holden Roberto.*

“Tiros de morteiros de 120 mm e salvas dos BM-21 partipam como chuva de ferro do morro de Quifangondo e bateram em diferentes ângulos contra as posições da FNLA.... A intensidade do fogo dos BM-21 criou um pânico geral no seio de todas as forças: entre os mercenários, angolanos e zairenses, tendo até os blindados zairenses atropelado a sua tropa na precipitação e urgência em abandonar o terreno... A verdade que seja dita, ninguém poderia resistir a câdenia de flagelamento dos BM-21”

*Chefe militar do ELNA, ex-combatente da Batalha do Quifangondo General Tonta Afonso de Castro*

“Se o indisciplinado exército zairense entrasse em Luanda, tudo seria arrasado e saqueado e uma avalanche de tropas de Mobutu Sesse Seko se despejariam pela fronteira norte, numa ocupação criminosa”.

*Ex-combatente da Batalha do Quifangondo ao lado da FNLA Pedro Marangoni*



Serguei KOLOMNIN, o autor do livro “Batalha Histórica de Quifangondo” é Vice-Presidente da União Russa dos Veteranos de Angola, coronel da reserva da FA da Rússia. Cumpriu duas missões internacionais em Angola em 1977–1978 e 1980–1983, tendo trabalhado na FAPA/DAA de Angola. Formado pelo Instituto Militar do Mîndef da URSS, em 1984–1991 exerceu as funções do oficial do Departamento Especial de Guerra Psicológica da Direcção Política Principal do Exército Soviético e da Marinha de Guerra.

Jornalista, historiador, escritor. Associado da Federação Internacional de Jornalistas e da União de Jornalistas de Moscovo, autor dos livros em russo “Forças Especiais Russas em África” (Editora EKSMO, Yauza, 2002), “Rasto Russo em Kifangondo. Páginas Desconhecidas da História da África Negra”, (Editora Ethnika, M, 2014), “Nós Cumprimos o Nosso Dever! Angola: 1975–1992” (Editora Ethnika, 2016), além de várias publicações na imprensa russa, dedicadas à guerra em Angola em 1975–1992 com a participação dos militares soviéticos e russos.

Laureado dos Prémios Literários do Ministério da Defesa da Rússia em 1995 e 2013. Em 2008, após a publicação de numerosos artigos dedicados à verificação do destino dos assessores e especialistas militares soviéticos em Angola, ganhou o Prémio da Fundo Russo de A. Borovik “Pela contribuição para o jornalismo independente”.

## BATALHA HISTÓRICA DE QUIFANGONDO



“O livro de Serguei Kolomnin “Batalha Histórica de Quifangondo” é um trabalho extremamente valioso, completo, exaustivo e por vezes repetitivo nas acções militares (mas penso que é bom para motivar a discussão), serve para estudo e suporte para quem quer escrever sobre a sua experiência ou tirar elações para outros livros que possam surgir. Numa palavra concluo “Obrigado”. A nossa História Militar foi bem enriquecida e os objectivos cumpridos”.

*General das FAA na reserva Carlos Alberto da Silva e Mello Xavier*



ISBN 978-5-6041123-1-1



9 785604 112311